

ILUSTRAÇÃO



Natal-1927

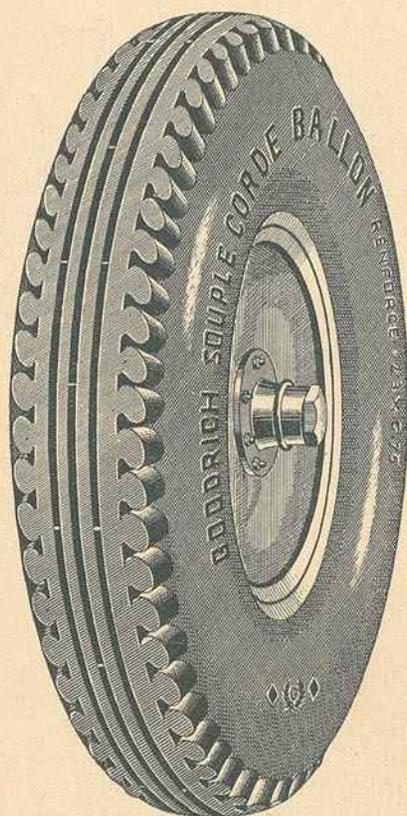
A MELHOR
SOCIEDADE DE
TODO O MUNDO,
ATÉ A CHINA
PREFERE O

CHÁ
HORNNIMAN



REPRESENTANTES:

No NORTE - Amadeu Ribeiro da Cunha - Rua Fernandes Thomaz, 379 - PORTO
No SUL - Carlos de Sá Pereira L^{da} - Rua Arco do Bandeira, 115 - LISBOA



GOODRICH

O PNEUMÁTICO MAIS
RESISTENTE E DE
MAIOR RENDIMENTO

AGENTES GERAIS:

OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, P. Duque da Terceira
LISBOA

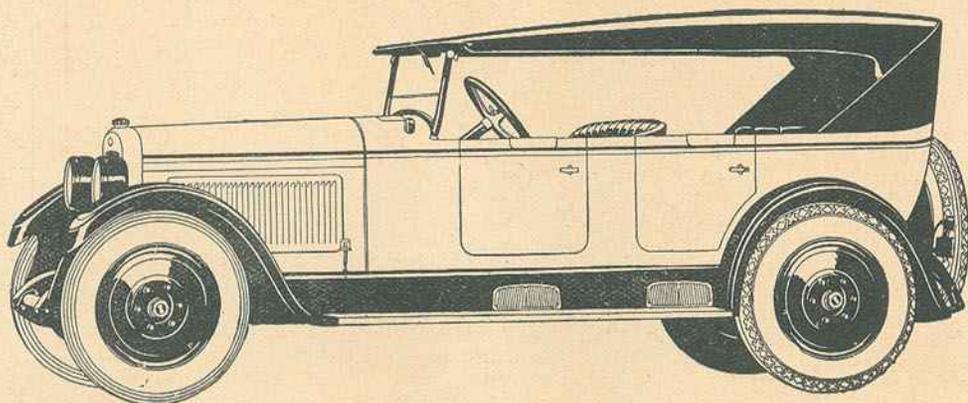
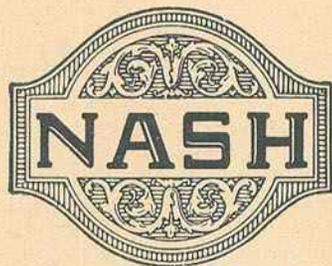
59, Avenida dos Aliados
PORTO

OS MAIS PRATICOS E RESISTENTES

AUTOMOVEIS

DIVERSOS TIPOS

O CARRO UTILITÁRIO



AGENTES GERAIS: OREY, ANTUNES & C.^A L.^{DA}

4, Praça Duque da Terceira — LISBOA

59, Avenida dos Aliados — PORTO

VERAMON



KIRCHBACH



**Se sofre de dôres
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.



Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39

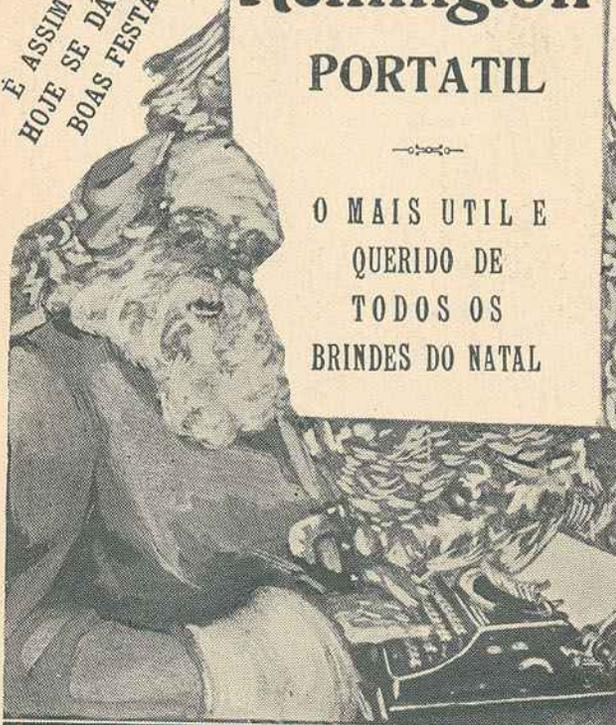


É ASSIM QUE
HOJE SE DÃO AS
BOAS FESTAS

Remington

PORTATIL

O MAIS UTIL E
QUERIDO DE
TODOS OS
BRINDES DO NATAL



ELA SEGUE PELO CORREIO
COMO ENCOMENDA POSTAL

REMINGTON

LISBOA — R. NOVA DO ALMADA, 109
PORTO — R. Mousinho da Silveira, 73
COIMBRA — R. Ferreira Borges, 119
FARO — R. Direita, 19



MERCADO INTERNACIONAL

EM LISBOA

DE PAULINO FERREIRA

Rua Nova da Trindade, 23-25
Rua da Palma, 95-99



EXPOSIÇÃO E VENDA DIRECTA
AO PUBLICO POR CONTA
DE FABRICANTES ESTRANGEIROS

COLOSSAL SORTIMENTO
DE SERVIÇOS DE JANTAR DESDE ESC.
395\$00

Serviços de café, chá e toilette. Jarras e bibelots em porcelana, vidro, biscuit e metal. Licoreiros. Chavenas para café, chá e caldo. Estatuetas em biscuit e marmore italiano. Caixas para bolachas, bombons, amendoas, pó de arroz. Relógios em biscuits. Tinteiros e serviços para escritório. Copos de vidro, cristal e fantasia. Caixas de papel de carta

TODOS OS ARTIGOS TEEM OS PREÇOS MARCADOS

Todas as porcelanas são das melhores fabricas da Bavaria e da Bohemia

ASPIRADOR DE PÓ SIEMENS "PROTOS"



1.º PRÉMIO EM PROVA DE QUALIDADE

Consumo 150 vátiós, correspondendo a 25 centavos por hora — Esc. 900\$00 — COMPLETO —

DIRECCÃO PARA REVENDEDORES:

SIEMENS, L.^{DA}

LISBOA — R. da Prata, 108 PORTO — R. das Carmelitas, 12



A VIDA CÔR DE ROSA...

O segredo da felicidade está na saúde. Para a obter ou para a conservar, é preciso primeiramente assegurar o bom estado dos órgãos digestivos, que a regem e a mantêm. Para esse fim deve-se adquirir o habito — facil de contrahir e agradável de conservar — de beber todos os dias um copo de ENO's "Fruit Salt" (Sal de Fructa ENO).

Isento de assucar, sal mineral purgativo, o ENO contem muitas das propriedades beneficas da fructa. De sabor agradável, tem uma acção laxativa maravilhosamente suave e natural. E' salutar simultaneamente ao figado e ao estomago.

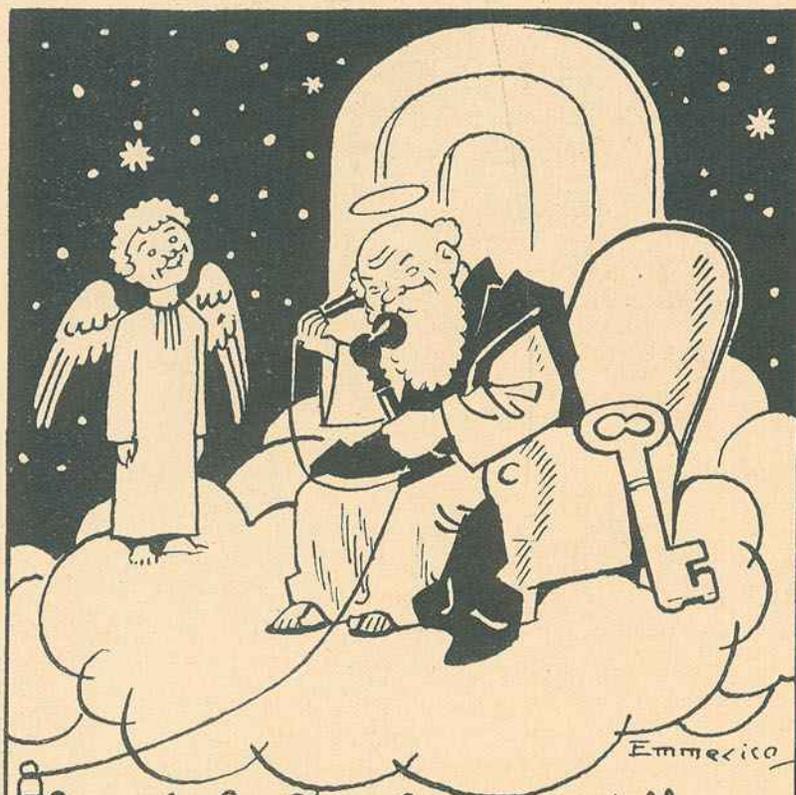
Livre de todas as impurezas, o sangue virá colorir semblantes saudaveis, e por esse motivo felizes, e animados pela verdadeira alegria de viver.

"SAL de FRUCTA"

ENO

"FRUIT SALT"

Depositarios em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY & C^o LTD, 8, Caes do Sodre, LISBOA.



-Está lá?-- É da Livraria Aillaud & Bertrand?-- Aqui fala S. Pedro! Desejo que me enviem com urgencia o

MAGAZINE
BERTRAND

o unico que tem entrada no Ceu!

GARCEZ, L. ^{DA}

Rua Garrett, 88 - LISBOA

TODOS OS ACESSÓRIOS
PARA FOTOGRAFIA

*A maior colecção de aparelhos
fotograficos de todo o pais*

Chapas, papeis
e peliculas da
celebre marca:

GEVAERT

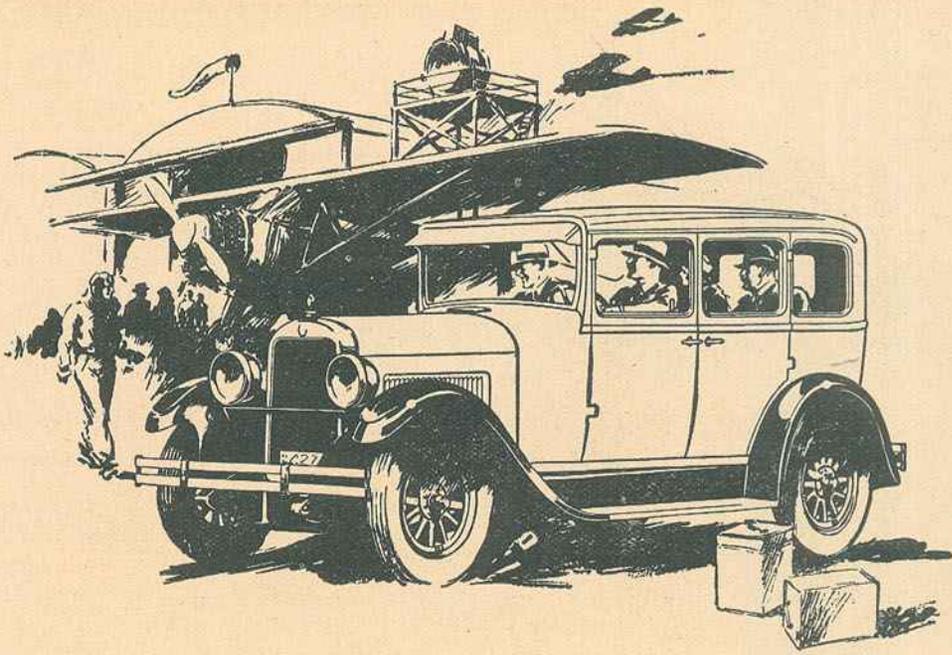
Trabalhos para Amadores

BINOCULOS

PARA

TEATRO E CAMPO

Aparelhos
de **T.S.F.**



QUALIDADE, VALOR, ESTILO

Nunca a Qualidade e Valôr de «Dodge Brothers» se evidenciaram tanto como no Novo modelo de «Quatro» cilindros.

A sua reconhecida resistência foi elevada a novos níveis; a sua afamada segurança é hoje mais patente que nunca.

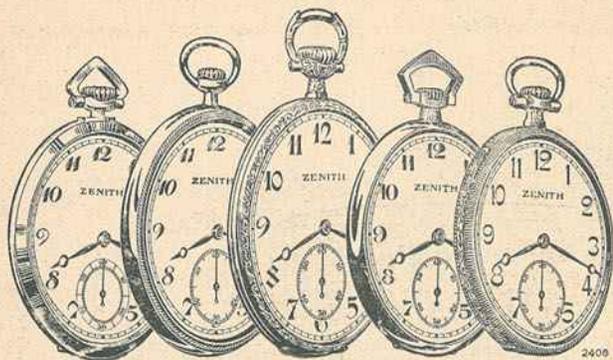
Além disto, novo estilo, nova beleza, um surpreendente funcionamento que faz deste carro não só o melhor produto que «Dodge Brothers» tem apresentado como ainda a base do critério com que serão apreciados os carros de futuro de preços moderados.

BERNARDINO CORRÊA LTD.

SECÇÃO DE AUTOMÓVEIS

LISBOA — PORTO — LOANDA

AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS



“ZENITH”

Principais classificações obtidas nos concursos anuais do Observatorio Neuchatel:

O PRIMEIRO prémio da série entre fabricantes, obtidos consecutivamente pela quarta vez desde 1923 a 1926.

O PRIMEIRO dos primeiros prémios em cronómetros de bolso obtidos consecutivamente pela sexta vez desde 1921 a 1926.

DIAS, COSTA & COSTA

CASA BANCARIA
Estabelecida em 1874

76, 78, 80, 1.º, Rua Garrett
LISBOA

Telefones: C. 380, C. 2525, C. 2310
End. teleg.: «PUSHING» P B X

CONTAS CORRENTES,
DEPÓSITOS Á ORDEM E A PRAZO
CHEQUES, TÍTULOS
CAMBIAIS, COUPONS, DESCONTOS
CARTAS DE CRÉDITO

SECÇÃO DE SEGUROS
SECÇÃO MARITIMA
SECÇÃO DE TRANSITO
E DE MERCADORIAS

Usamos todos os principais códigos telegráficos

MARAVILHOSO INVENTO



PORTUGAL

Os cabelos brancos retomam a sua primitiva cor natural com o uso do Insubstituível AZEITE VEGETAL A. S. O. Não mancha absolutamente nada, usando-se com as mãos como qualquer brilhantina. O uso deste acreditadíssimo AZEITE não é para tingir os cabelos em tal ou qual cor: é unicamente para restituir aos cabelos brancos a sua primitiva cor natural quer tenham sido loiros, castanhos ou pretos, evitando a calvicie e eliminando a caspa.—Caixa 35\$00.

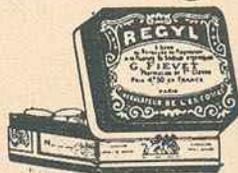
Sociedade de Productos Farmacêuticos, Limitada
Rua Jardim do Regedor, 21 — LISBOA

Dôres do Estomago

alliviadas

com o

REGYL



**DIGESTÕES PENOSAS
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS**

Um comprimido depois de cada refeição.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

Laboratoires MILLET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS



WOODSTOCK "ELETRICA"

A maquina mais aperfeiçoada do mundo.

A sua mecanica é uma maravilha, a suavidade com que se escreve é uma tentação para o datilografo.

O carreto, é mais amplo do que qualquer, e as suas inumeras vantagens são inigualaveis.

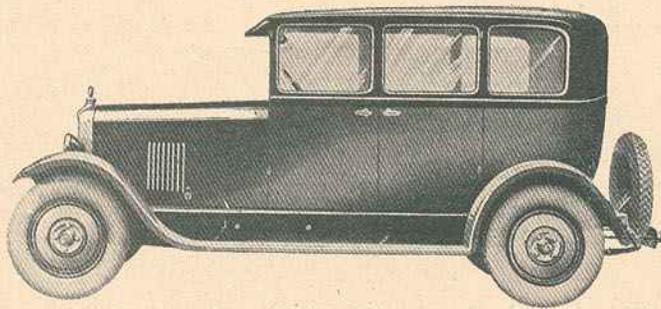
EXPOSIÇÃO E VENDA:
J. GONÇALVES

Calçada do Carmo, 10
LISBOA

O GRANDE EXITO DOS AUTOMÓVEIS

CITROËN

é devido a varios factores que os colocam em um plano de superioridade até hoje nunca atingido por nenhuma marca.



O TORPEDO DE LUXO (modelo 1928)

Esc. 22.500\$00

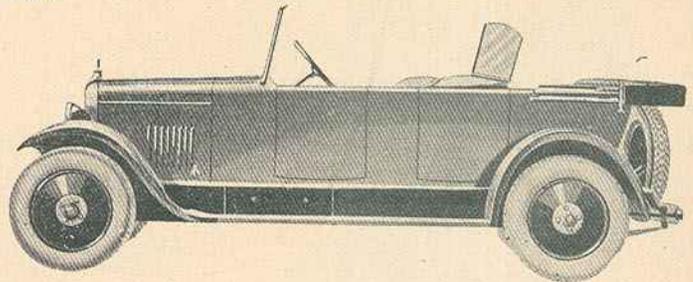
Distingue-se de todos quantos existem no mercado.

A CONDUITE INTERIOR

(modelo 1928)

Esc. 26.500\$00

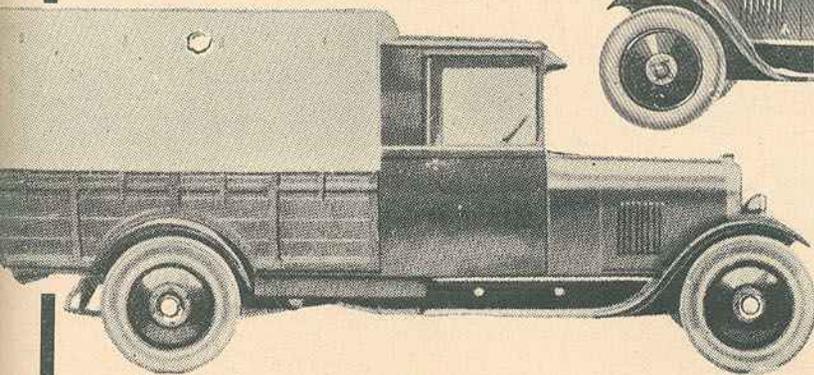
Já pelo seu preço, já pela elegancia das suas linhas e ainda pelo magnifico chassis sobre que assenta, onde não faltam os maiores aperfeiçoamentos, é o carro destinado aos conhecedores de bom gosto.



CAMIONETA para 1 tonelada

Completamente carroçada... Esc. 22.500\$00

Tem aperfeiçoamentos que nem mesmo muitos carros de turismo possuem.



CABRIOLET

4 lugares capota fixa

Esc. 25.500\$00

Carro duma extraordinaria elegancia e requintado bom gosto.

Todos os nossos modelos são fornecidos com 5 rodas calçadas, travão ás 4 rodas por servo-freio, molas inteiras, dando uma soberba suspensão, purificador de oleo, ar e

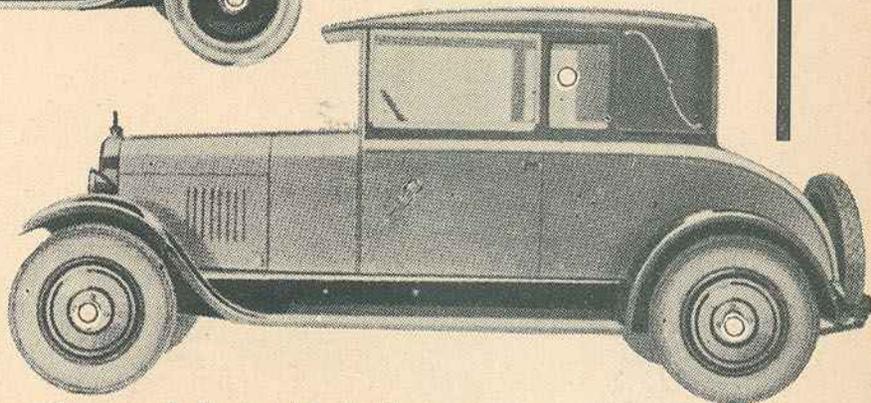
gazolina, relógio, conta-quilometros, indicador de velocidade, etc., etc.

Em deposito, grande «stock» de peças soltas para todos os modelos

Recomendamos a todos os interessados examinarem os modelos em exposição no nosso Stand. — Pedir catalogos e informações a

ALEM DOS MODELOS ACIMA TEMOS MAIS 19 TIPOS DE CARROSSERIES

AUTOMOVEIS CITROËN S. A. P. R., L.^{DA}
46 — AVENIDA DA LIBERDADE — LISBOA



**TODAS
AS
GRAVURAS**

DA ILUSTRAÇÃO

**SÃO
FEITAS**

**NA
CASA**

**BERTRAND IRMÃOS
L^{DA}**

TEL. T.96

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA

The illustration features three stylized, black-and-white figures of men in suits, each holding a large, cylindrical object. The text is integrated into the scene, with 'TODAS AS GRAVURAS' at the top, 'DA ILUSTRAÇÃO' across the middle, 'SÃO FEITAS' below that, and 'NA CASA' at the bottom left. The company name 'BERTRAND IRMÃOS L^{DA}' is prominently displayed at the bottom, along with the phone number 'TEL. T.96' and the address 'TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO 27 LISBOA'. The background is decorated with various geometric patterns, including triangles and squares with halftone or grid textures.



NATAL 1927

THE LISBON
COAL
& OIL FUEL C.^o LTD.

Deseja aos seus amigos e inumeros clientes consumi-
dores dos seus afamados produtos SHELL,
Boas Festas e um ano novo cheio de prosperidades.

SHELL

GAZOLINA, PETROLEO E OLEOS



RUA DO CRUCIFIXO, 49
LISBOA



SÓ POR MEIO DOS NOVOS
GRAMOFONES E DISCOS

"HIS MASTER'S VOICE"

SE PODERÃO OUVIR TÓDAS
AS GRANDES CELEBRIDA-
DES E AS MELHORES OR-
QUESTRAS DE TODO O
MUNDO!

COMPAREM OS NOSSOS GRAMOFO-
NES E OS NOSSOS DISCOS COM OS
DE QUAISQUER OUTRAS MARCAS!

AGENTES GERAIS :

BAZAR DO PORTO

LISBOA PORTO

R. AUGUSTA, 150-152 R. S. CATARINA, 102-108

TEL. C. 810 TEL. 1175



Grip-fix A
COLA
IDEAL

ACEIO—ECONOMIA—RAPIDEZ
Não se entorna, colando imedia-
tamente após a sua aplicação Preço 12\$00

Únicos representantes para Portugal e Colónias

AILLAUD, LIMITADA

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

È FACIL SER ROBUSTO

Basta tomar ao pequeno almoço e ao lanche
uma chicara de

BANANIA

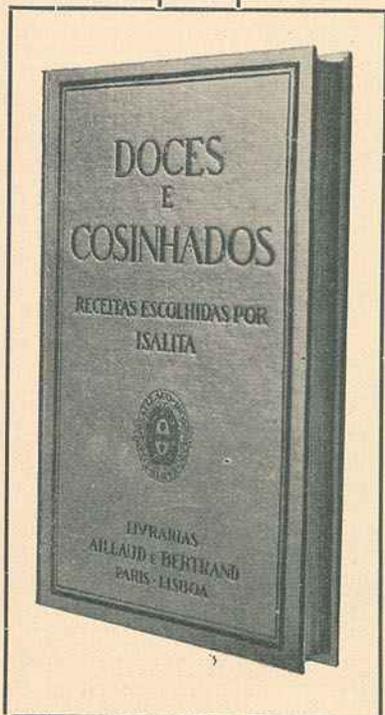
O melhor e mais agradável dos alimentos
para todas as idades

BANANIA, S. A. — COURBEVOIE, FRANÇA

AGENTE EM PORTUGAL:

C. E. MOITINHO D'ALMEIDA

Rua da Prata, 71, 1.º — LISBOA



DOCES
E
COSINHADOS
RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

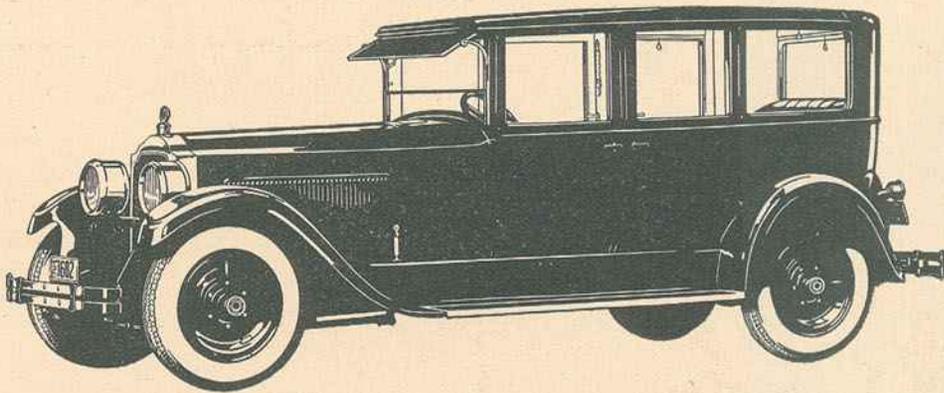
Esc. 25\$00

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Packard

O MAIS ELEGANTE DOS CARROS



O AUTOMOVEL DOS ENTENDEDORES



SALÃO DE EXPOSIÇÃO:
4, Praça Duque da Terceira (Cais do Sodré)

AGENTES GERAIS

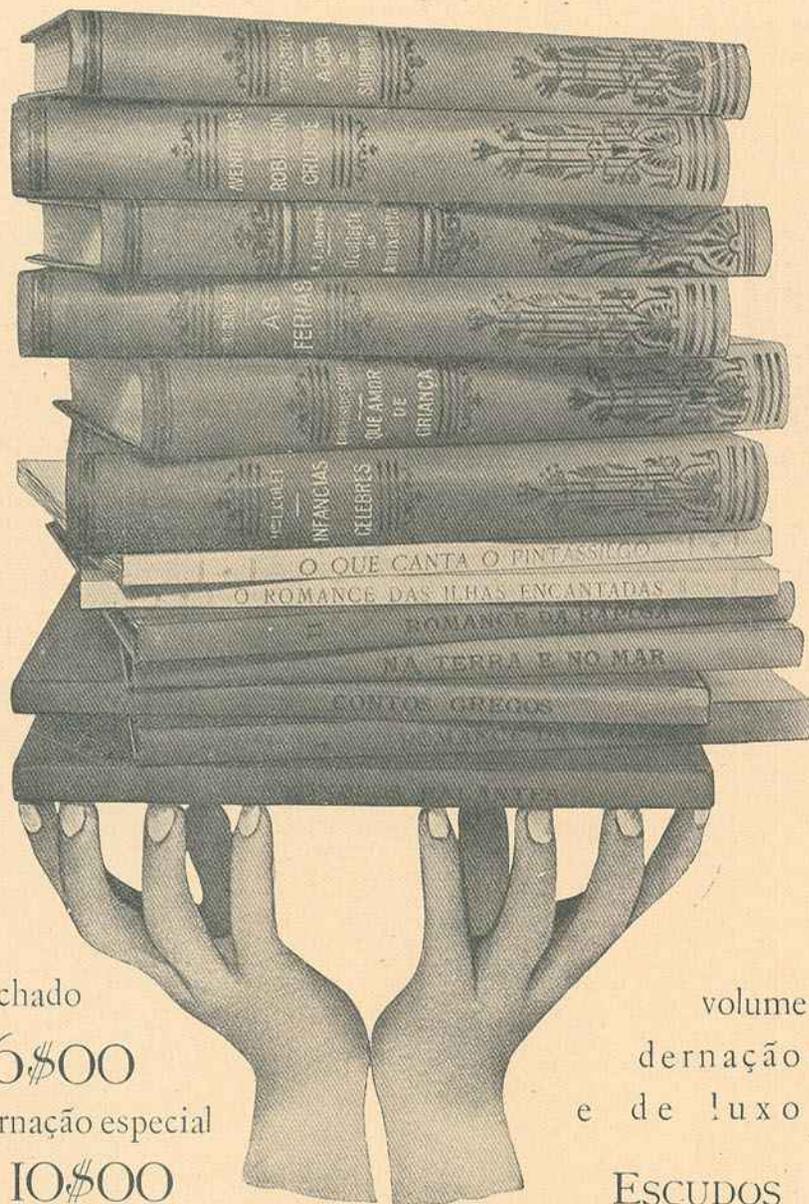
OREY ANTUNES & C.^A L.^{DA}
LISBOA — PORTO

O MELHOR BRINDE PARA CRIANÇAS

EDIÇÕES ILUSTRADAS

BI-
BLI-
O-
TE-
CA

IN-
FAN-
TIL



BI-
BLI-
O-
TE-
CA

RO-
SA

Cada
volume brochado
Esc. 6\$00
com encadernação especial
Esc. 10\$00

Cada
volume com enca-
dernação especial
e de luxo
ESCUDOS 12\$00

PEDIDOS AOS EDITORES: LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA



O Natal é o tempo da alegria, e, onde há felicidade, deve haver um Kodak para a recordar. Ofereça um Kodak ao seu ente mais querido, no próximo Natal, e assim ele tirará fotografias, outras tantas recordações da sua felicidade. Um Kodak recordará para sempre os seus felizes momentos.

**Natal: o tempo proprio
para dar um
Kodak**

*Peça ao mais proximo Revendedor fotografico
que lhe apresente os ultimos modelos.*

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.



Que frio!

Não ha certamente cousa mais agradável para o seu Esposo do que, depois de um dia de trabalho e talvez de contrariedades, ser recebido com um quente sorriso dentro de uma casinha bem aquecida



caloriferos da
VACUUM

A venda na
Vacuum Oil Company
Rocio, 67 Telef. 3075 e nas suas Agencias

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»

R. d'Alegria, 30-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.^{DA}

R. Anchieta, 25-Lisboa

DIRECTOR:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO:

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANO 2.º — NÚMERO 48

16 DE DEZEMBRO DE 1927



A SAGRADA FAMÍLIA E SÃO JOÃO

(GRAVURA DE GIOVANNI ANTONIO DA BRESCIA, ESCOLA DE ANDREA MANTEGNA)

CRÓNICA DA QUINZENA

Rezam as Escrituras que foi há mil novecentos e tantos anos... Numa estalagem de Betlem um menino vinha á luz no estábulo, aonde como tôda a gente pobre de burros e atafais, se acolhera o casal de José e Maria, enquanto na sala travejada a cipreste ou na cosinha de lagedo se banquetevam rabinos ricos e ventrudos mercadores de Sidon. Quem era o recém-nascido, deitado sôbre palhas, aquecido ao bafo dos animais? O Redemptor. Para uns era o redemptor da Judea, para outros o redemptor do mundo, finalmente para a sábia e dogmática teologia foi o redemptor do género humano, privado do gozo de Deus, após a culpa de nossos primeiros pais.

A primeira missão era digna dum grande homem, mesmo dum demiurgo. A Judea gemia sob o férreo jugo de Roma. Decadentes, aviltados, miseráveis, os judeus não tinham perdido o sentido de independência, próprio dum povo semi-nómada, e o estrangeiro lhes era insuportável. Para cúmulo o estrangeiro ditava leis em sua casa, ocupava os seus palácios e fazia sentinela aos seus templos, sacudia-lhes a molície asiática e desensurrava-os da sordidez em que viviam, crucificava os ladrões dos caminhos, bastos como gafanhotos, abria aquedutos e estradas, internava os leprosos, e protegia a viúva e o órfão. O povo arrasa-montanhas revolvia a terra santa dos patriarcas e esta intrusão salutar era intolerável ao judeu.

Os partidos, porque outra coisa não eram as seitas de fariseus, saduceus, essênios, organizadas sob um regime teocrático exploravam êste rancor e as manias de autocentrismo a que são atreitos os povos no cativo ou na decadência. Para o hebréu o seu deus era o único, a sua terra a melhor, as

suas leis as mais sábias, o seu sol o mais luminoso, a sua poesia, a sua literatura, a sua jurisprudência as mais conspícuas do universo. Mares além, desertos fora, era a terra, o mundo indesejado.

Quem libertaria o leão da Judea da férrea jaula romana? Quem lhe restituiria o pleno gôso dos seus campos pequeninos e de seus olivais decepadados, de seus ghotos piohentos, de suas cisternas meffíticas, de tôda a sua lazarenta e livre gandaia? E os males, imaginários uns, reais outros, de que sofriam, eram atribuídos de partido a partido, e as sinagogas, os sinédrios, os átrios dos templos eram lugares de desordem e de confusão. Os Messias pululavam nas alfurjas e na acidentada terra transjordânica. Uma voz alucinada, um gesto heróico, uma linguagem anfibológica, e haveria sempre turba para sagrá-lo redemptor e levantá-lo nos escudados.

Assim appareceu aos zagais, aos magos em viagem, aos bons paroquianos de Betlem como Messias, esta criança nada em palhas, filha duma doce e linda mulher, acaletada pelo hálito dos animais, tudo de acôrdo com as profecias. Perdeu-se o menino maravilhoso pelo Egipto, pela vida fora, até os trinta anos, sem se lhe descobrir outro rasto que a sua controvérsia com os doutores. E aos trinta anos os patriotas não se iludiram segunda vez: não era aquele o salvador da Judea.

Salvador do mundo, com a triste e pobre Judea dentro, o julgaram meia dúzia de iluminados que o viram prègar às multidões e

o viram morrer no madeiro. A tarefa estava à altura dum deus. Mas Jesus, de teorias sociais, sabia menos que um operário, hoje, da construção civil, e o mundo continuou a arrastar-se no meio da dôr, da injustiça, da oppressão duns e miséria dos outros. A divina ética melhorou, mas não resgatou o homem. Nêle e no próprio triunfo e difusão do cristianismo podemos verificar a falência da moral sob o ponto de vista de emancipação humana.

Assim o teriam observado os santos padres, os teólogos de mente irrefragável, que do menino de Betlem, e do Cristo morto no patíbulo, idearam o mensageiro celeste que veio resgatar o homem da culpa original. Veiu, em suma, ilibar-nos dum crime anterior, eriar uma fórmula jurídica no domínio teológico que era velha na legislação dos mais velhos povos. E a muitos não se figurará compatível com a altura dum deus a obra de Jesus.

Para Maria, aquella terna madona que os primitivos italianos cobriam com manto azul e túnica côr de rosa, o bambino delicioso era mais que tudo seu filho amado. As suas lágrimas, ao pé da cruz, eram humildes, correntes, em bagadas, impregnadas da mesquinha dôr humana; para prantearem conscientemente um deus, teriam de ser estrêlas; se fôsem ainda duma patriota, seriam altivas e silenciosas. Mas quem teria ânimo de esflorar a inefável página do Natal até sacudir a sua fragrância recatada? Nasceu o Menino-Deus em Betlem e é a alegoria da multiplicação humana na sua interpretação mais poética. Cai neve, cai chuva, mas florescem roseirais nas almas. Hossana!

AQUILINO RIBEIRO.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA



Octavio Mangabeira
Rio, 11-6-1927.

HOMENAGEM DA «ILUSTRAÇÃO» AO SR. DR. OCTAVIO MANGABEIRA, ILUSTRE PARLAMENTAR E EMINENTE CHANCELER BRASILEIRO, UM DOS MAIS NOVOS E NOTAVEIS POLITICOS DAQUELA GRANDE NAÇÃO

SOCIEDADE
BRAZILEIRA
E
SOCIEDADE
PORTUGUESA



A Ex.^{ma} Sr.^a D. Lola Ribeiro de Souza, gentilíssima esposa do nosso considerado e benemérito compatriota Ex.^{mo} Sr. José Antônio de Souza, comendador da Ordem de Cristo, grande industrial, comerciante e banqueiro, sócio gerente da casa Sotto Maior & C.^a, no Rio de Janeiro, e os gentis filhos do distinto casal, Antoninho, Maria Candida e Maria Célia



CASAMENTOS ELEGANTES



O casamento da Sr.^a D. Maria Isabel de Melo Breyner (Mafra), com o Sr. João do Casal Ribeiro Ulrich, enlace que uniu estreitamente duas das mais consideradas e distintas famílias da nossa grande sociedade, chefiadas pelos Ex.^{mos} Srs. Dr. D. Tomaz de Melo Breyner e Dr. João Enes Ulrich

A direita: O casamento do nosso querido camarada na imprensa Adolfo Vieira da Rosa, representante da United Press, consórcio que o une a uma das melhores famílias da bela vila do Bombarral

Os noivos, pessoas de família e convidados, após a benção matrimonial



O ilustre jornalista brasileiro Ex.^{mo} Sr. Olival Costa, recentemente agraciado com a comenda de Cristo, director das *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, importantes jornais de São Paulo, sua Ex.^{ma} esposa e seus filho e sobrinho, quando da sua estada ha pouco em Portugal





DESENHO INÉDITO DO PINTOR EDUARDO MALTA
NO ALBUM DO PROFESSOR CUSTÓDIO CABEÇA



UMA GRANDE «VIRTUOSE»

(Foto Vandor-Paris)

MADAME MARIE LEVÊQUE DE CASTELO LOPES, NOTABILÍSSIMA «VIRTUOSE» DO PIANO E UMA DAS MAIS FORMOSAS SENHORAS DA NOSSA SOCIEDADE, QUE NOVAMENTE NOS DESLUMBROU, NO PASSADO DIA 18, COM OS PRIMORES DO SEU TALENTO DE GRANDE INTÉRPRETE EM CONJUNTO COM A ORQUESTRA BLANCHI.

FIGURAS DO MOMENTO



COLUMBANO BORDALO PINHEIRO

O grande pintor português acaba de ver o seu auto-retrato inaugurado na célebre Galeria Pitti, honra esta que só tem sido concedida aos maiores pintores do mundo.

(Caricatura de Roberto Nobre).



A RAINHA DA ROMÊNIA

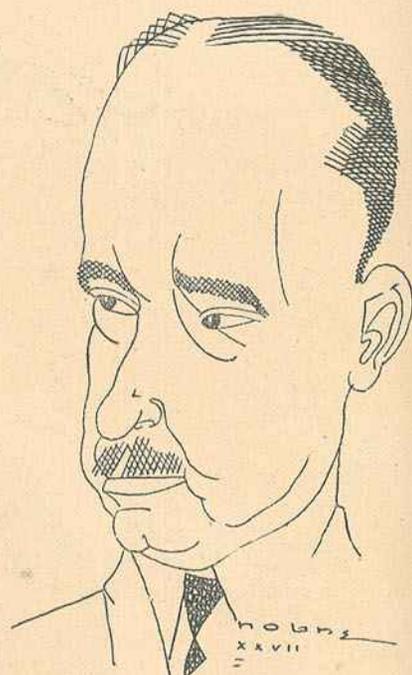
EMINENTE mulher de letras, contista, argumentista de filmes e poetisa, figura em singular evidencia nos Balkans, pela agitação que produziu a morte de Bratiano e as pretensões ao trono da parte de seu filho, o príncipe Carol.



ADELINA ABRANCHES

A excelsa actriz, glória dos palcos portugueses, que actualmente interpreta personagens de revista num teatro popular.

(Caricatura de Roberto Nobre).



MANUEL RIBEIRO

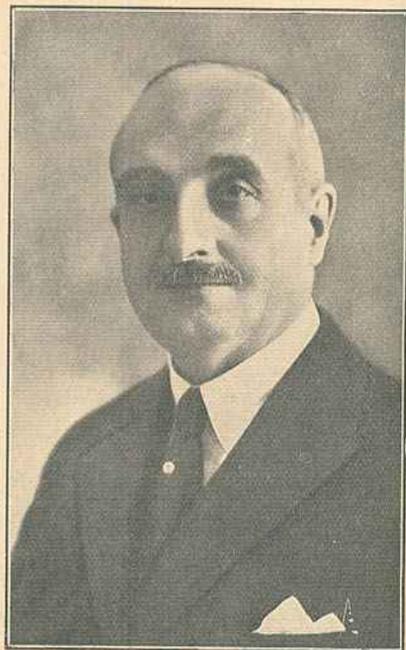
PROSADOR de mérito e romancista de inegavel talento, que acaba de obter mais um êxito de livraria com o seu formoso e original volume «Planície Heróica».

(Caricatura de Roberto Nobre).



O PRÍNCIPE HERDEIRO DA ROMÊNIA

O filho do príncipe proscrito Carol, este loiro infante, é o herdeiro do trono do grande rei Fernando da Romênia. Morto Bratiano, o chanceler eminente, sob a fraca tutela de sua avó, a rainha Maria, o pequeno rei vê o seu lugar disputado ferozmente por seu proprio pai!...

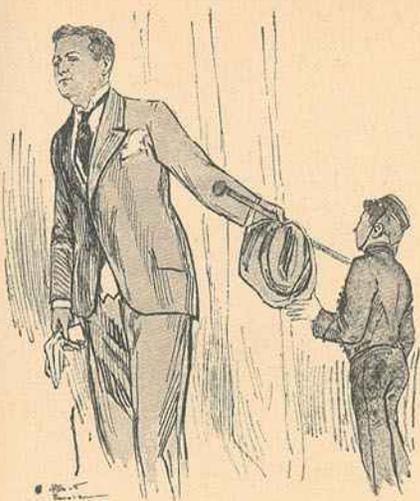


DOCTOR LUCIEN GRAUX

ILUSTRE escritor francês, autor do belo livro «O Outono de Adonis», que constitui o mais palpitante êxito literário da época presente em França. O doutor Lucien Graux, num impecavel estilo em que o humorismo se alia paradoxalmente à severidade, dá-nos em «O Outono de Adonis» uma pujante e formosa obra literária, de acerba crítica aos costumes dissolutos da época que corre e de fulgurante beleza de forma.

P A P Á

CONTO DIALOGADO



No gabinete do director de um Banco. Pesados reposteiros de veludo verde. O PAI, banqueiro elegante, quarenta e cinco anos, «homme-à-femmes», manieras distintas, ar enjoado de pessoa que se aborrece de ser feliz, entra, dando a um GROOM o chapéu e a bengala «pomme d'ors». Altra sobre a mesa as liras. Mesmo de pé, abre duas ou três cartas, examina a orquídea vermelha que boceja num sollário de prata, passa os olhos por um jornal. Minutos depois, aparece de novo o GROOM.

GROOM—Está lá fora uma senhora.

O PAI—Não recebo ninguém.

GROOM—Diz que é um assunto urgente.

O PAI—Não recebo ninguém. Dize que não estou.

GROOM—É uma senhora nova e bonita.

O PAI—Manda entrar.

O reposteiro afasta-se. Entra a FILHA, rapariga de menos de vinte anos, loira, pintada, viva, nervosa, «bérets» azul, saias curtas, figura de cariz futurista.

A FILHA—Bom dia, papá.

O PAI—És tu?

A FILHA—O teu groom não me conheceu.—Julgavas que era outra pessoa?

O PAI—O que é tu que queres?

A FILHA—Venho conversar contigo. Dás licença?

O PAI—Sabes que não gosto que me procurem no Banco.

A FILHA, *sentando-se*.—Agora, já não há remédio.

O PAI—Podia estar em conferência com os outros directores.

A FILHA—Ainda não veio nenhum.

O PAI—Ou a despacho com o Bentley.

A FILHA—Vinha para cá, mas eu mandei-o embora.

O PAI—Mandaste-o embora?

A FILHA—Ésse, ao menos, conheceu-me. «Good bye, Miss Nelly!»

O PAI—Então tu mandas-me embora os empregados?

A FILHA—Primeiro estou eu. Preciso de conversar contigo a respeito de coisas sérias.

O PAI—Se vens tratar de coisas sérias, era melhor que trouxesses as saias menos curtas e que não te pintasses tanto.

A FILHA—Queres que eu vá para um convento, papá?

O PAI—Quero que andes decente pela rua.

A FILHA—Eu não andei pela rua. Vim de automóvel. E não estou tão pintada como tu dizes.

O PAI—Ninguém dirá que és uma rapariga de dezasete anos.

A FILHA—Tens razão. Estou uma velha.

O PAI—Estás mas é em idade de brincar com bonecas.

A FILHA—Boneca já eu sou. Mas não tenho vontade de brincar. Tenho muitas preocupações.

O PAI—Faço idea. Então, o que é que te preocupa?

A FILHA—És tu.

O PAI—Eu?

A FILHA—Não tens juizo e dás-me desgostos. Tenho que te ralhar.

O PAI—Porque é que tu dizes que eu não tenho juizo?

A FILHA—Tu bem sabes. É por isso mesmo.

O PAI—Então o mundo está mudado? Agora são os filhos que ralham com os pais?

A FILHA—Eu gosto tanto de ti, papá, que chego a convencer-me de que és meu filho.

O PAI—Mas, desde que entraste, ainda não me deste um beijo.

A FILHA—Tu recebeste-me tão mal! (Beija-o). Dize lá. Julgavas que era outra pessoa, não é verdade?

O PAI—Quem havia de ser?

A FILHA—Julgavas, sim. E ficaste contrariado quando viste que era eu.

O PAI—Julguei que era o Bentley, com a correspondência.

A FILHA—Um Bentley com as saias pelos joelhos e com os olhos pintados de azul.

O PAI—Nelly!

A FILHA—Não me dizes tu sempre, papá, que nós devemos falar com inteira franqueza um ao outro?

O PAI—Mas sem perda do respeito que uma filha deve a seu pai.

A FILHA—Se eu tivesse filhos, não queria que me respeitassem, queria que me adorassem. Eu adoro-te, papá.

O PAI—Mesmo quando eu me zango contigo?

A FILHA—Sobretudo quando tu te zangas. Acho-te muita graça. Se eu encontrasse um marido como tu, casava-me.

O PAI—Tens uma maneira de dizer as coisas!

A FILHA—Sou uma rapariga moderna. Voilà.

O PAI—Moderna demais. Fazes-me vertigens.

A FILHA—Qué? Por dizer o que penso? Eu digo sempre o que penso.

O PAI—Mas nem sempre pensas o que dizes.

A FILHA—Por exemplo, acho que tu és bonito, e digo-o a toda a gente. Faz mal? Não faz. Tenho muito orgulho em ti. Às vezes, quando vamos pela rua e as mulheres te olham, fico logo com vontade de lhes dizer:—«É bonito, mas é meu. É o meu papá!»

O PAI—Se, ao menos, todas as mulheres pensassem como tu!

A FILHA—Pensam. Tu bem sabes que pensam.

O PAI—Mas, afinal, que vieste tu cá fazer?

A FILHA—Conversar contigo, muito seriamente.

O PAI—Conversávamos em casa. Era melhor.

A FILHA—E a mamã?

O PAI—A mamã pode ouvir tudo quanto nós dizemos.

A FILHA—Isso sim! A mamã é uma criança. Não se podem ter certas conversas diante dela.

O PAI—Juizo, lá em casa, só tu.

A FILHA—Eu? Também não tenho. Sou zuca. Tenho nervos. Pinto-me demais. Quando os rapazes olham para mim, deito-lhes a língua de fora. Não sou má rapariga. Agrado. Estou na moda. (Tirando um cigarro). Incomoda-te o fumo, papá?

O PAI—Eu eduquei-te muito mal!

A FILHA—Assim, assim. A cabeça não presta, mas o coração é bom. O teu também não é mau; mas está muito gasto. Tem andado por muitas mãos.

O PAI—Foi para me dizer isso que tu cá vieste?

A FILHA—Não. Foi para te fazer um pedido.

O PAI—É alguma jóia, que tu queres?

A FILHA—É uma coisa que vale mais, para mim, do que todas as jóias. Quero que não faças chorar tanto a mamã.

O PAI—Eu?

A FILHA—Sim, tu. Ela já anda tão doente, coitadita! É uma criança, sabes? Mas é uma criança que sofre.—Prometes?

O PAI—Isso são assuntos que eu só posso tratar com tua mãe.

A FILHA—E porque não comigo?

O PAI—Porque tu és minha filha, e não minha mulher.

A FILHA—Sou tão interessada na paz do nosso lar, como a mamã e como tu. E tenho o direito de falar, porque também sófro com as tuas loucuras.

O PAI—Não são conversas que se tenham com uma criança.

A FILHA—Qual criança! Sou mulher, sou mulheríssima, e já podia ser mãe de muitos filhos.

O PAI—Aos dezasete anos?

A FILHA—Com boa vontade, podia.—A mamã chora e o meu dever é defendê-la.

O PAI—De quem?

A FILHA—De ti, e de toda a gente.

O PAI—Mas porque é que tua mãe chora? Porque tem ciúmes. Os ciúmes, numa mulher de quarenta anos, são uma forma de neurastenia como outra qualquer. Está doente e precisa de tratar-se.

A FILHA—O melhor médico ainda eras tu, se quisesses.

O PAI—Tudo quanto a mamã pensa a meu respeito são simples ilusões. Nada mais.

A FILHA—Pois é. Eu até já te vi a tomar chá com uma dessas ilusões. Por sinal que era loira e fumava por uma boquilha de palmo e meio.

O PAI—Acabemos com isto, Nelly. Eu



não quero zangar-me contigo, nem me julgo obrigado a dar conta dos meus actos a uma filha.

A FILHA — Pois os filhos são os melhores juizes.

O PAI — Mas eu não te dou o direito de me julgar.

A FILHA — Está bem, papá. Tu não me dás esse direito, mas eu tomo-o. Julgo-te bom, e tenho a certeza de que, por mais estroina que tu sejas, vais ser cauteloso daqui por diante. Eu não te peço que tenhas juizo, sabes? Era preciso que eu fôsse tóla para supôr que, pelo facto de seres meu pai, havias de ter mais juizo do que os outros homens. És bonito, estás um rapaz, as mulheres gostam de ti, e a mamã já tem os cabelos demasiado brancos para poder interessar um homem como tu. O que te peço é que faças as coisas discretamente, sem a maguar e sem a ofender. Por cada homem que se diverte, é porventura indispensável que uma mulher sofra?

O PAI — Tu és muito nova para compreender estas coisas. Os ciúmes de tua mãe são doentios.

A FILHA — Não são tal. Ela tem-te visto. Sabe muito bem o que tu fazes.

O PAI — Tem-me visto cumprimentar uma ou outra senhora, no meio da rua.

A FILHA — Cumprimentar? Não sabia que se chamava agora assim.

O PAI — Não hei de deixar de cumprir os meus deveres de sociedade.

A FILHA — De sociedade equívoca. É também a cumprimentar senhoras que tu passas as noites nos Clubs, até de madrugada?

O PAI — Eu passo as noites onde quero,

Nelly, e, por mais encantadora que tu sejas, não me julgo na obrigação de te pedir licença.

A FILHA — Está bem. E eu, se me der na cabeça, também vou aos Clubs.

O PAI — Vais quando fôres casada, se o teu marido te levar.

A FILHA — Entendamo-nos, papá. Eu não venho prègar-te um sermão de moral. Tu diverteste-te, fazes muito bem, e eu não te quero mal por isso. O que te peço é que guardes as aparências e que respeites a mamã. Tens vinte, trinta, quarenta aventuras? Melhor. Faço de conta que tenho um irmão estroina, e sinto uma certa ternura em poder encobrir as tuas doidices de rapaz. O que nem eu nem a mamã consentimos — ouves bem? — é que tu empenhes nessas aventuras o teu coração, e que tomes a sério certas mulheres que passam na tua vida. Ainda estás em idade de te divertir; mas já não estás em idade de te apaixonar.

O PAI — Obrigado pelos teus conselhos, minha filha. Mas eu não tos pedi.

A FILHA — Não é preciso incomodares-te, papá. Eu dou-tos mesmo sem tu mos pedires.

O PAI — Foi tua mãe que te mandou?

A FILHA — Não. Vim por minha conta. E ainda não te disse tudo.

O PAI — Se foi tua mãe que te mandou, dize-lhe que esteja tranqüila. Eu divirto-me, como todos os homens, mas, fora do meu lar, não há ninguém, absolutamente ninguém, que interesse neste momento o meu coração.

A FILHA — Há, sim senhor.

O PAI — Eu não costumo mentir, Nelly.

A FILHA — Mas estás mentindo agora. Há uma pessoa, que eu conheço muito bem.

O PAI — Que tu conheces?

A FILHA — É uma rapariga da minha idade e do meu tipo. Tu julgavas que era ela, quando eu entrei. Nem ao menos tiveste a delicadeza de escolher um tipo de mulher diferente do meu!

O PAI — Não comparemos, Nelly. Tu enlouqueceste!

A FILHA — Não sei o que tem os homens da tua idade, que, quando começam a envelhecer, gostam de andar puxados a poneys. Ainda ontem a vi, muito loira, com uns grandes olhos pintados de azul, e tive vontade de lhe bater. Imaginas que eu não tenho reparado? Desde que tu conheces essa criatura, quasi que não existo para ti. Vês-me de passagem, contam-se os dias em que me dás um beijo, e ainda agora, quando viste que não era ela, trataste-me mal.

O PAI — Mas que confusão de sentimentos nêsse coraçõzinho! (Tomando-lhe as mãos). Os teus olhos estão cheios de lágrimas, Nelly. Que tens tu?

A FILHA — Queres saber o que eu tenho? Tenho ciúmes. Pronto. E agora, se te parece, dize que eu também estou neurasténica, como a mamã.

O PAI — Mas ciúmes, porquê?

A FILHA — Porque começo a pensar que tu tratas essa rapariga como se ela fôsse tua filha, e que gostas mais dela do que de mim.

O PAI — Criança!

A FILHA — Pois olha que ela não é, nem tão bonita, nem tão inteligente, nem tão tua filha, como eu.

O PAI — Minha pobre Nelly!

A FILHA — Eu não devia chorar, para não estragar a pintura dos meus olhos. Mas não posso deixar de te dizer: agora já não é com a mamã; agora, é comigo. Ou essa criatura desaparece da tua vida, ou eu fujo e tu não me vês mais!

O PAI — Sossage os teus nervos. — Vamos fazer os três uma longa viagem, queres?

A FILHA — Nós dois e a mamã?

O PAI — Itália, Côte-d'Azur. Vou preparar-me para começar a envelhecer tranqüilamente. Nunca mais a sombra duma mulher passará na minha vida.

A FILHA — Só nós duas? Prometes?



O PAI — Prometo. Afinal, foi bom teres vindo, Nelly!

A FILHA, saltando-lhe ao pescoço, num beijo. — Tu és um amor, papá!

JÚLIO DANTAS.

A VOCAÇÃO DE SANTA JOANA

INFANTA DE PORTUGAL

Com tôdas as regalias de princesa herdeira, abriu D. Joana os olhos à luz do mundo, em 6 de Fevereiro de 1452. Essas prerrogativas, manteve-as no berço, até que o nascimento de um filho varão de D. Afonso V, quinze meses passados, lhas extorquiu.

Legalmente, passou D. Joana a simples Infanta. Mas, a pesar da sua tenra idade, para ela se transferiu o aparato régio da casa de sua mãe, a rainha D. Isabel, logo que esta faleceu, a 2 de Dezembro de 1455.

A desventurada rainha via finalmente o termo de uma existência de martírio. A hora da morte, congratulava-se, porventura, pelos dois sucessos capitais daquele ano: o ter seu ventre frutificado num herdeiro da corôa; o ter alcançado para os ossos de seu pai, vilipendiados seis anos antes em Alfarrobeira, o descanso principesco da Batalha.

Desde logo brotaram, todavia, suspeitas de que a maldade humana houvesse apressado os efeitos da debilidade física, por muito que as angústias a agravassem.

Seria talvez alcívosa a imputação; mas a peçonha moral, denunciada nos actos do duque de Bragança e seus sequazes, tornava verosímil a sua propinação, sob forma material, sob descendentes do maldado Regente.

Como quer que seja, foi uma atmosfera pesada de desconfianças e rancores a que se respirou nas côrtes do cavaleiro Afonso V e do Príncipe Perfeito, seu filho. E nela se desenvolveu a delicada personalidade da Infanta D. Joana, crescendo em maravilhosa beleza, mimosa do pai, cercada de galas, querida do povo.

Beleza, certamente a teria. Não era simples ficção lisonjeira de cronistas áulicos. Assim o atesta o retrato do Museu Regional de Aveiro. Estatura esbelta, rosto alvo e rosado, majestosa distinção no porte, uma inefável serenidade nos olhos, dêsse translúcido verde esmeraldino, tão português, que inspirou Luís de Camões e alucinava Garrett. Os cabelos louros descem sobre o busto virginal, destituído de mulhebres turgências. A cabeça oval, toucada de fios de ouro em que se enastrom pedrarias e pérolas, pousa sobre o colo, ao qual prolonga o decote aberto na camisa de cambraia, bordada a seda preta. O corpete de brocado de ouro, com bordado semelhante, acusa o des-

caimento dos ombros franzinos. Da manga golpeada do vestido emerge a mão direita, fina e alva, em cujo índice afusado rutila um carbúnculo. E, se nos lábios grossos se vislumbra profandidade de anseios, essa vaga expressão é temperada — quiçá acentuada —

soberanos de um país, considerado já então um dos mais nobres, se não dos mais ricos, da Europa.

É pois presumível que de algumas côrtes europeas partissem requistas matrimoniais, intensificadas talvez pela fama de formosura da Infanta portuguesa. Seria D. Joana sensível a tais homenagens, ou no seu ânimo daria o pendor místico origem a repugnâncias invencíveis? Mau grado a afirmação dos agiógrafos, ousa inclinar-me à primeira hipótese.

Suponho que as vozes do céu, se acaso a reclamaram durante a adolescência e a primeira mocidade, seriam abafadas pelo tumultuar de uma côrte, cujo fausto não lhe desprazeria de todo. A corôa de espinhos, que mais tarde adoptou para devoto emblema, estou que não lhe mitigaria as saudades de cingidouros mais profanos e fúlgidos para a sua nívea fronte.

Resam as crônicas de várias punições que à sua carne infligiu, durante a mocidade, para ser agradável a Deus.

É possível que sob as galas do vestuário uma camisa de grossa estamena lhe arranhasse a epiderme melindrosa. Mas semelhantes penitências eram usuais naquelas eras de fé. Grande rei foi, por certo, mas não santo, seu irmão D. João II; e sabe-se que não poupava sua régia pele às asprezas de um cilício. Sábio e letrado fôra seu avô, o infante D. Pedro, que durante a Quaresma pousava o corpo num molho de palha. Não admira, pois, que uma alma feminina e devota sujeitasse a carne a duros sacrifícios, sem por isso denunciar propensão para o viver monástico. E a bondade nativa da Infanta não precisou arisar-se até

à santidade para se desentranhar desde tenros anos em actos caritativos, e justificar assim o prestígio que a iluminou aos olhos do povo.

Quanto a mim, há uma crise grave na vida da Infanta, que determina a sua vocação. Crise que se filia em importantes sucessos políticos.

Em 2 de Agosto de 1471, D. Afonso V, resolvido a passar à África com o príncipe herdeiro D. João, nomeia regente do reino o Duque de Bragança, seu tio. É duvidoso que este exercesse o govêrno, do qual se quis escusar por achaques de velhice. E é



Retrato da Infanta Santa Joana que se encontra no Museu Regional de Aveiro

pelo vinco amargo que lhas alonga a comisura.

Se, em vista do retrato, parece irrefutável a sua formosura, outro tanto não sucede com a tradição dos seus vários e soberbos noivados. Carlos VIII de França, Maximiliano I de Alemanha, Ricardo III de Inglaterra, e, entre outros, os excelsos pretendentes que se apontam à sua mão. Não há documento que autorize a crer na veracidade de tais pretensões, fantasiadas, talvez, pela exaltada afeição popular. Mas não é inverosímil que príncipes e reis aspirassem à honra de uma aliança matrimonial com os

natural que D. Joana não se submetesse de boa mente ao principal causador da morte de seu avô. O que está averiguado documentalmente é que a participação da conquista de Arzila e de Tânger às Câmaras do Reino é subscrita pela Infanta. Indica isto que, com acôrdo ou contra vontade do Duque, a regência resvalou para as suas mãos delicadas.

Foi ela quem, no meio de festas suntuosas, pouco mais de um mês volvido, recebeu em Lisboa seu pai e seu irmão, triunfadores da Mourama. Mas o seu jubiloso orgulho sofreu logo a seguir uma funda decepção. A pretexto das muitas despesas, exigidas pelas expedições africanas, é-lhe reduzida a casa realenga que herdara de sua mãe, e a sua pessoa é recolhida no mosteiro de Odivelas, e confiada à vigilância de sua tia materna D. Filipa.

Causas verdadeiras, que se deduzem das entrelinhas das crônicas? Sugestões do príncipe D. João, que no ano anterior casara com sua prima D. Leonor, filha do Infante D. Fernando, e cujo carácter cioso e absorvente não consentia uma duplicação de honrarias principescas na côrte.

Foi o rei, acompanhado pelo príncipe, cuja presença alentava seu ânimo tíbio, quem lhe comunicou numa visita a decisão do conselho. D. Joana devia ter recebido a comunicação com uma impassibilidade irónica. Ela conhecia bem o pai e o irmão. Sabia que os dezassete anos dêste último já sustentavam o peso quasi inteiro da governança, sem esperar pelo luto da orfandade. Respondeu que a determinação ia ao encontro dos seus desejos, que consistiam em se votar a Deus num convento. Mas D. Afonso V atalhou-a, adoçando a amargura da pílula, combatendo os protestos devotos da filha, e prometendo grangear-lhe um casamento condigno de sua real prosápia.

Dessas fagueiras promessas fez a Infanta «pouco caso» (palavras de Goets). O que ela levava para Odivelas era uma ferida grave no seu orgulho, ferida que não cicatrizou de repente. Bem o davam a entender os procuradores das cidades e vilas do reino, quando na representação que lhe dirigiam, a 22 de Dezembro, prometiam requerer ao rei que restituísse a sua filha a casa e estado de que a havia privado, presumivelmente a descontento dela. O empenho ansioso dos povos era contrário à profissão religiosa da Infanta.

Mas, se D. Joana, a pesar destas instâncias que lhe afagavam o orgulho, a pesar da resistência, verdadeira ou fictícia, que lhe opunham seus parentes, entre elles a própria D. Filipa, persistia nos seus propósitos, talvez houvesse razão oculta que a impelisse para a clausura.

Além da alegação económica, outra se tinha invocado para acabar com a sua «casa de donas e donzelas e officiais»; era, diz o diplomático Rui de Pina, «por se evitarem alguns escândalos e prejuizos que em sua casa por não ser casada se podiam seguir.» Ora estas apreensões parece indicarem algum precedente escandaloso, que o sisudo cronista tem a cautela de omitir.

Mas os linhagistas, principalmente os ainda inéditos, são mais indiscretos. Contrariando a reputação de continência, com que Pina condecora D. Afonso V, um desses linguageiros revela ter D. Leonel de Lima, de-

pois visconde de Vila Nova da Cerveira, tirado do Paço sua filha, D. Isabel ou D. Beatriz da Silva (por ambos os nomes é alternadamente designada), com quem se rosnava andar de amores o monarca. É este porventura um dos escândalos, em que se baseariam os receios moralistas, visto que, verdadeiro ou falso, o facto só poderia ter-se logicamente ocasionado no gineceu principesco de D. Joana. Já esta revelação nos dá algum clarão sobre os precedentes a que me referi. Mas outra há, devida ao mesmo genealogista, que tem um carácter muito mais grave.

Luís Alvares de Sousa, neto do Prior do Crato D. Fr. Alvaro Gonçalves Camelo, senhor de Baião, da Lagoa e de S. Cristóvão, veador da fazenda do Porto, andara envolvido nas intrigas palacianas que tinham tido o triste epílogo de Alfarrobeira. De seu matrimónio com D. Filipa Coutinho, filha do senhor da Ericeira, teve elle dois filhos. O primogénito morreu, já casado, ainda em vida de seu pai. É o segundo, por nome Duarte de Sousa, o protagonista da tragédia iniciada dentro do Paço, e, segundo as mais razoáveis deduções, no próprio aprisco da Infanta, natural viveiro de pecaminosas tentações. Aí, numa triste manhã, se encontrou um sapato, reconhecido como pertença de Duarte de Sousa, denunciando a sua entrada, durante a noite, no recinto sagrado de donas e donzelas. O castigo de semelhante atentado foi atrocemente exemplar. D. Afonso V mandou degolar o delinquento.

Este excessivo rigor repugna absolutamente crer que correspondesse a uma simples infracção de regulamentos proibitivos, quando não houvesse agravante capaz de suscitar as iras de um soberano habitualmente benévolo, «remisso mais que trigoso nas graves execuções», como Pina caracteriza D. Afonso V.

Está-se, pois, a enxergar um escândalo palaciano, mais grave por ventura do que outro, ocorrido no tempo de D. João I e ma-

gistralmente aproveitado por Herculano para a trama do *Monge de Cister*.

Ocorre perguntar: seria o delicto da exclusiva responsabilidade de Duarte de Sousa? ou teria a cumplicidade amorosa de alguma das residentes habituais do paço?

Eu inclino-me à primeira hipótese. Aliás, não é provável que a mordacidade do genealogista tivesse poupado a fama da suposta cúmplice. É realmente possível que a audácia de Duarte de Sousa o tivesse levado a uma tentativa sem probabilidades de êxito, dado que nem um estímulo de simples garridice a autorizasse. E, admitida a hipótese, não empana a memória veneranda da Infanta o acreditar que para a sua angélica figura se houvessem erguido olhos temerários, ofuscados pela mais humana das paixões.

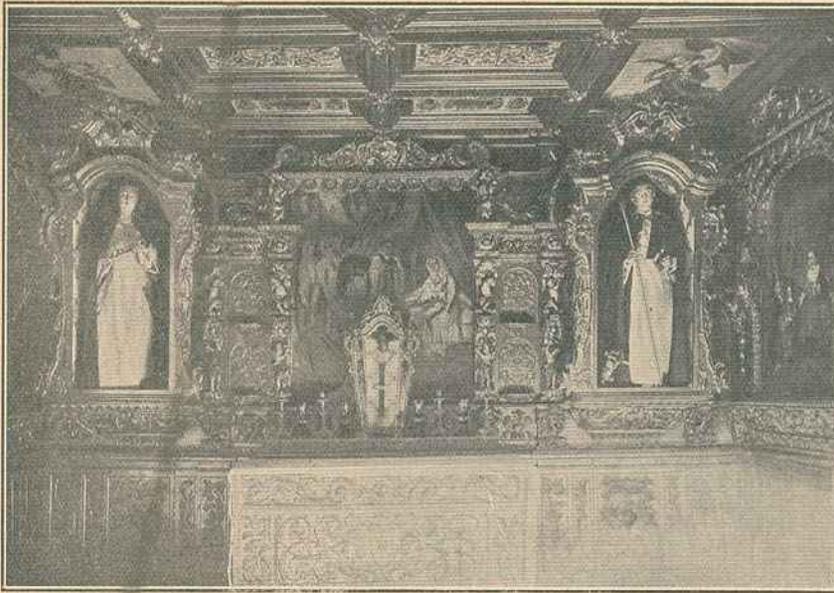
Amplamente explica, se não justifica, tal cegueira amorosa a formosura da Infanta, perante cujo retrato, reza a tradição, ajoelhara extasiado o desumano Luís XI, rendendo graças ao Senhor por ter dado ao mundo tão perfeita criatura. Se de um coração empedrenido rompeu tal chama de entusiasmo, fôra quasi fazer injúria a corações portugueses o supô-los inacessíveis a semelhantes deflagrações.

Ora êsse fogo, por mais escondido que vá lavrando, difficilmente escapa aos olhos que o atearam. A Infanta não affirmo que lisonjeasse, mas apiedava-a talvez o incenso com que se sentia turificada. É possível que essa piedade, transluzindo no glauco suave de seus olhares, iludisse o galan enamorado e o abalançasse a uma empresa quasi sacrilega. E a severidade da sentença torna verosímil a minha suposição sobre o objectivo do atentado.

Se isto assim se passou, imagine-se a angústia da inocente e bondosa causadora da catástrofe, ao ver cair no cadafalso a cabeça onde tinham desabrochado sonhos de ambicioso amor. Não espanta que o remorso, embora infundamentado, concorresse para forta-



O museu Regional de Aveiro instalado no edificio do convento de Santa Joana



A cela onde morreu Santa Joana

lecer ansejos de uma vida de penitência, e, cada vez mais aumentada a sua repulsão por cousas mundanas, para trocar a regra suave das bernardas de Odivelas pela disciplina austera do recente mosteiro dominicano de Jesus, em Aveiro.

Para conseguir este desígnio, teve a Infanta de vencer a relutância amorosa de seu pai, e a oposição, acaso mais interesseira, do príncipe seu irmão. Nunca porém alcançou licença para professar. Como noviça gastou em Aveiro cerca dos últimos dezassete anos da sua curta existência, cortados de raros incidentes e repetidas ausências.

A causa de quasi todas as ausências é que francamente avigora certas dúvidas sobre a veemência da sua piedade. A Infanta parece que não opunha grandes objecções ao seu afastamento de Aveiro, que lhe era carinhosamente imposto por ocasião das repetidas visitas que a peste fez à linda vila do Vouga. Isto, valha a verdade, denota mais apêgo à vida terrena do que abnegação evangélica. Sobretudo se pusermos este prudente procedimento em confronto com a caridade da sua quinta avó Santa Isabel para com os gafos e contaminados.

Reclusa ou não reclusa, D. Joana nunca scindiu totalmente as suas relações com o mundo. Não ousou dizer que a lembrança dêle a lanceasse de saudades. Mas suspeito que, dentro da humildade do hábito, não a tivesse desamparado o orgulho da sua régia prosápia.

E quantos acontecimentos importantes solicitaram as suas atenções, desde a ida de seu pai a Castela e a desventurada sorte de sua prima e homónima, que, sem lograr, a par dela, honras póstumas de beatificação, mereceu contudo dos vindouros o affectuoso cognome de «Excelente Senhora». Sobre esta rainha sem tronó, como sobre ela, princesa sem estado, estendia-se a tutela opressora do Príncipe Perfeito, de ora àvante dominador inflexível.

Apenas investido na dignidade real, D. João quis dar certo ar de consagração ao recente fruto de seus amores adulterinos, confiando-o aos cuidados de sua virtuosa irmã. Tal-

vez — que a memória da Santa me perdi a temerária sugestão! — lhe não importasse por extremo beliscar o orgulho de sua cunhada, cuja presença a esbulhara da hierarquia principesca, cujas veias ainda empolava o sangue dos Braganças, figadais perseguidores de seu avô. E talvez que, anos depois, sua mágna pouco excedesse as marcas de um luto decoroso, quando a cabeça do duque D. Fernando rolou no patíbulo de Évora, e quando o punhal de D. João II emergiu gotejante do peito do duque de Visen. Não creio desacatar a fulgurante memória o imputar-lhe a evocação, amarga embora, do aforismo bíblico, segundo o qual nos filhos se punem os crimes dos pais.

Suponho também que não seria desagra-

dável à Infanta saber como os bens dos conspiradores, confiscados para a corôa, alargavam o âmbito da generosidade régia; generosidade da qual os míseros protegidos da própria Infanta, por intermédio da sua mão franzina e dadivosa, iriam aproveitar de futuro.

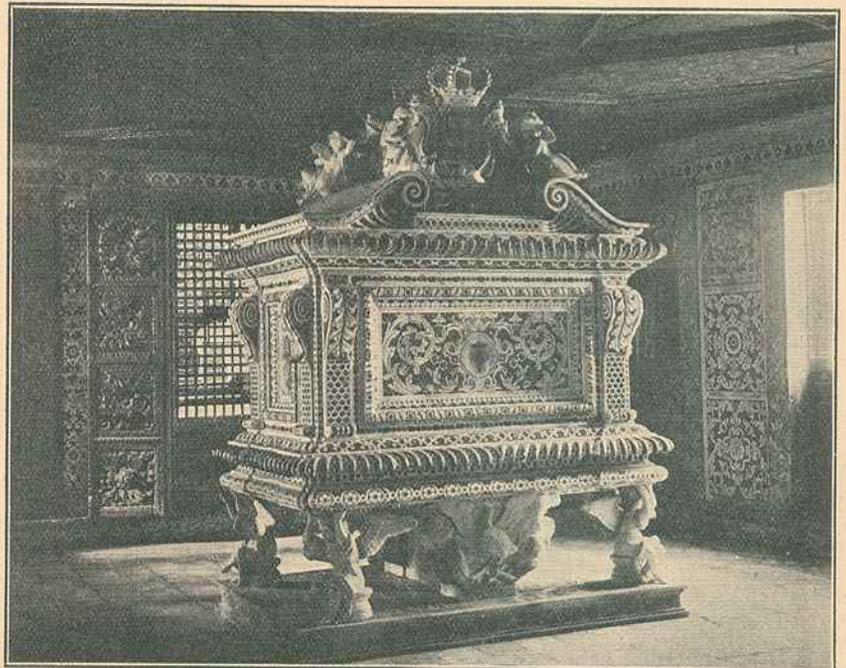
De resto, acaso teria o céu emprestado a esta sua elcita força bastante para atravessar uma época de ódios e traições, sem que um pensamento vingativo tentasse infiltrar-se na sua nobre alma? Essa alma, como desejaríamos vê-la despida das pompas agiológicas, assistir às lutas que ela travou contra as solicitações do mundo profano! fesse corpo, inteirigado nos altares, como seria interessante restituir-lhe a flexibilidade da vida, inocular-lhe sangue e dar-lhe vibração aos nervos, substituir à modelação convencional do imaginário o mosaico ponderado do historiador! Que segredos nos revelaria a sua voz, se fôsse possível colher através dos séculos a sua repercussão autêntica!

Foi a 12 de Maio de 1490 que a infanta D. Joana, aos 38 anos de idade, veio entenebrecer com sua morte as deslumbrantes festas esponsalicias de seu sobrinho, o príncipe D. Afonso, destinado a cingir eventualmente as duas mais illustres corôas da Península.

Ruim agouro! Catorze meses depois, quasi dia por dia, desfazia-se na práia do Alfange, em Santarém, êsse sonho ambicioso, com a desastrada morte do gentil príncipe. E o pupilo da falecida Infanta, o bastardo do monarca, ei-lo que, trazido bruscamente ao primeiro plano, surdia como um rebento de discórdia entre os reais cônjuges. Dir-se ia que o espírito da morta alimentara essa última scintilha de resistência contra arrojadas ambições, nas quais borbullava o fermento bragantino...

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

(Da Academia das Ciências)



O túmulo da Infanta Santa Joana



O CONVENTO DE MAFRA

PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



INTERIOR DA IGREJA DO CONVENTO DE MAFRA

O GRANDE AMOR DE CASTRO ALVES

EUGÉNIA INFANTE DA CAMARA

Chamou-se Eugénia Infante da Câmara a atriz portuguesa que o grande poeta brasileiro Antônio de Castro Alves amou, cantou, invejou, e veio a ter de deixar partir do seu lado, infiel e sempre lembrada.

Lava exacerbanda um vulcão, Eugénia Câmara, já com uma filha quando o apaixonou, foi, para a eloquência lírica e para o ardor tribuístico do autor da *Cachoeira de Paulo Afonso*, a chama incendiária que lhe escandecceu a fantasia até ao rubro. Incêndio êsse, propagado às multidões, e a tôdas as fibras crepitantes do seu corpo, para o queimar, bem cedo e magnífico, aos vinte e um anos, sobre a fogueira ardentíssima dos seus versos e dos seus discursos!

«O grande amor» — é assim que, na sua bela conferência *Paixão e glória de Castro Alves*, o mais autorizado estudioso do cantor das *Espumas flutuantes* assinala o dominante lugar de Eugénia Câmara na vida do poeta baiano.

A classificação de Afrânio Peixoto é frisante, definitiva. Eugénia Câmara foi o grande amor de Castro Alves, e ficou pertencendo, com êle, à história literária.

Que espécie de amor foi êsse? Que amor lhe consagrou êle? Qual o amor que ela lhe deu, ou podia dar? São, erogéneamente, uma mulher e um homem nos braços um do outro; mas são também, intelectivamente, duas pessoas de letras e poesia, podendo raciocinar e complicar os passos da afeição. Um amor de iniciadora, por parte dela, mais velha dez anos, e sabida; amor de iniciado, quanto a êle, ingénuo no fundo, adolescente e sonhador. Não houve só a sensualidade, o desregramento, a prendê-los. Temos de juntar uma certa dose de literatura e de convenção teatral. Não os moveria, à atriz, a vaidade pelo poeta, e a êste a arêola da scena, então prestigiosa?

Há interrogações em tôrno d'êste tormentoso caso de psicologia amorosa. Tanto êle, como ela, não são fáceis de devassar no íntimo. Ela principalmente — desorientadora floração do palco!

O brilho que o nome do poeta irradia tem ofuscado algum tanto essa figura de mulher inteligente e errante, que, revelando-lhe tôda a inquietação, e tôda a miséria, do seu amor vivido, que não sonhado, veio a desempenhar, na existência fugaz e intensa do excepcional amante, o primeiro papel.

Mesmo sem o acréscimo de renome que o amor de Castro Alves lhe trouxe, Eugénia Câmara, como poetisa e atriz, mereceria um pouco da atenção que ainda ninguém lhe deu. Lidos de certa maneira, os seus livros podem impressionar.

Com os trabalhos de Afrânio Peixoto, de Xavier Marques, de Múcio Teixeira, de Ruy Barbosa, de Euclides da Cunha, de Tito Livio de Castro, e de mais alguns, o estudo da individualidade de Castro Alves está, a bem dizer, encerrado. A sua biografia foi exaustivamente pesquisada. Não succede o mesmo com Eugénia Câmara. Na sua carreira de artista e de amorosa, há ainda que esclarecer e rectificar.

Reúnamos, pois, neste artigo, alguns elementos para a ressurreição dessa autêntica musa condoreira.

Seja o primeiro o seu retrato, quasi inédito,

e que Sousa Bastos não conseguiu para a *Carreira do Artista*. Esse retrato foi reproduzido uma única vez, no 2.º fascículo da colectânea *Brasil-Teatro*, do Dr. Pires de Almeida (Rio de Janeiro, 1907). Afrânio Peixoto, numa nota do seu vibrante volume *Castro Alves, O Poeta e o Poema* (Lisboa, Aillaud, 1922), põe vagamente em dúvida a autenticidade do documento. Hoje podemos autenticá-lo. A fotografia que reproduzimos faz parte de um exemplar dos *Segredos d'alma*, encadernado no Ceará, e oferecido pela

vidade no vestido muito afogado, tirante a hábito monástico, e certa dureza meditativa nos olhos fundos. Os cabelos, em grossas tranças sobre as orelhas, são a única das belezas românticas que ostenta. A boca é muito rasgada, mais voluntariosa que sensual. As mãos não parecem feias: na direita, a nota excêntrica de um anel muito saliente no dedo indicador. O à-vontade de quem se habituou a encerrar o público, e um certo ar entediado e sisudo de sofrimento.

Seria sempre assim Eugénia Câmara, ou quis, estudadamente, compor um retrato severo de escritora? Graciosa não devia ser, porque a graciosidade natural não se anula tão completamente. O que o retrato transmite não é sequer a melancolia langorosa do seu tempo. Caracteriza-o a mesma impressão sombria dos livros da poetisa, que são, afinal, dois, e não o mesmo, com títulos diferentes nas duas edições, como, pelos dizeres do frontispício do segundo, se tem suposto.

O primeiro intitula-se *Esboços poéticos da atriz Eugénia Infante da Câmara, oferecidos ao Público Portuense*. (Pôrto: Na Tipografia de Sebastião José Pereira, Praça de Santa Teresa, n.º 28 a 30. — 1859). Inocência diz não ter podido ver nenhum exemplar, e a Biblioteca Nacional de Lisboa não o possui. Tem a seguinte dedicatória: «Ao Público Portuense — Acolhida com tanta benevolência; recebida já pela terceira vez na scena portuense por um público indulgente e animador, que poderia a pobre atriz oferecer ao Pôrto, pérola da Corôa de Portugal! Estes cantos singelos são filhos enfezados da sua curta imaginação; mas tiraram-lhe horas de repouso, custaram-lhe vigílias; e por tudo isto, e não pelo que êles valem, os oferece aos Portuenses quem mais não tem que ofertar — Eugénia Câmara.»

O livro, susceptível de um comentário mais longo, não é a obra que, mesmo dentro do espírito merencório da época, se poderia esperar de uma estreada de vinte anos. Repassa-o a mais amarga e sistemática desilusão, expressa, por vezes, cruamente, sem rodeios atenuadores de literatura. São confissões sinceras de descrença pessimista, arrancadas à vida, que não à arte poética.

Logo na primeira composição, *O Rico*, a autora repele com arrogância alguém que, com

muito dinheiro, tentara consolá-la de um infêrno de amor:

*Este pranto, que de dôr
Me julgas, é só d'amor,
Não o podes tu secar;
E inenno este gemido,
Só num peito estremecido
Poderá ir ecoar.*

Na poesia intitulada *Desesperança*, diz, aludindo ao amado, «prêso noutro elo»:

*Se quando na scena procuro indr-me,
Eu sinto que ardo na luz de teus olhos!*



Eugénia Infante da Câmara

autora a Mendes Leal. É, portanto, êste, inquestionavelmente, o retrato de Eugénia Câmara. Como já o notára o romancista das *Razões do Coração*, enão dá ideia de qualquer sedução. Não está datado, mas o livro em que o encontramos, colado pelo encadernador, é de 1864. Deve tê-lo tirado nessa época, para o incluir nos exemplares destinados a ofertas. Tinha então a tratada vinte e sete anos, pois nascera em Lisboa a 9 de Abril de 1837. Ningum, sem estar prevenido, tal diria. É forçoso reconhecer que a boémia da sua vida de estrêla errabunda e a presumível violência do seu temperamento a finham, se não envelhecido, acabrunhado precocemente.

Nenhuma atracção, viveza ou galantaria, na face, nem no todo. Antes, uma excessiva gra-

Para ela, a vida teatral é de sofrimento. São da mesma Desesperança os seguintes versos :

*O pó destas tábuas veneno contém,
Que o ente feliz não quer partilhar!
A corôa que ornar a fronte me vem,
Crivada é de espinhos! é força chorar!*

*E, por isso, num canto sentido,
Em que aos lábios faia o coração,
Eu te peço, com pranto sentido,
Que me poupes à ingratidão!...*

Como estas, há outras passagens de autobiografia amorosa nos *Esboços poéticos*: *Vais partir!...*, *Num álbum, Porque duvidas?*, *A Actriz*, *O meu credo*, *Vais sem mim!*, *Olhos que eu amo!*, *Descrença*, *O Proscrito*, *No Prado do Repouso*, etc. Seria interessante poder-se reconstituir essa primeira fase da carreira da artista desiludida.

Sentes-se que o primeiro amor lhe não trouxe a felicidade; e que ela tenta, em vão, convencer-se de que vale mais ser livre e gloriosa :

*Não hesito um só momento,
Livre... livre... como o vento,
Busco a glória, e deixo amor!*

Há um verso em que ela fala de «este mar-móreo coração», definindo sinceramente, como sempre, a sua, por vezes, manifesta impassibilidade, o seu intelectualismo de histórica, a sua soberba de aplaudida, que chega, com impudor, a declarar na *Perdida!*:

*Quero os homens para vê-los
Baixarem-se ao meu amor,
Como a onda que na praia
Solta uma queixa de dor!*

*Fingir querê-los, desprezâ-los,
Roubar-lhe vida e fulgor,
Com tanto que os veja lodos
Baixarem-se ao meu amor!...*



O grande poeta brasileiro Antônio de Castro Alves

nem por isso deixa de ser agudo o espinho que, através de tantos triunfos, me fere constantemente o coração. A saudade, esse sofrer doce, amargo e resignado das almas sensíveis, é como uma nuvem negra, que tolda e escurece sempre o horizonte azul e límpido de minhas glórias artísticas : é pois este o motivo de, nas horas vagas, em que a mente descansa vergada sob o peso dos louros das vitórias, ou acabrunhada por dissabores inerentes à vida humana, eu lançar sobre o papel tôdas as impressões, tôdas as ideias, que me povoam o espírito e me adormecem a alma.

«São frases mal ligadas ; porém tão sentidas, que tem verdadeiro prazer em tas dedicar — Tua filha.»

Algumas das confissões dos *Esboços poéticos* não foram repetidas nos *Segredos d'alma*. Era uma parte morta da sua vida, que ela assim enfeitava. Outras poesias mudaram de nome : *Perdida!* passou a intitular-se *Traviada*. Uma referência ao «Límpido cristal do Douro» trocou-se em «Límpidos cristais Brasileiros».

Quer as poesias reproduzidas do primeiro livro, quer as novas, aparecem epigrafadas com trechos de Camões, Victor Hugo, Filinto Bllsio, Bocage, Palmeirim, Alexandre Herculano, Mendes Leal, Serpa Pimentel, Castelo Branco (ou seja Camilo), A. Lima, Pinto de Sampaio, e dos brasileiros Gonçalves de Magalhães, Franklin Távora, Franco de Sá e Alvares de Azevedo. A cultura de Eugénia Câmara, que traduziu numerosas peças do francês, enriquecera-se com a estada no Brasil, onde poetas como Fagundes Varela e Vitoriano Palhares a festejaram. É de notar a sua admiração pela obra de Alvares de Azevedo, que cita por três vezes, igualando-o no número das citações a Victor Hugo.

Publicadas pela primeira vez nos *Segredos d'alma*, temos umas vinte poesias. Por aqui se vê como o livro não é simples reedição dos *Esboços poéticos*. Entre as novas composições, citarei as de título mais expressivo : *Meditação, a bordo — 15 de Outubro de 1858*, ano da sua primeira viagem ao Brasil ; *Última crença, Se eu sôra!*... *Gemido e O Pranto, Pensas? Fala! Escuta!*, *Fu vivo só no mundo, Amo a lua, Ela dorme, e Atetismo*.

Esta última é das coisas mais desesperadas e taciturnas que ela escreveu :

*Eu quis amar um dia!... escárneo alrô!
Gargalhada infernal me esculda a mente!
Amor?!... quem ousa aí erguer a voz,
A bradar que há amor puro, fremente?!*

*Dr. Eug. de S. M. de Mend. Leal
Offerece a D. Theora*

A dedicatória da poetisa a Mendes Leal

*Mistério, Noite, Amor, Infâmia e Pranto
Uma vez à minha alma vinde — entra!
Deixai aqui horrores, levai o encanto...
Que o crime, vindo ao berço, à campa vai!*

Não admira que quem imaginava essas tétricas aberrações tivesse, de vez em quando, de recorrer ao álcool para as esquecer. Eugénia Câmara morreu alcoólica, em 1879 ou 1880. A orgia, do romantismo boémio, tinha de ser para ela um culto, e é o cenário de fundo dos seus amores. Ela o dizia na poesia *O que eu amo*, que figura nos seus dois livros :

*Amo as lascivas orgias,
Amo os bacanaes trofens.*

Falta-me o espaço para narrar o forte conflito do «grande amor». Posso, apenas, salientar, como medida das forças da sombria poetisa, a sua última poesia conhecida. A um ano da separação em S. Paulo, Castro Alves evocava, no Rio, aquele tempestuoso amor. São os versos intitulados *Adeus*, nos quais confessava :

*Sinto que vou morrer. Posso portanto,
A verdade dizer-te, santa e nua;
Não quero mais teu amor! Porém, minh'alma,
Aqui, além, mais longe, é sempre tua.*

Versos sagrados, escritos com a própria carne condenada e a alma atenuando a morte, que não tardou dois anos! Uma amante vulgar sentir-se-ia, ao recebê-los, aniquilada, e, por mais que se esforçasse, não encontraria pala-

SEGREDOS D'ALMA

POESIAS DA ACTRIZ

EUGENIA INFANTE DA CAMARA

NOVA EDIÇÃO,
SEGUNDA DE UMA COLEÇÃO
DE VARIAS POESIAS DEDICADAS A
MESMA ACTRIZ
DURANTE AS SUAS VIAGENS NO
IMPERIO DO BRASIL.



FORTALEZA,

TYPOGRAPHIA CONSTITUCIONAL

1864.

Fac-simile do frontispício do livro
«Segredos d'Alma»

vas para lhes responder. O espirito de Eugénia Câmara pairava muito acima da vulgaridade. Pegou da pena, e, em simetria com a despedida lancinante do poeta, compôs no Cateite, no mesmo dia, às duas horas da noite, a sua resposta, hoje incorporada pelo acerto de Afrânio Peixoto na sua grande edição, em dois volumes, das *Obras completas* de Castro Alves (Rio, 1927). Dizia a amante atraçoadora ao doente que ainda a amava :

*Adeus! Se um dia o Destino
Nos fizer ainda encontrar,
Como irmã ou como amante,
Sempre! Sempre! me hás-de achar.*

Era assim a «dama negra», e «negra feticheira», para cujos pecaminosos sortilégios, Castro Alves, apóstolo da liberdade, não teve tempo de achar o exorcismo libertador.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

ESBOÇOS POETICOS

DA ACTRIZ

Eugenia Infante da Camara,

OPFERECIDOS

AO PUBLICO PORTUENSE.

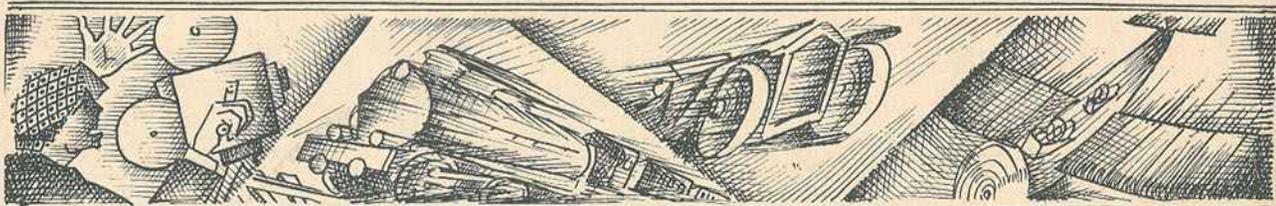


PORTO:

NA TYPOGRAPHIA DE SERAPIO JOSÉ PINHEIRO,
Praça de Santa Theresza, n.º 86 e 88.
1864.

Fac-simile do frontispício do livro
«Esboços poeticos»

Para o seu outro livro, erroneamente inculcado como reedição do primeiro, arranjou a autora um título que corresponde bem ao tom confidencial de certas suas produções : *Segredos d'alma. Poesias da actriz Eugénia Infante da Camara*. Nova edição, seguida de uma coleção de várias poesias dedicadas à mesma actriz durante as suas viagens no Império do Brasil. (Fortaleza, Typografia Constitucional, 1864). Ausente do seu país, e embora festejada, a actriz pensa em sua mãe, a quem o volume é dedicado : «Minha mãe — As vicissitudes e alternativas da vida, se me têm alcatifado a senda, que trilha, de flôres e glórias,



CRETINISMO E CINEMA

Automóvel e cinema estão sendo inculcados desse fenómeno assustador que tanto preocupa neste momento as regiões cerebrais da Europa e a que em França foram postos os nomes de *falência da inteligência*, ou de *onda de cretinismo*. Cita-se a opinião de Anatólio France, como a do profeta maior desta decadência ou recuo do género humano, porque o grande artista se inquietava em especial com a difusão do cinema, julgando concomitantes o crepúsculo das humanidades e o progresso do maquinismo.

Sem deixar de considerar que «o nosso bom mestre France» *poussait un peu au noir*, o ilustre crítico francês sr. Paulo Souday concorda com êle afinal e investe contra o cinema, citando também Paulo Valéry, que, nos seus *Propos sur l'intelligence*, alude aos maquinismos que economizam o trabalho calculador do nosso cérebro, dando-lhe facilidades admiráveis para *ver* o que noutro tempo era preciso *comprender*, graças ao poder que tais aparelhos têm, de registar directamente as imagens e as restituírem a nosso bel-prazer. «Por natureza (diz Souday) a maior parte dos humanos carece tanto de imaginação, como de capacidade para o pensamento abstracto. Inaptos a representarem ao próprio espírito as coisas que viram ou leram nos melhores livros, a pequena suprelhes esta indigência ou preguiça imaginativa, e por isso mesmo a promove.

Isto é assim, com efeito; mas não se vê como daqui possa resultar a falência da inteligência, nem a vaga de cretinismo. O pensamento abstracto, estético ou racional, coisa rara e superior, fruto ou flor de aristocracias intellectuais muito restritas, não pode sofrer com a difusão da literatura pela imagem, como nada sofreu (antes pelo contrário) com a sua propagação pela imprensa. E o cinema não é senão uma imprensa mais completa, que dispensa o intermédio da leitura e arrasou as diferenças linguísticas.

Os defuntos porteiros de Paris, que noutro tempo liam Eugénio Sue ou Montépin, eram talvez menos cretinos que os actuais, a quem basta ir *ver* as mesmas pachouchadas, ou outras equivalentes, transferidas para a pantalla. Mas ¿que tem que ver com isto o pensamento superior, estético ou filosófico? ¿Será porventura necessário, para haver grandes artistas, grandes poetas e grandes

filósofos, que existam menos imbecis, ou imbecis menos graduados? A história do pensamento humano, se não mostra o contrário, indica pelo menos aquilo que o mesmo sr. Paulo Souday reconhece e professa: que «o cretinismo é o estado congénito e normal do género humano». E é preciso não atribuir ao cinema, tão injustamente, maior virulência cretinizante do que tem, por exemplo, a tão celebrada instrução primária, na sua função ingénua de ensinar as primeiras letras, e de fazer ingerir, mas não digerir, as primeiras tretas científicas.

Como a leitura e como a imprensa, o cinema é veículo do bom e do mau; como elas, serve as multidões e pode também desservi-las; como elas, é capaz de prestar grande auxílio à expressão e propagação de magníficas produções do espírito, assim como de espalhar o mau gosto, a má literatura, tôdas as ruínas sementes intellectuais ou morais. E se o pensamento abstracto, artístico ou filosófico, resistiu perfeitamente, no século XIX, a que muitos soubessem ler, é bem de crer que no século XX essa mesma aptidão superior para pensar coexistia, sã e salva, com o facto novo e grande de que todos possam *ver* o que de antes tinha de ser traduzido e depois lido, para chegar apenas a alguns.

Graças ao gramofone o pele-vermelha pode ouvir Beethoven ou Wagner; graças ao cinema o papua pode *ver* Flaubert, Cervantes, Dante ou Camões. Ao mesmo tempo que assim é, acontece também que às mais remotas aldeias chega hoje a charanga de pretos, o fado choradinho e a pior literatura folhetinesca. ¿E vai depois? ¿Que culpas tem nisto o cinema? Não lhas vejo maiores do que as que podem assacar-se à voz humana por servir para cantos piegas, aos instrumentos musicais por haver quem os empregue a estragar música, ou ao papel por ser amoroso da tinta, veículo de tanta asneira e de tanta imundícia.

Resultará talvez dos aparelhos mecânicos de difusão literária ou artística o entorpecimento do *folclore* rústico e a banalização de todos os povos da terra, sujeitos à influência niveladora de produtos mentais cultos ou pseudo-cultos, e assim privados dos seus impulsos estéticos espontâneos e característicos. Mas, não esqueçamos que este infausto fenómeno de trivialização das energias artís-

ticas populares estava já, implícito ou patente, na acção corrosiva do urbanismo, da grande indústria, do caminho-de-ferro tentacular. E ponderemos também que, se o *folclore* campestre declina, por falta de seiva, à proporção que alastram e dominam as civilizações urbanas, o povo das cidades há-de criar o seu *folclore* urbano, e assim suprir bem ou mal o despovoamento dos campos ou a industrialização da agricultura.

É isto mesmo o que já se está vendo com a música negra ou negróide, nascida nas grandes urbes norte-americanas pela transformação das harmonias litúrgicas protestantes em ritmos de dança: se uns ainda se indignam contra essa espécie de cretinização musical, já outros vão dizendo que a música europeia clássica pode encontrar aí fecundos elementos de renovação artística.

O pior que se poderá dizer contra o cinema é que é mais uma fôça da natureza, destrutiva e criadora como todas são. A vida educa e deseduca. No cinema não há mais nada, em última análise, do que um novo aspecto da vida.

Se a distinção ou a grandeza do homem consiste em aplicar, modificar, domesticar em seu proveito as forças naturais, a êle próprio, e não a estas, é preciso deitar a culpa de que não estejam ainda todas e inteiramente ao seu serviço. E se os maquinismos que o homem inventa redundam em prejuizo do homem, responsabilizar aqueles por isto é repetir mais ou menos a acção inútil e tola de um sujeito irascível que eu conheci, e destrufia a martelo as cadeiras que eram muito suas, quando lhe acontecia, tropeçando, aleijar as canelas.

Pensem os srs. Souday e Valéry tão bem como costumam, e logo deixarão de bater no cinema, verificando a exactidão destes aforismos, que com humilde respeito lhes propomos:

O género humano dispensa perfeitamente a máquina, para se manter no seu estado congénito e normal de cretinismo. E os homens superiores hão-de encontrar algum dia a fórmula necessária para dirigirem este mundo mecânico, que hoje caminha sem governo e sem rumo, porque a inteligência política não conseguiu ainda acompanhar os progressos enormes da inteligência técnica.

AGOSTINHO DE CAMPOS.





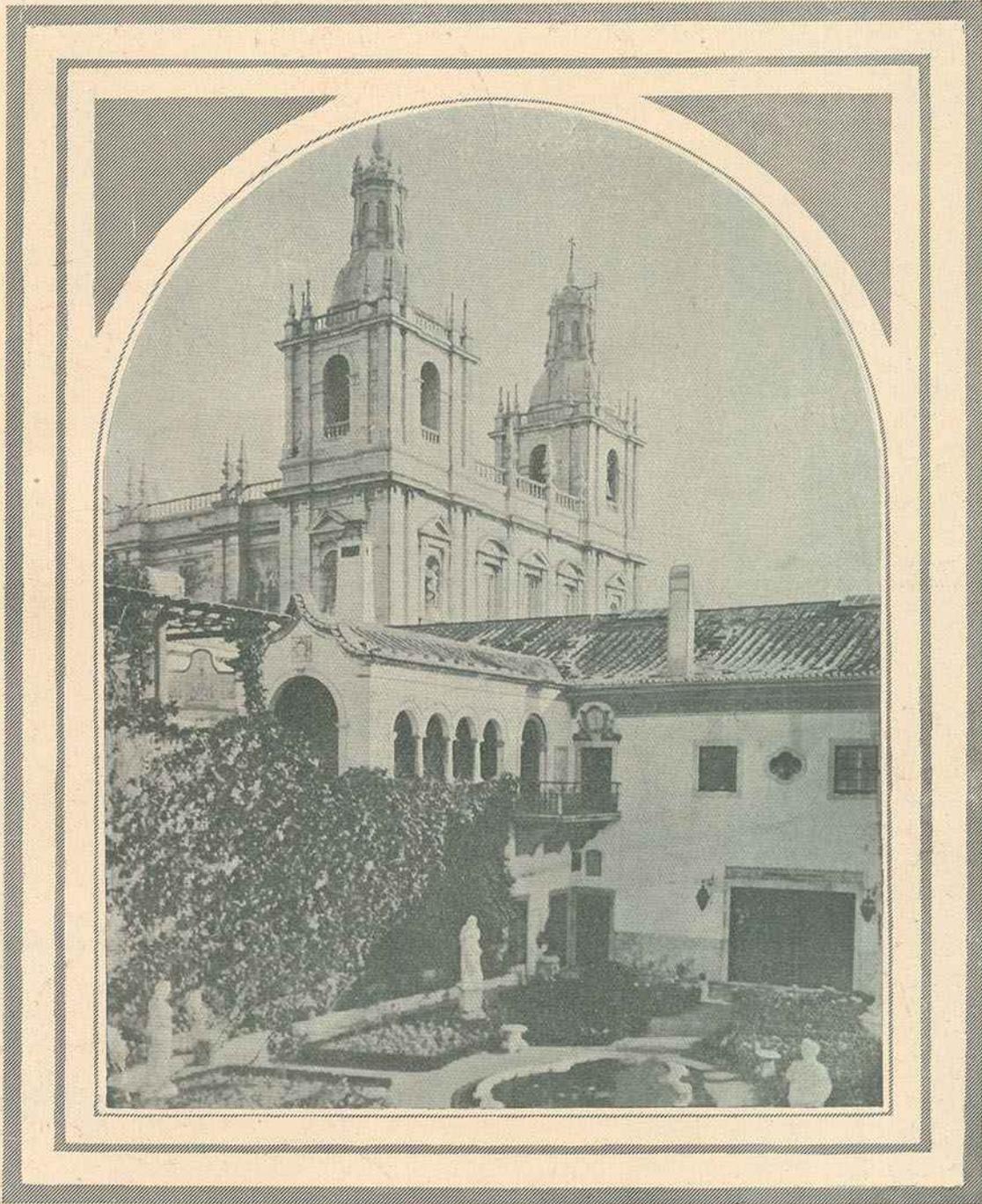
MACHADO DE CASTRO

Sant'Ana ensinando
a lêr Nossa Senhora

(GRUPO DE BARRO POLICROMÁ-
DO DA COLECÇÃO DO EX.^{MO} SR.
DR. JOÃO LUIZ DA FONSECA)

CASA DE S. VICENTE

LISBOA



TENDO PERTENCIDO A VÁRIOS PIDALGOS DESDE FINS DO SÉCULO XVI, ESTEVE ÊSTE PALÁCIO MUITO TEMPO NA POSSE DA FAMÍLIA VIEIRA DA SILVA, CUJO BRAZÃO SE VIA NA FACHADA PRINCIPAL SÓBRE O LARGO DE S. VICENTE. HOJE É PROPRIEDADE DO SR. DR. ALFREDO DA CUNHA, QUE A TEM AFORMOSEADO INTERIORMENTE E COMPLETADO, PARA O LADO DO JARDIM, COM LINDA ARCARIA E SUCESSIVOS TERRAÇOS AJARDINADOS, GUARNECIDOS DE BELOS AZULEJOS, FONTES, LAGOS E ESTATUÁRIA ANTIGA, CONSTITUINDO UMA DAS MAIS BELAS MORADIAS DE LISBOA

Arquitecto das transformações: AMILCAR PINTO

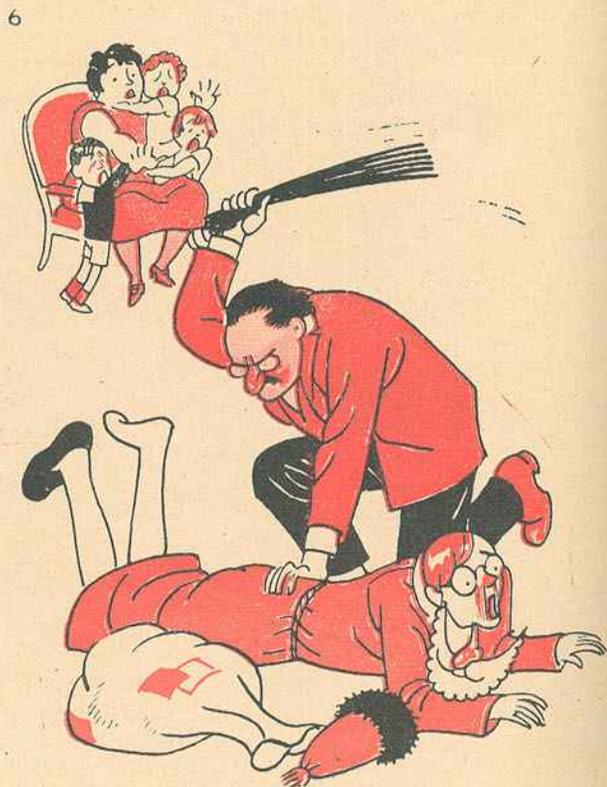


Miss Beef propôs à Senhora Agatão, mamã dos seus pupilos, fabricar um «Pai Natal» à inglesa, atribuindo a si própria...

...o papel da Santa personagem, sob o maior dos sigilos para todos que não fossem a opulenta Senhora Agatão.



Os «miúdos» começaram num grande berreiro orfeónico...



...Papá Agatão, iludido também pelas imponentes barbas, aplicou um correctivo ao intruso...

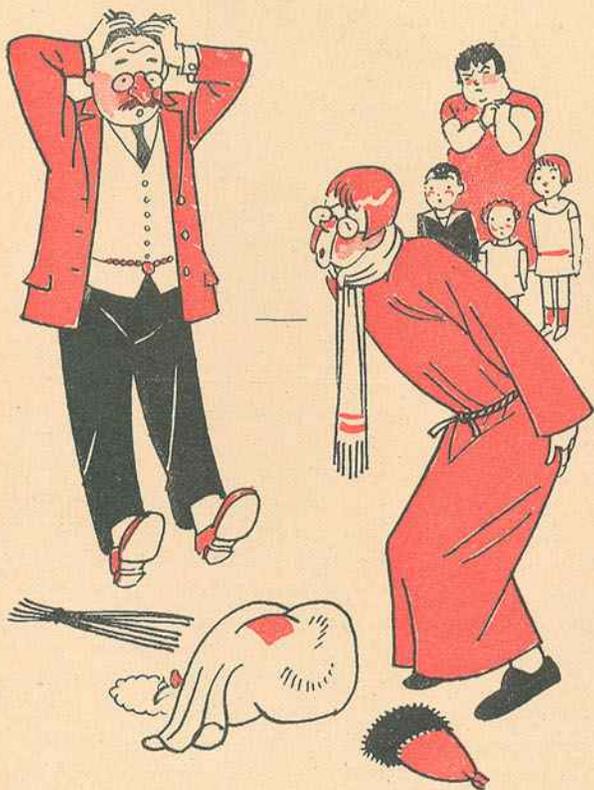
4



A miss Beef, chegada a noite de Natal, barbada e vestida a rigor...

...começou a espalhar o pânico no pessoal doméstico, ao entrar com o saco dos brinquedos...

7



8

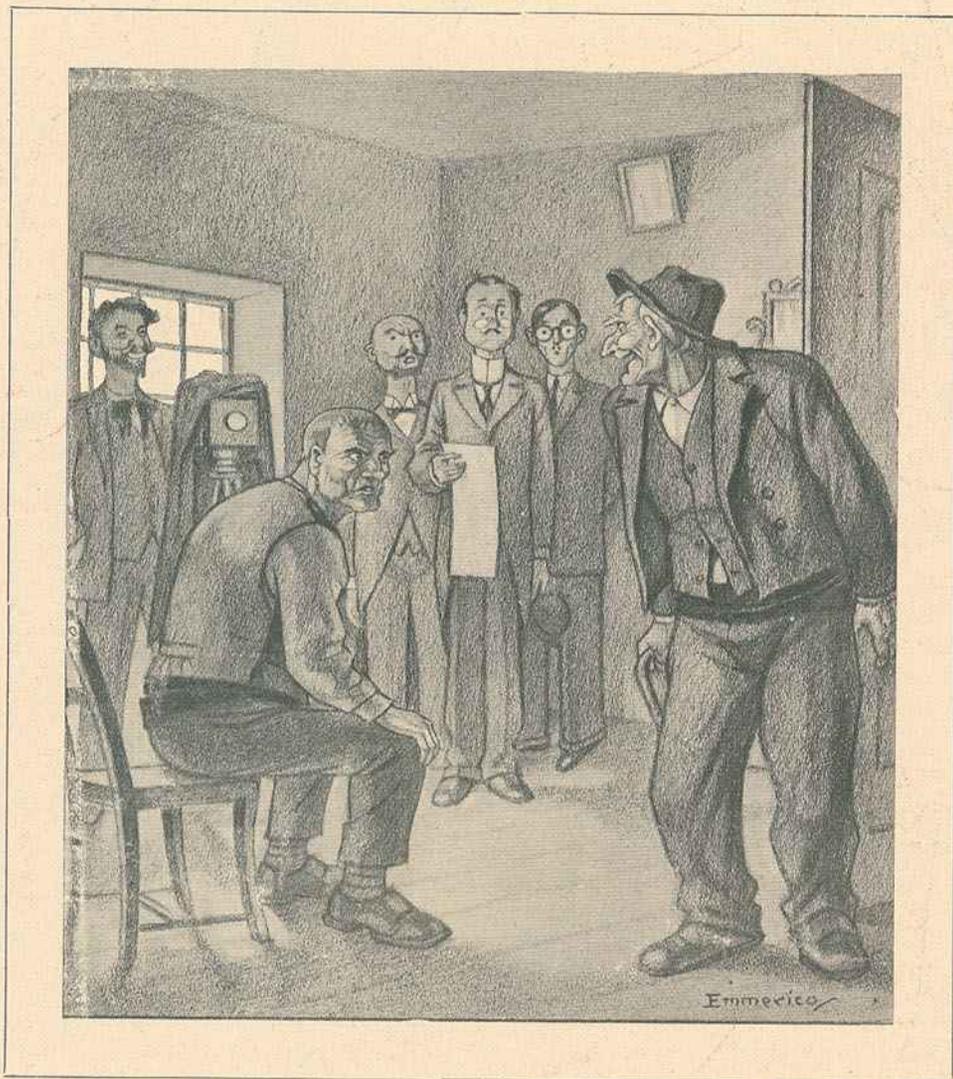


...Só a queda das barbas imponentíssimas revelou o mistério horrendo...

...mas a distribuição fez-se à boa paz... a paz costumada da noite de Natal cristã...

Emmerico

O ALCOOLISMO



R EŪNIU a Assembleia da Liga, como era de uso, uma vez de quinze em quinze dias, e feita a leitura da acta, aprovada sem discussão, o Presidente declarou que daria a palavra a quem a pedisse.

— Peço a palavra.

Erguen-se, para falar, um sócio de boa figura, já de certa idade, o ar grave, muito composto, vendo-se bem que era uma pessoa de esmerada educação, incapaz de palavras altas e gestos descomedidos.

— Não roubarei muito tempo à ilustre assemblea. Desejo fazer uma comunicação que reputo do maior interesse para a nossa Liga, pois se trata dum caso que muito pode contribuir, levado ao conhecimento do grande público, para a maior efficacia da nossa propaganda.

Fez-se um movimento geral de atenção, cada qual ageitando-se para não perder uma palavra sequer da comunicação que ia ser feita, assim annunciada, nos termos da maior solenidade.

— Senhor Presidente... Minhas Senhoras... Meus Senhores: — Por acaso de conversa soube que perto da Lourinhã, distante uns dois quilómetros da estrada que liga aquela povoação a Lisboa, numa casita modesta de rez-do-chão e primeiro andar, vive um proprietário mais do que remediado, que conta presentemente a bonita idade de noventa e três anos. Por desgostos intimos, de que não inquiri, este homem, de nome Joaquim Salvador Mendes, há muito que não sai de casa, a não ser para fiscalizar os trabalhos que se fazem na sua propriedade. Todos os

dias, de verão e de inverno, se levanta apenas amanhece, dá uma volta à roda da casa, sem agasalho, no inverno, em mangas de camisa, no verão, e depois de fazer as suas lavagens, sempre com água fria, em tôdas as Estações, vai até à extrema dos seus domínios, como se quizesse verificar que não lhe tinham mudado os marcos, de noite. Come três vezes ao dia, sempre de garfo, sendo a sua refeição principal a da noite, à hora em que os jornalheiros regressam do trabalho. Nunca teve uma dôr de cabeça; nunca sentiu lenta e pesada a digestão; nunca teve falta de apetite; nunca percebeu que algum alimento lhe caísse mal no estômago, comendo de tudo e à farta.

Pois bem.

Este homem, que se viver mais sete anos, terá vivido um século, jámais beben uma pinga de vinho, aguardente ou licôr, qualquer coisa que possa ter o nome de álcool, ou contenha álcool em qualquer quantidade.

Velho como é, mas direito, desempenado, leva as noites dum sono, e ainda há pouco tempo, tendo-lhe faltado ao respeito um dos seus homens a dias, pregou-lhe uma sova mestra.

É manifesto que este homem não se conservaria novo e forte aos noventa e três anos se não tivesse feito uma vida de abstmio, o mais rigorosamente possível abstmio. Produzo as suas palavras: — *Vinho, nem cheirá-lo.*

Era esta a comunicação que eu desejava fazer à Assembleia. Visto ela ter sido escutada com o maior interesse, cortada de calorosos aplausos, atrevo-me a propor que uma comissão, aqui eleita ou nomeada, vá apresentar a esse glorioso velho, em nome da Liga, as nossas felicitações e homenagens.

Disse.

A proposta foi aprovada por aclamação, ficando encarregada a Mesa, com o proponente como adjunto, de dar cumprimento ao voto da Assembleia.

Escusado seria dizer, nesta altura, que a Liga era uma espécie de *salvation army*, imitada do inglês, e fôra imposta a sua organização pela reconhecida necessidade de obter temperar aos males crescentes, gravemente comprometedores da vitalidade da raça, causados pelo álcool sob a forma de vinho, aguardente e licores de vária espécie.

Os delitos por embriaguês multiplicavam-se, como os pães do Evangelho, e os médicos encarcavam, aterrorizados, os estragos que ia fazendo o álcool, acentuando-se as ca-

racterísticas da degenerescência da raça, a olhos vistos. A tísica, como flagelo da Humanidade, estava a pontos de ser desbancada pelo alcoolismo, sendo de notar que a tísica faz doentes mas não faz criminosos, ao passo que o álcool, podendo facilmente gerar a tísica, avoluma a estatística da criminalidade, e fornece um bom contingente para os manicômios, que nem sempre melhoram e raramente curam.

Três ou quatro pessoas de bom coração, tendo-se concertado sobre o caso, lançaram a ideia da Liga, servindo-se da publicidade dos jornais, e logo começaram a vir de tôda a parte entusiásticas adesões, uns oferecendo dinheiro, outros oferecendo serviços. Arranjou-se casa, fez-se a conveniente instalação, e daí a pouco a Liga entrava num período de actividade febril, alargando cada vez mais o seu raio de acção. Promovia conferências e palestras, espalhava com profusão, gratuitamente, pequenos folhetos em que se diziam todos os males que podem resultar do abuso das bebidas alcoólicas, e ponderando que do uso ao abuso a distância é pequena, aconselhava a sua proscricção absoluta, tanto mais que os médicos já tinham demonstrado cabalmente ser uma deplorável mentira o seu valor alimentício.

Quem entrava na Liga, como sócio, prestava juramento de não consumir bebidas alcoólicas, nem sequer a cerveja, sendo-lhe contudo permitido o uso do vinho, em sua casa, quando tivesse visitas.

Um dia, em reunião da assembleia geral, um sócio levantou esta questão grave — se a Liga devia ou não reclamar contra o uso do vinho no sacrifício da missa. Abriu-se uma inscrição especial, e logo um eclesiástico, iniciando o debate, declarou que semelhante questão, essencialmente religiosa, não era para ser ali tratada, e poderia mesmo comprometer a existência da Liga. Uma senhora abundante, estilizada em abóbora, disse que o vinho, pelo facto de ser bebido na cerimónia da missa, não deixava de ser vinho, e o facto de ser considerado sangue de Cristo, dava aos bêbedos um razoável pretexto para lhe causarem a valer. E contou: — Há uns quatro dias, indo para minha casa, eram umas onze horas da noite, parei junto duma taverna, onde vozes afinadas cantavam ao som duma guitarra, que se ouvia com muito agrado. Um dos cantadores saiu-se com esta:

*Bola vinho, bola vinho,
Que eu com água nada vou.
Se o vinho é sangue de Cristo,
Bem haja quem o matou.*

O Presidente, vendo que a discussão levava geitos de azedar-se, e podia ter consequências graves, declarou que o incidente seria dado para ordem do dia na sessão imediata, o que a Assembleia aprovou com palmas calorosas.

Certo é que a Liga se mostrava infatigável na sua propaganda, que fazia por mil modos diversos, não se poupando a cancelas e despêsas. Cartazes berrantes, desenhados com vigor, gritavam pelas esquinas o perigo da bebedeira, que além de tudo mais degrada o homem ao nível do macaco, do leão e do porco, segundo já fôra dito pela polficia.

O sr. Mendes estava em casa quando ali chegou a comissão encarregada de lhe apresentar as felicitações e as homenagens da Liga.

— Então?... Façam favor de entrar... Isto não é casa para receber pessoas como os senhores, mas não tenho outra, e já agora só mudarei daqui para a cova.

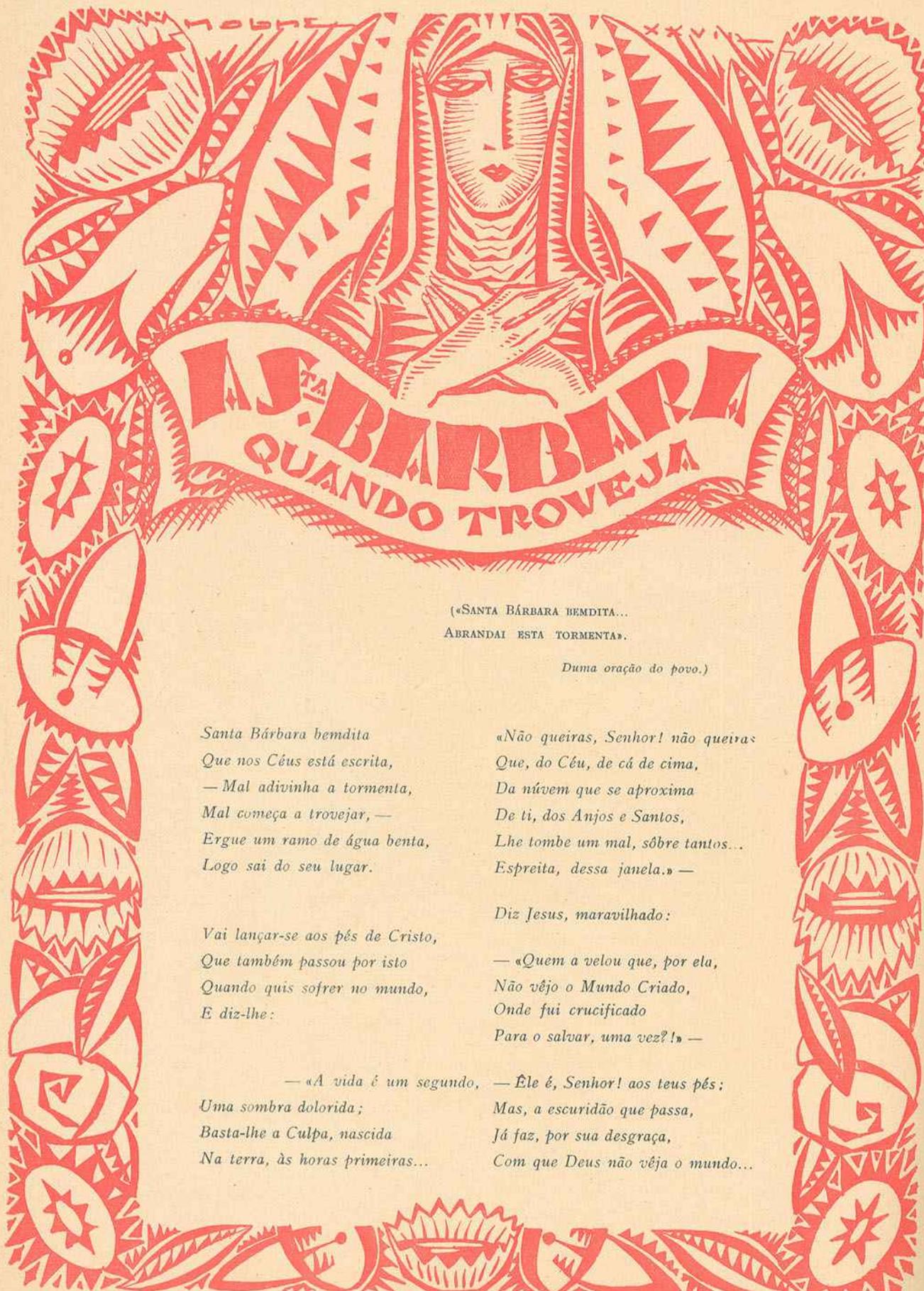
Um dos membros da comissão, o sr. Godinho, tomando ares de orador, disse ao sr. Mendes o que os levava ali, tecendo-lhe os elogios mais rasgados, chamando-lhe até benemérito da Pátria. Descjava a Liga inserir no seu Boletim, de publicação mensal, a sua biografia acompanhada do seu retrato, e como podia dar-se o caso do sr. Mendes não ter uma fotografia actual, fizera-se acompanhar dum fotógrafo que...

Nisto a porta abre-se, violentamente empurrada, e um homem entra, aos pendões, o chapéu na cabeça, derrubado para a nuca, e cumprimenta familiarmente, sem espanto:

— Ora viva a sociedade... Se adivinhasse que tinha cá hóspedes, não vinha com as mãos abanando... Aqui não há nada que lhes possa oferecer. Este meu filho, coitado, meteram-lhe na cabeça que o vinho faz mal à saúde, de modo que só bebe água. Assim está êle, tão fraco que até parece chupado das carochas. Ainda não fez cem anos, e parece que já tem duzentos. Eu é que pareço filho dêle, não é verdade?...

Subiu, mal equilibrado, a escada do primeiro andar, e o filho, desculpendo-o e desculpendo-se, disse à Comissão:

— Os senhores queiram perdoar, mas o meu pobre pai, todos os dias, mal acaba de jantar, vai a uma taberna que fica aqui perto, e volta de lá como os senhores viram. Quando eu nasci já assim era...



SANTA BÁRBARA QUANDO TROVEJA

(«SANTA BÁRBARA BEMDITA...
ABRANDAI ESTA TORMENTA».)

Duma oração do povo.)

*Santa Bárbara bemdita
Que nos Céus está escrita,
— Mal adivinha a tormenta,
Mal começa a trovejar, —
Ergue um ramo de água benta,
Logo sai do seu lugar.*

*Vai lançar-se aos pés de Cristo,
Que também passou por isto
Quando quis sofrer no mundo,
E diz-lhe:*

*— «A vida é um segundo,
Uma sombra dolorida;
Basta-lhe a Culpa, nascida
Na terra, às horas primeiras...*

*«Não queiras, Senhor! não queiras»
Que, do Céu, de cá de cima,
Da névem que se aproxima
De ti, dos Anjos e Santos,
Lhe tombe um mal, sôbre tantos...
Espreita, dessa janela.» —*

Diz Jesus, maravilhado:

*— «Quem a velou que, por ela,
Não vejo o Mundo Criado,
Onde fui crucificado
Para o salvar, uma vez?!» —*

*— Ele é, Senhor! aos teus pés:
Mas, a escuridão que passa,
Já faz, por sua desgraça,
Com que Deus não vêja o mundo...*

«Olha-o, nas ondas, lá fundo:
Pobre barca! como treme,
Perdidos o rumo e o leme.

«Qual a Pedro, o pescador,
Faze um milagre, Senhor:

«Estende a mão sobre os ventos:
E sejam quedos e atentos;
Leva as negras trovoadas,
Por entre as núvens pasmadas,
Onde não colham ninguém.

«Não diga o filhinho à mãe:
— Que mal fiz eu, a brincar,
Que me está Deus a ralhar? —

«Cala o trovão atroante,
Prende o raio coriscante,
Não destruem pão e vinhas,
Assustem as avesinhas,
Pondo em chama a própria treva.

«Cala o trovão: não se atreva
A rolar a voz imensa
Na tua augusta presença.

«Ah! deixe ouvir, manso e brando,
No Céu, os Anjos cantando:

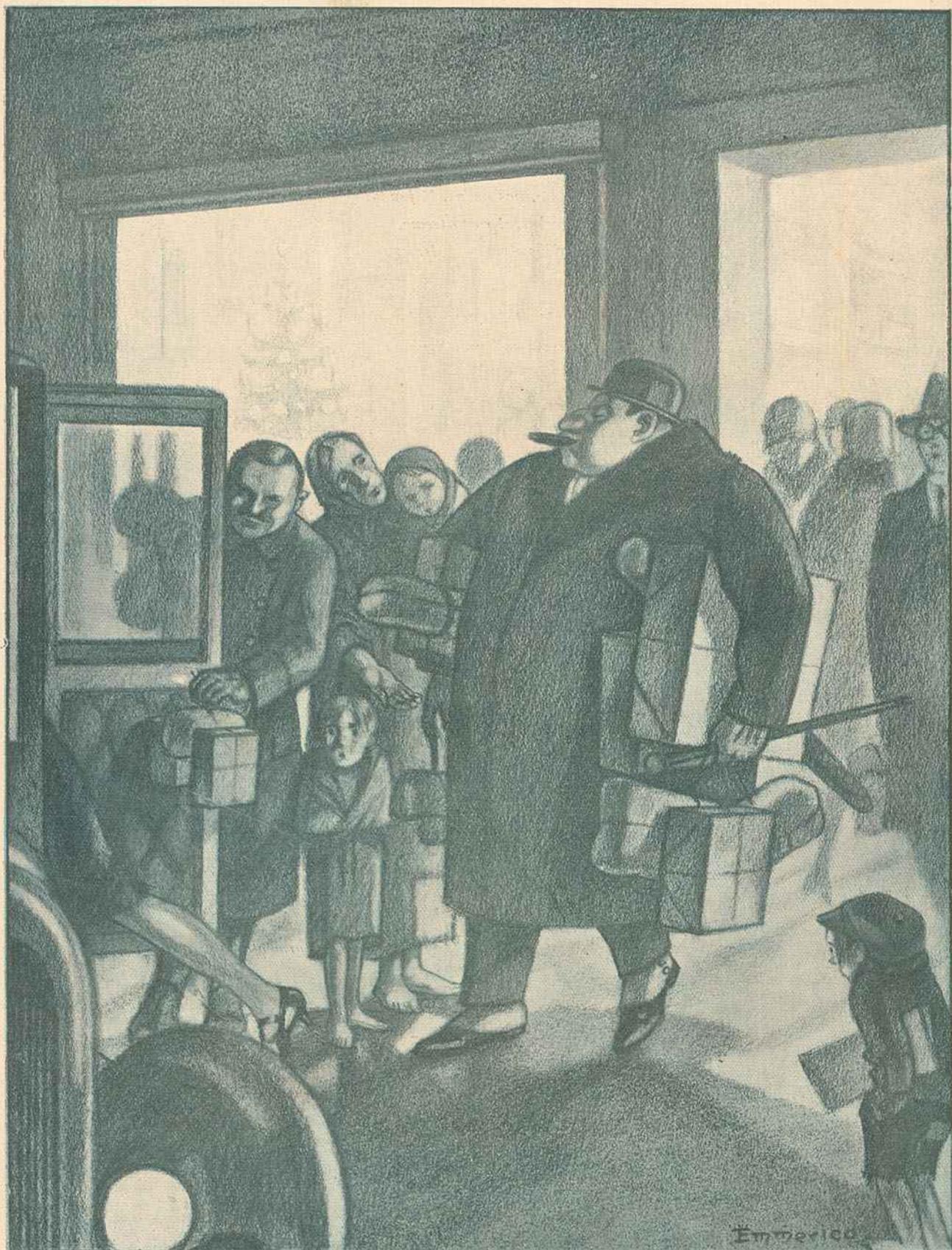
— Hossana! Glória! — E, nest'hora
De angústia e horror, mundo fora,
Deixe erguer, ouvir na Altura
Os brados da criatura
Em seu profundo clamor:

— «Misericórdia, Senhor!» —

Por quem dela se lembrou,
Assim chorou e rogou
Santa Bárbara bem dita,
Cuja oração anda escrita
Num raminho de água benta...

— E logo abranda a tormenta.

ANTONIO CORREIA OLIVEIRA



VESPERA DE NATAL : — CONTRASTES

(Desenho de Emmerico H. Nunes)



SILVA PORTO—Estudo de paisagem

(COLEÇÃO DO EX.^o SR. DR. JOÃO LUIZ DA FONSECA)



A IGREJA DO CORAÇÃO DE JESUS, CONHECIDA POR A BASÍLICA DA ESTRELA

A ESCULTURA PORTU FRANCISCO SANTOS



RECORDANDO. — (Museu de Arte Contemporânea)

FRANCISCO Santos é, em linha recta, um descendente espiritual daqueles artistas multifórmes da Renascença a quem o culto da Arte obscuria e o sonho da Beleza empolgava. Uma espécie de Leonardo de Vinci ou de Luca della Robbia, que circulavam, pintavam, desenhavam, esculpiam, quando não armavam eles próprios em artefactos, num desprezo absoluto e num esquecimento profundo por toda o universo além-do-sonho que os cercava. Santos, prisioneiro do seu atelier, Promoten a quem a água Arte todos os dias arranca bocados de sonho ora modelado em barro, ora espolinado sobre papel ou tela, lembrava fortemente, pois como éle desenhava, éle pintava. Como éle, as suas curiosidades mentais não tendem senão a avivar a flama interior que o calcina. Isto é o homem e o trabalho, porque, quanto ao artista, Francisco Santos é um poeta boêmio e pagão, sensualíssimo, adorando a Vida e cultivando a Forma, num extasi que por ser absorvente nem por isso deixa de ser criador.

A sua sensualidade encontra-se na sua obra a cada passo andado. É de ver a volúpia como éle acaricia os corpos, quer sob o pincel de sonho, quer sob a sua garra cinzel. A ternura

Francisco Santos nasceu em Sintra aos 22 de Outubro Contemporânea guarda e mostra d'elle maior número de esculpturas portu-guesas: Salomé, Recordando, produzimos, Nina, Invocação e Baccante. Suas são também do Jardim do Casa do Sotó, Promoten, do Jardim Consta Leal e Sousa Viterbo. No alto da Avenida levanta-se o Pomboal, seu, de colaboração. Tem a medalha de ouro da exposição pinturas e escultura. Breve, em boi-de-texto, pub quadros, sendo trédidos os desenhos seus



O esculptor Francisco Santos

nudez, com o presentimento de que o seu corpo já não é digno de ser aliado, e sendo aliado já admirações não tem — fisiologia derrancada, com o seu cortejo de rugas, a sua gortura, a sua antecâmara da ve-hice — que é o grande oceano onde se afoga e some a esplendorosa beleza da mulher! Que bela, que maravilhosa intuição psicológica, e que admirável sensibilidade deu vida a este poema doloroso em pedra, canto das que já não escutam cantos, ante o qual

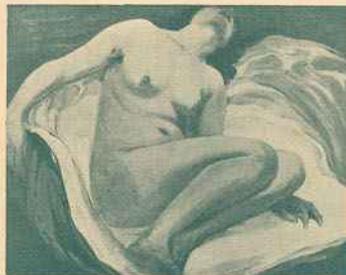
ENIGMA. — (Museu de Arte Contemporânea)



ESTUDO (doldido) Paris 1917

GUESA CONTEMPORANEA —ESTATUARIO E PINTOR

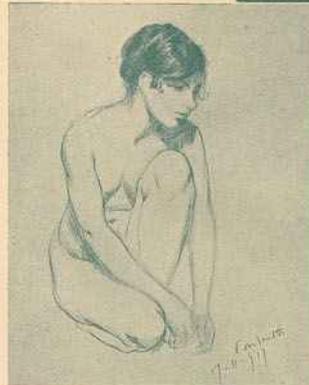
bro de 1878. O Museu de Arte trabalhos que de qualquer outro Estímulo e Crepúsculo, que re-as exdidas O homem do lemo, silho, e os maneiros de Gomes monumento do Marquis de S. N. Belas Artes, onde tem licencemos um dos seus melhores que publicamos hoje.



PEROLA (quadro a óleo)

encanta simplesmente os olhos, cumprindo formalmente a sua função plástica; prende-os os sentidos, faz pensar e faz sentir. É esse o maior triunfo que o artista pode chegar — a transmutação em milhares de almas, do sonho que tocam a sua, o contágio na multidão, da chama rubra que a elevou — angústia ou sorriso, paixão ou heroidalidade, tristeza ou luxúria. É porque Francisco Santos é um grande artista estas páginas mais não são do que o pretexto de posar ante os olhos do público elevado, algumas das maravilhas do seu génio criador.

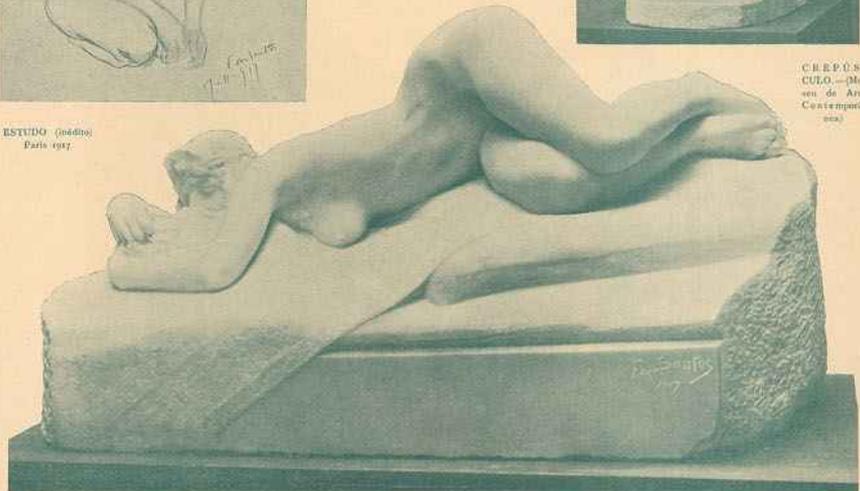
ALRISO FORJAZ DE SAMPAYO.



ESTUDO (doldido) Paris 1917



CREPÚSCULO. — (Museu de Arte Contemporânea)



SALOMÉ. — (Museu de Arte Contemporânea)



Dias depois, partimos da Toscana para a Umbria. Eu ia entrar em Assisi com a alma cheia de Assisi — com a alma a cantar a trova benta que é a santidade lírica de São Francisco. Vibrava nos meus ouvidos o timbre de prata dessa voz plena de jovialidade religiosa, e meus olhos viam seu coração cavaleiro elevar-se ao céu num arranco de amor jucundo. Por isso, quando, vindo de Perúgia, avistei ao longe e no alto, numa lomba de montanha verde, posta no azul bruido do firmamento de Itália, a pequena e unida vila branca, cheia de sol, tive a impressão de ver, suspenso, um alegre e fresco jardim de magnólias em flor, senão um enorme bando de pombas pousadas a meia encosta dêsse umbriano Subásio, irmão, em milagres, do toscano Alverno. E estas imagens — flores e aves — surgiam-me das ideias e dos sentimentos franciscanos que eu trazia casados no coração e sintetizavam a fisionomia plástica dêsse poético espírito, florido e alado, que, séculos antes, vicejara nêsse torrão de bênção, onde tão gratamente jubiloso se sentia que a si próprio se classificou de «cantor de Dio» — de Trovador de Deus!

O feixe de sol que doirava êsse soalco serrano afigurou-se a repetição de um outro feixe de luz celeste que descera outrora nessa humilde terrinha, o qual anunciava à Umbria verde que Deus a escolhera para nova Belém (em que não faltou o estábulo) de um outro extraordinário ser de amor que de amor havia de encher o mundo. E porque eu tinha o fundo dos olhos e dos ouvidos cheios dessas imagens claras e melodiosas, até a própria palavra ASSISI, com as suas duas vogais abertas e os seus três SSS de violino, me pareceu branca e sonora...

Mas chegado à estação do caminho-de-ferro; atravessados, pelo meio da enorme campina chã, os três quilómetros de estrada em linha recta; subidas as últimas rampas que laçam o monte; e entrado na antiga vila de larguinhos pobres e silenciosos, íngremes ruelas estreitas e sombrias, com esbroadas casas de miudas pedras barrentas com adóhos velhos; — tudo me pareceu burel: fachadas, terras, almas. A distância, a vilinha era luz e brilho; próximo — o silêncio das coisas mortas, a malária das almas doentes.

Já o panorama retrospectivo da história civil e religiosa desta Comuna medieval, inclusa nos Estados Pontifícios, sempre em encarniçada guerra não só com os seus vizinhos rivais, mas ainda consigo própria,



(«Assisi di sopra contra Assisi di sotto») se me filmava diante dos olhos; já os meus estudos acerca de São Francisco, lidos em muitos livros, me saltavam à memória e me mostravam o santo sob diversos aspectos. No entanto, nesse momento de alma absorta, o meu único desejo era que toda a erudição histórica, toda a filosofia da doutrina de São Francisco, todos os comentários à sua obra social, todas as considerações ao impulso por êle dado à arte naturalista; — tudo isso se me varresse da retentiva, e o meu entendimento ficasse tábuia rasa coberta de finíssima camada de cera virgem para nela directamente se gravarem as impressões que directamente eu colhesse do face a face com a alma do Santo como ela está no «Speculum Perfectionis», na «Legenda Trium Sociorum», e nos «Dioretti». E essa alma ia eu encontrá-la nêsse lugar, pois sempre o amoroso encontra a imagem da criatura amada, quando o seu coração entra na terra onde ela viveu.

— Encontrá-la-hemos, Leonardo?

— Não viemos aqui para outra coisa, respondeu com simplicidade o religioso escultor português.

Sim, essa viagem era a visita a uma claridade santa, o diálogo com um coração perfeito, para ensinamento e estímulo nosso. Era uma peregrinação a um lugar beatificado pela virtude dos justos, onde, no fundo da terra das estradas, da das ruas, da do chão das igrejas, da das sendas dos montes que hoje pisamos, existe ainda a terra que ecoou os passos de um homem que viveu em espírito, por suas orações e labor se edificou maravilhosamente e no mundo erigiu a obra da Bondade-Beleza. E essa terra-realidade é terra-idealidade que põe o espírito do peregrino devoto em vibração piedosa, como igualmente o põe todas as demais coisas materiais que estiveram em contacto com êste bemaventurado; casas que êle habitou; paredes aparelhadas por suas mãos; hábitos, remendados com panos diversos cosidos a pontões grosseiros, que cobriram seu corpo, pele e osso; celícios de aspérrimo camelo que lhe morderam as carnes maceradas; sapatos calçados por seus pés em ferida; a camurça que se empastou e os farrapos de linho que se embeberam no sangue vivo das suas chagas miraculosas; — tudo são relíquias materiais urdidas de espírito santo.

ANTERO DE FIGUEIREDO.

(Princípio de um capítulo de um livro inédito).

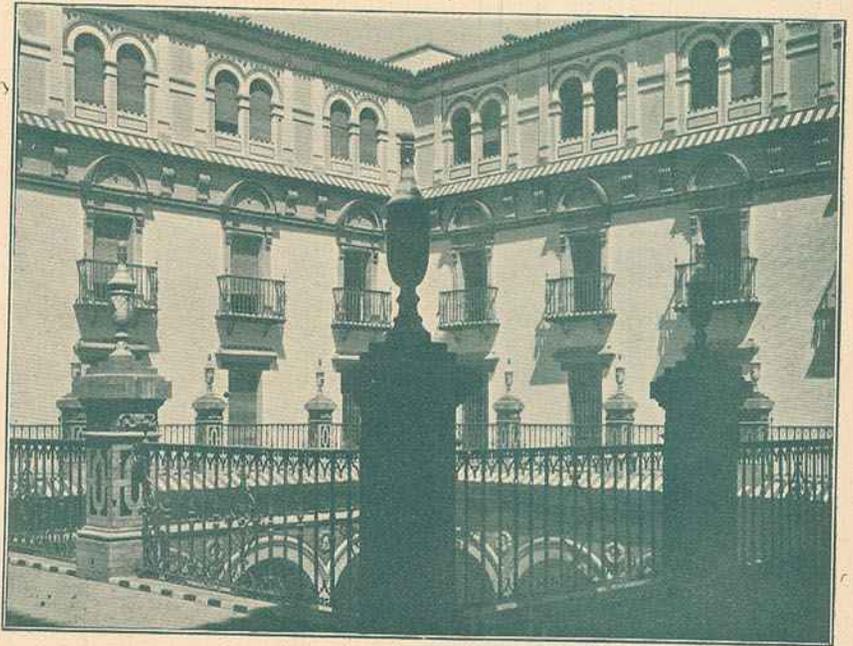
A EXPOSIÇÃO DE SEVILHA

...DA NOSSA REPRESENTAÇÃO

Se não fôra o rio a demarcar fronteiras e em reminiscências de antigas lutas os castelos de Castro Marim a defrontarem orgulhosamente terras de Espanha, pela paisagem não saberíamos ir correndo pela Andaluzia dos cravos rubros e lendas mouras, figueiras e o recorte quente da vegetação africana dos cactus, prolongam indefinidamente o Algarve até cançar; o tipo das gentes é o mesmo; o termómetro não desceria um grau, marcando quenturas do sol.

Da platea do teatrelho-cinema que é a «camionette», vemos desenrolar-se o espectáculo da paisagem a correr doidamente à nossa volta, arvores em sarabanda. Povoaçõesitas de cubos brancos da casaria baixa, alucinam a vista; marcos de fé cristã, assomam de quando em vez aos caminhos, a abençoar-nos, as pirâmides obésas dos nichos de santos protectores e milagrosos. Como a viagem é longa e o tempo escasso, não se demora em paragens o veículo pesadão, e retalhando planícies que a vegetação faz brocados sumtuosos e ladeando cimos, meia duzia de horas depois, atravessava a parte mais velhusca e sórdida da mui antiga e mui fiel cidade moura.

De simpático e de louvar nêstes tempos de

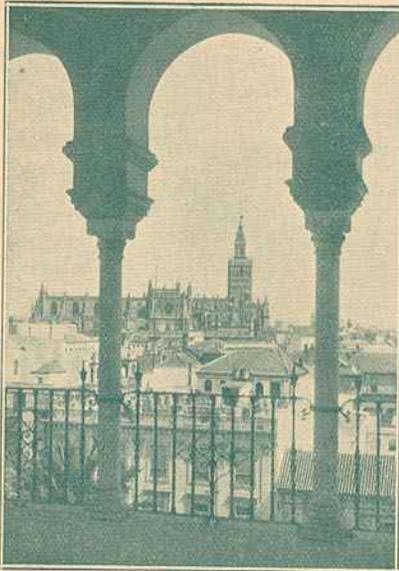


Um dos pátios de honra do grande hotel D. Afonso XIII edificado propositadamente para o movimento de turistas que se espera por ocasião do certame



O pavilhão em estilo renascimento, sumptuosa realização erguida na Praça da América

hábitos e aspectos idênticos pelo cosmopolitismo iconoclasta, é o apêgo carinhoso à tradição por via da arquitectura. Vive toda a cidade uma actividade febril em preparar recepção condigna às gentes que hão de acorrer à exposição, e rasgando arterias e construindo palácios, observamos um cuidado previdente em conservar as características arabes, e atenções manifestas em continuar o estylo barroco de uma parte das suas igrejas e casas solarengas. São às dezenas os casebres destruídos da parte mais central da cidade, mui cêrca da cathedral orgulhosa, e logo que erguem casaria nova, lá vamos observar-lhes seus pátios de azulejos policromos e floridos caprichosamente, recantos de bondade e paz de aquietar paixões ruins. Roseirais fazem dêles altares, e é de vêr que em tal ambiente logo à memória acôde aquêla lenda das seis roseiras do hospital da



A Giralda vista do hotel D. Alfonso XIII

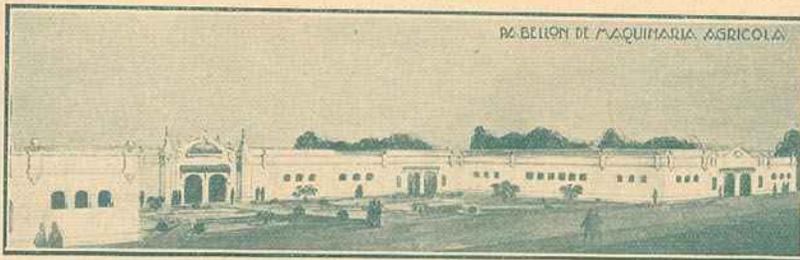
Caridade, centenarias já, pelas mãos de pintor de D. Miguel de Mañara plantadas, essas mesmas mãos que empunharam a espada aventureira de D. Juan Tenorio, e que



Pavilhão de Sevilha (em construção)

os anjos descem do céu para as regar e alindar. E como chorem lágrimas sentidas pela memória do aventureiro depois redimido por suas obras de santidade, são as lágrimas a seiva nova que alimenta o roseiral eternamente moço, — por cada lágrima uma rosa de sangue...

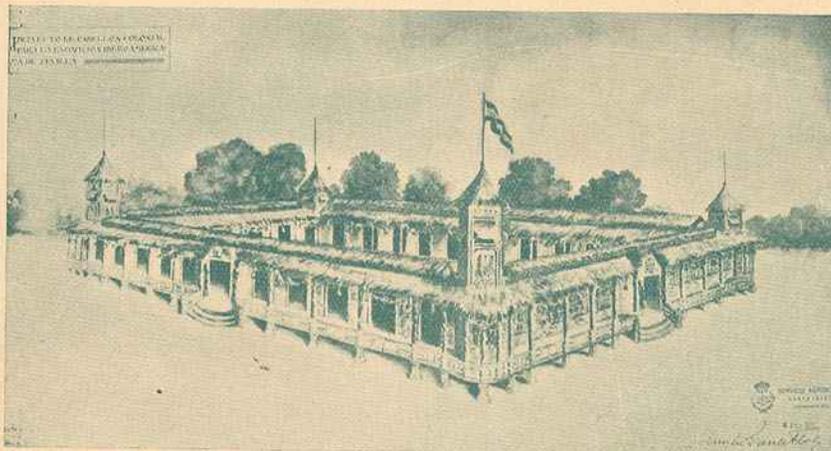
radas dum artista genial, visionando em cada recanto uma parsito de noivos, em cada álea a procissão esplendorosa de mulheres-eleitas da formosura e graças. Jardins proposadamente feitos para o amor, alindados pela sensibilidade estética dum grande amoroso, ainda vamos encontrar nêles pormenores de arte, exemplos de civismo. Nós que em Lisboa, por ignorantes, desleixados, e à cultura avêssos, consentimos que se fchassem as pequenas bibliotéas dos nossos jardins, devíamos ir admirar, em romaria, o culto amavel de Sevilha pelos seus artistas. Entre o perfume de flores e o carinho de arvores amigas, são às dezenas os monumentos que os recordam. Em glorietas, recintos que bancos de azulejos circundam ou



O pavilhão de maquinaria agricola (em construção)

muito embora de recuana idade não cançam de oferecer rosas rubras aos nossos olhos deslumbrados. Diz-se que em tôdas as noites

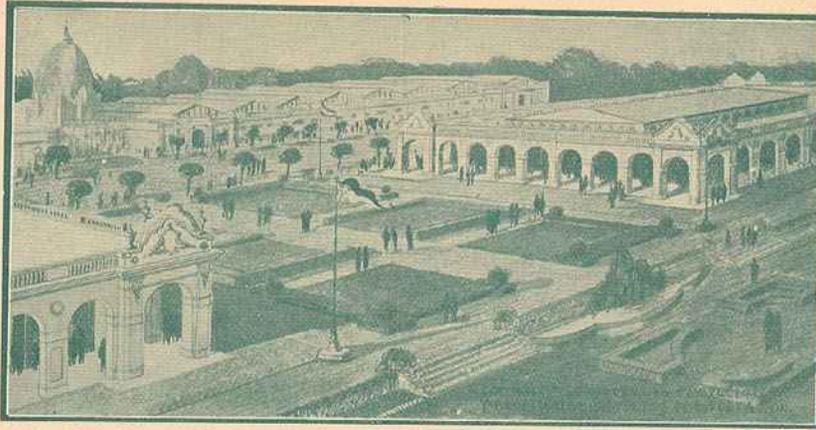
Jardins de milagre são também os de Murillo, o parque de Maria Luiza, e tantos outros, desenhados todos pelas mãos enamora-



Pavilhão da Guiné Espanhola (Fernando Pó)



Aspecto do pavilhão mudéjar

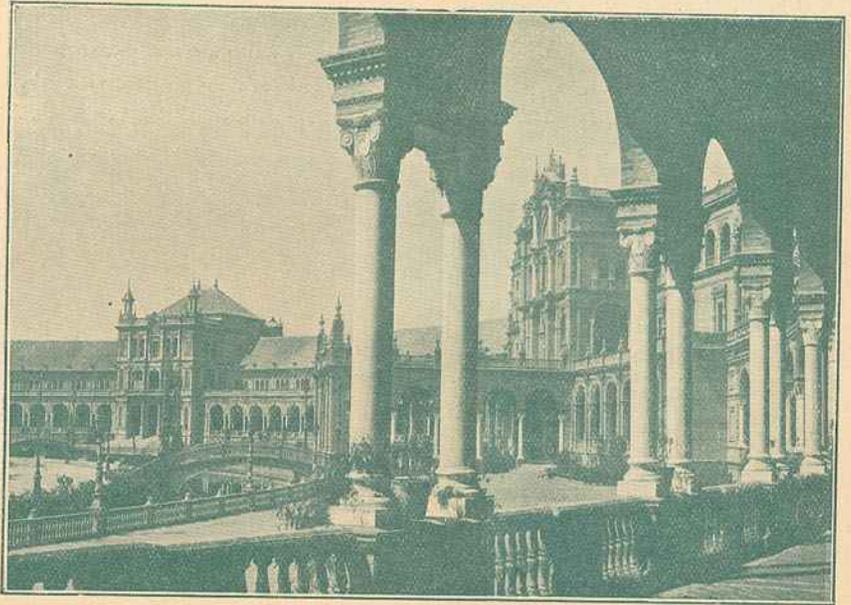


Galerias comerciais e de productos de exportação, projecto de D. Vicente Traver y Tomás

desabrochem a caricioso calor, lá fomos até à praça de Espanha, onde os sevillhanos teem posto o melhor do seu esforço na construção do palácio principal para a sua exposição de 1928. Suntuosissimo, as reminiscencias arabes são manifestas, como também se assinalam num dos palácios das Artes, que fizeram construir. Visitando-os um a um, detidamente, demorando-me ante os pavilhões, característicos todos, dalgumas das nações das Americas latinas, ora a cópia duma igreja espanhola dos tempos da colonização, ora a granja — modelo dum país de agricultura próspera, eu vejo o que será

formam meia laranja, se a um pintor prestam homenagem, lá veremos a reprodução de seus melhores quadros; se um escritor glorificam, lá vamos encontrar em estantes airosas de arranjo, tôdas as obras que êle criou e fez publicar. Noite e dia, para consulta gratuita, elas estão confiadas ao carinho e bom trato do leitor. Folheci muitas. Em meu desconhecimento ignaro do civismo do sevillhano, admiti encontrá-las truncadas. Não lhes faltava uma página. Em Lisboa, quem sabe? talvez já não existissem os volumes...

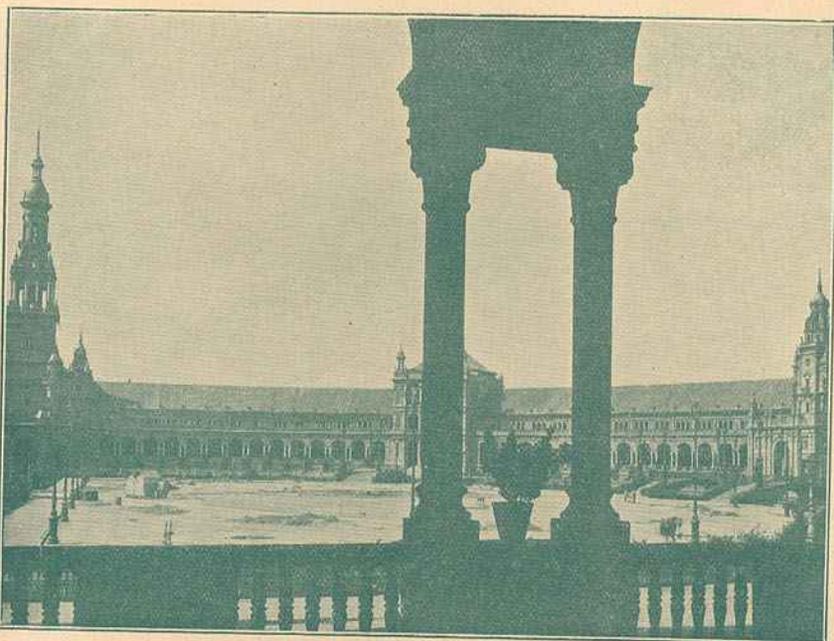
Tomado depois contacto com as ruelas tortuosas do bairro de Santa Cruz, todo um emaranhado de vielas floridas, em cada janela um canteiro, casaria atarracada para que o sol lhe beije as frontarias e flôres



Plaza de España — Corpo Central do Grande Pavilhão de Honra

a representação d'êste nosso Portugal empobrecido e caluniado. Peço indicações; solicito projectos. Um grande largo dará entrada à exposição, para onde se abrem três portas em arco, monumentais, de estatuas simbólicas entre coluna e coluna. Ao centro a Espanha, da direita Portugal, à esquerda as Américas. Inquiri onde será construído o nosso pavilhão, e indicam-me um terreno largo, muito proximo dali, e então, comovido, observo o cuidado providente de nos oferecerem sempre e em tudo, o melhor lugar.

Tracto de terreno que à nossa Patria é destinado, e a entestar a Avenida de Portugal, a curiosidade para lá me conduz. Nada, nem simples bandeirinhas de engenheiros a assinalarem-no como indicando a escolha. E eu cotejo esforços, trazendo na retina o afan das outras nações longiquas: o México revolucionário, o Chile, a Cuba, todo êsse

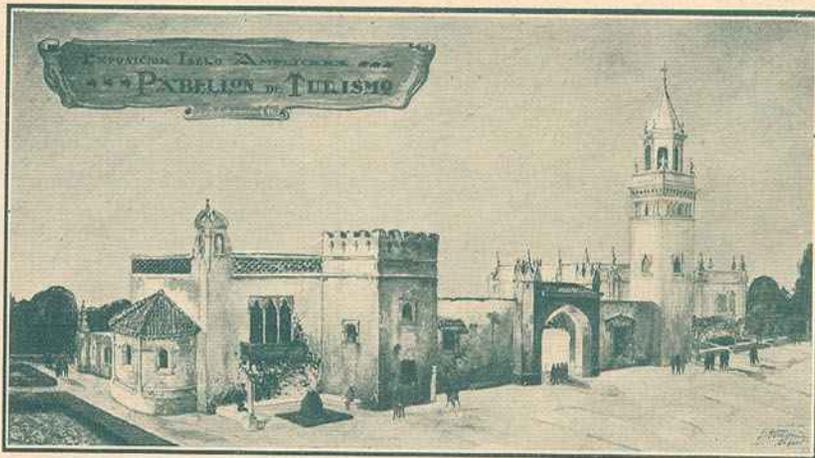


Uma vista da Plaza de España



Detalhe do pavilhão Renascimento

mundo novo que espanhóis e portugueses encontraram e engrandeceram pela maior e mais bela aventura de escalada ao sonho, que a história aponta, registrando.



O Pavilhão de Turismo (projecto de D. Vicente Traver y Tomás)

Do culto desses países pela Espanha, clama apêgo e carinho um dos pavilhões-igrejas, em via de conclusão. Ao templo, de torre sineira de desvendar horizontes, ajuntaram grande casa em geito de mosteiro com sua cerca; e como tudo construído foi num recanto de frondoso parque, a imaginação logo invoca as procissões de monges à hora dos crepúsculos, sonhadores todos, e mui felizes todos por enamorados da beleza da paisagem e remanço do lugar. Da igreja, imaginativamente construo as naves e desenho capiteis de ingénua mas bem lançada

folharia, traço claustros e côro, e vejo que repousam no cruzeiro e capelas grandes, os guerreiros e homens de governo espanhóis que esforçadas tarefas esgotaram na hora propria de sua glória de conquistadores. Panteon, de cada lousa, de cada inscrição, se erguerá um valor apontando ao visitante indifferente da raça do americano endinheirado e estupidamente utilitário, que o sonho, o sonho que os guiou, para a sua mais bendita e formosa realidade. Voz corrente entre aquêles que dirigem e outros que executam o plano geral da exposição, que o nosso país fará trasladar para ali o ossario dum nosso pavilhão do Rio de Janeiro. Que se salve ao menos a decência, e o decorremos por forma a não se confundir com aqueles interiores meio palácios, meio choupanas da nossa rusticidade de provincianos. Em mobiliário, nada do aparato dos leilões de espólio, mas também cuidado com a dolorosa nudez hospitalar. Observam-nos, curiosidade carinhosa em reconhecer o nosso esforço. Do cavalheirismo do espanhol-amigo nasce o dever de em tudo correspondermos

a êsse interesse, justificando homenagens. Junto a tanto palácio e porque a Portugal ofereceram o melhor lugar, assinalemos; de muito ruim fama nos cobriremos se a pavilhões-barracas restringirmos a nossa representação. Eu recorro! a meus ouvidos sôam as palavras quentes de admiração duma palestra entretecida em café aristocrático da calle de Sierpes, dois espanhóis artistas a três portugueses artistas:

— O que falta à Espanha é a inquietude de espirito de todos vós, portugueses!

Eu podia retratar a política em seus



Uma das torres da Plaza de España

meandros, provando que para além da renovação espiritual que aparentemente as nossas revoluções pretendem atestar, há sempre clientelas políticas de apetites vorazes, guélias escancaradas. Limitei-me a entender agradecimentos, acordado o patriotismo. E por associação de ideias ocorren-me a desconfiança de certa gente inculca cá do burgo quando pretende vêr em tôdas essas homenagens, cálculos de absorção, recordados de expoliações, reservados como todos os escravos quando alguém os acarinha e lhes vai recordar de seu direito à liberdade e presta justiça a seu valor e qualidades...

...e se nós valorisássemos o nosso esforço, senhores como sômos de oceanos interminosos?

ASSIS ESPERANÇA.

(Fotos Zubillaga.)

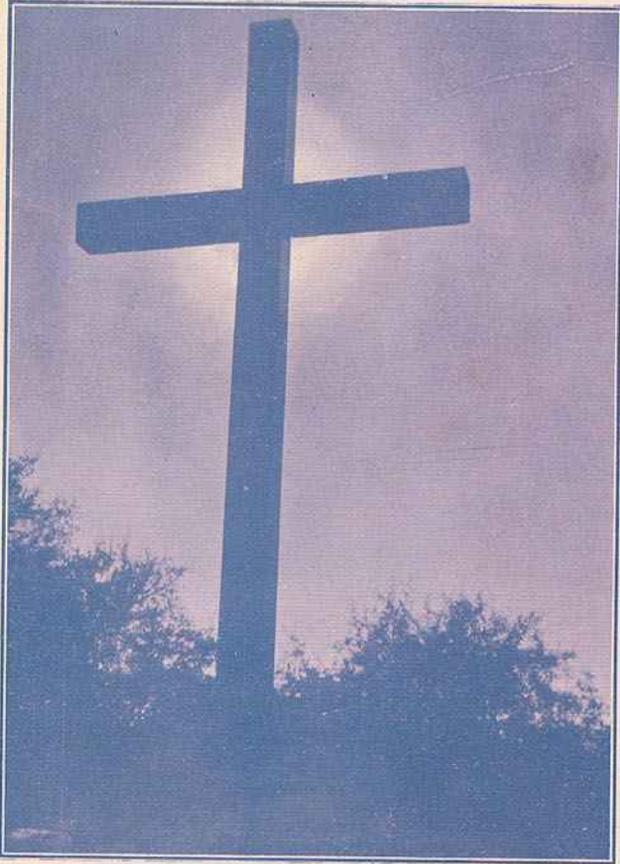
NOTA DA REDACÇÃO

Este artigo, primeiro duma longa série que reunirá os nomes literários de alguns brilhantes escritores portugueses e espanhóis, marca o início de uma homenagem, tão grande como a nossa justa admiração, ao povo espanhol e à nação que connosco partilha de inmercedouras glórias no passado e legítimas esperanças no futuro.

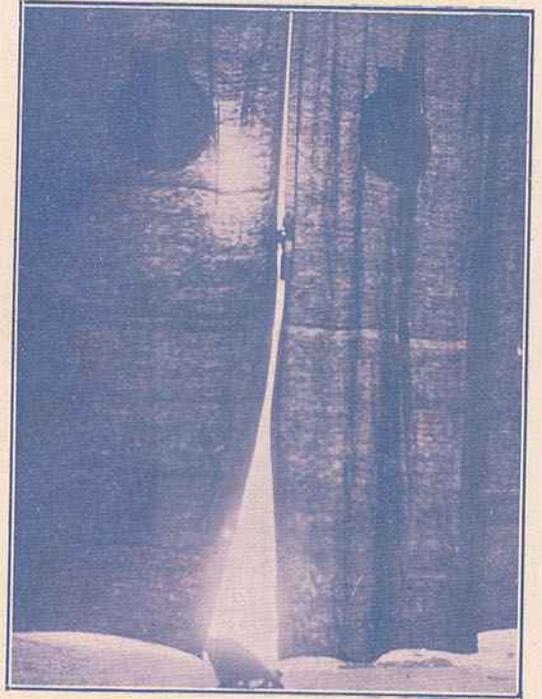
O formidável acontecimento que vai dar-se em Sevilha, reunindo junto ao Guadalquivir lódas as nações que salam as línguas belissimas de Espanha e Portugal, serve-nos de motivo primeiro para as nossas atenções.

Ao iniciar esta série de estudos ibéricos, a ILUSTRAÇÃO saúda a grande nação vizinha na augusta pessoa do seu grande monarca, Sua Magestade Católica, o Senhor Dom Afonso XIII.

FOTOGRAFIAS DE AFONSO LOPES VIEIRA



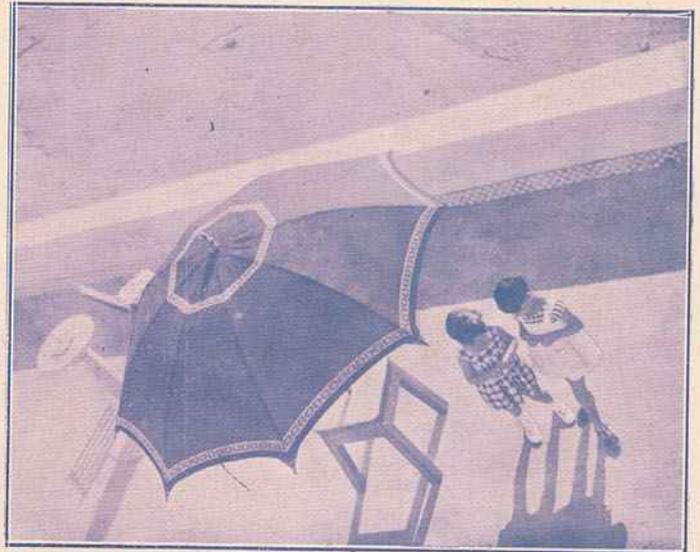
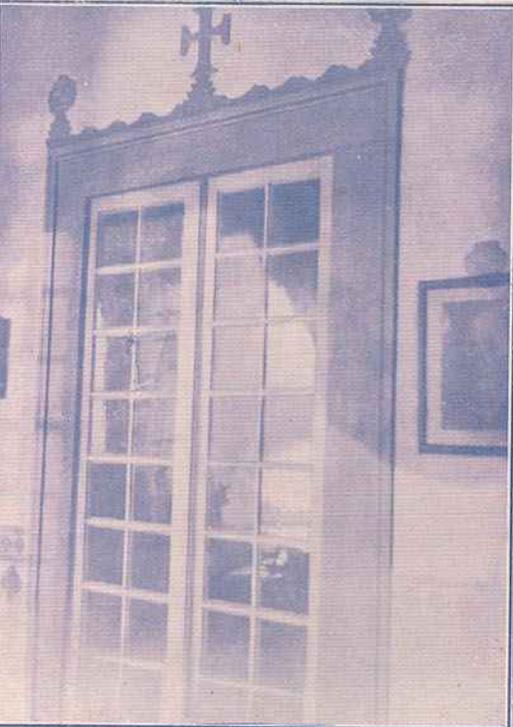
I
RES-
PLEN-
DOR



II
CORTI-
NAS
AO
SOL

III
POR DO SOL
REFLECTIDO

IV
BONECAS



O GRANDE POETA EVOCADOR DO *AMADIS* É TAMBÉM UM ARTISTA DOTADO DE INTENSA SENSIBILIDADE VISUAL. COMO AMADOR DE FOTOGRAFIA OS SEUS CLICHÉS SÃO NOTÁVEIS PELA AUDÁCIA LUMINOSA

FEMININA

Vestido em crepe da China champagne, guarnecido de «à jours» e pregas. Criação de Mag Helly

(Foto G. L. Maunel Frères)

AO CENTRO: Um lindo chapéu de Sozy, em feltro e setim negro, de corte originalíssimo.

(Foto G. L. Maunel Frères)

PARIS, cidade do luxo e da opulência, inunda o mundo inteiro com a beleza sem par dos seus modelos. Para a mulher francesa, e portanto, para as elegantes de todo o mundo, que as seguem nos seus ditames, trabalha um imenso formigueiro de artífices da moda. Os mais célebres decoradores desenham padrões para tecidos de rara e exuberante fantasia; modelistas e mestres da pintura e do desenho inventam dia a dia, hora a hora, os mais deliciosos tipos de vestidos femininos em galbos deliciosos, de linha esbeltíssima, numa ânsia de perfeição no estilo e na singeleza das composições. Mestres tintureiros, tecelões

NO MEDALHAO: No dêlo de chapéu da casa Alice

Vestido em crepe da China. Criação Magnen. — (Foto G. L. Maunel Frères)

(Foto Henri Maunel)

subtilíssimos de sêdas as mais diáfanas; engenheiros que realizam maquinarias de contos de fadas, todo um povo, enfim, de obscuras costureiras e mestras e bordadoras, trabalham dia a dia, hora a hora, durante vidas inteiras de esforço, para embelezar a deliciosa boneca que é a Mulher moderna. *Biblot* precioso, estatueta frágil e divina, cada vez a mulher vai tornando mais refinada a sua elegância, mais apurado o seu bom gosto especial, intuitivo na mulher. Por isso, cada vez mais ela reclama da moda o imprevisito, a originalidade, a bizzarria, tudo dentro do mais depurado equilíbrio, do mais subtil gosto estético. A mulher moderna, que tem, como ninguém, o sentido das proporções, tem também, no mais alto grau, o instinto da elegância naquilo que ela tem de mais requintado e de mais belo. E é agora a ocasião de falarmos, um pouco em especial, da

NO MEDALHAO
DO CENTRO:
Feltro negro criação
de C. Marson



Turbante em feltro negro e lamê de prata. — Modelo executado para Pepa Bonalé. (Foto G. L. Manuel Frères)



EM BAIXO: Uma encantadora camisa de noite em crépe da china, modelo Alexandre. (Foto H. Manuel)



Vestido de soirée em veludo «dra-pê», lamê bois de rose e ouro. Criação Franis

(Foto G. L. Manuel Frères)

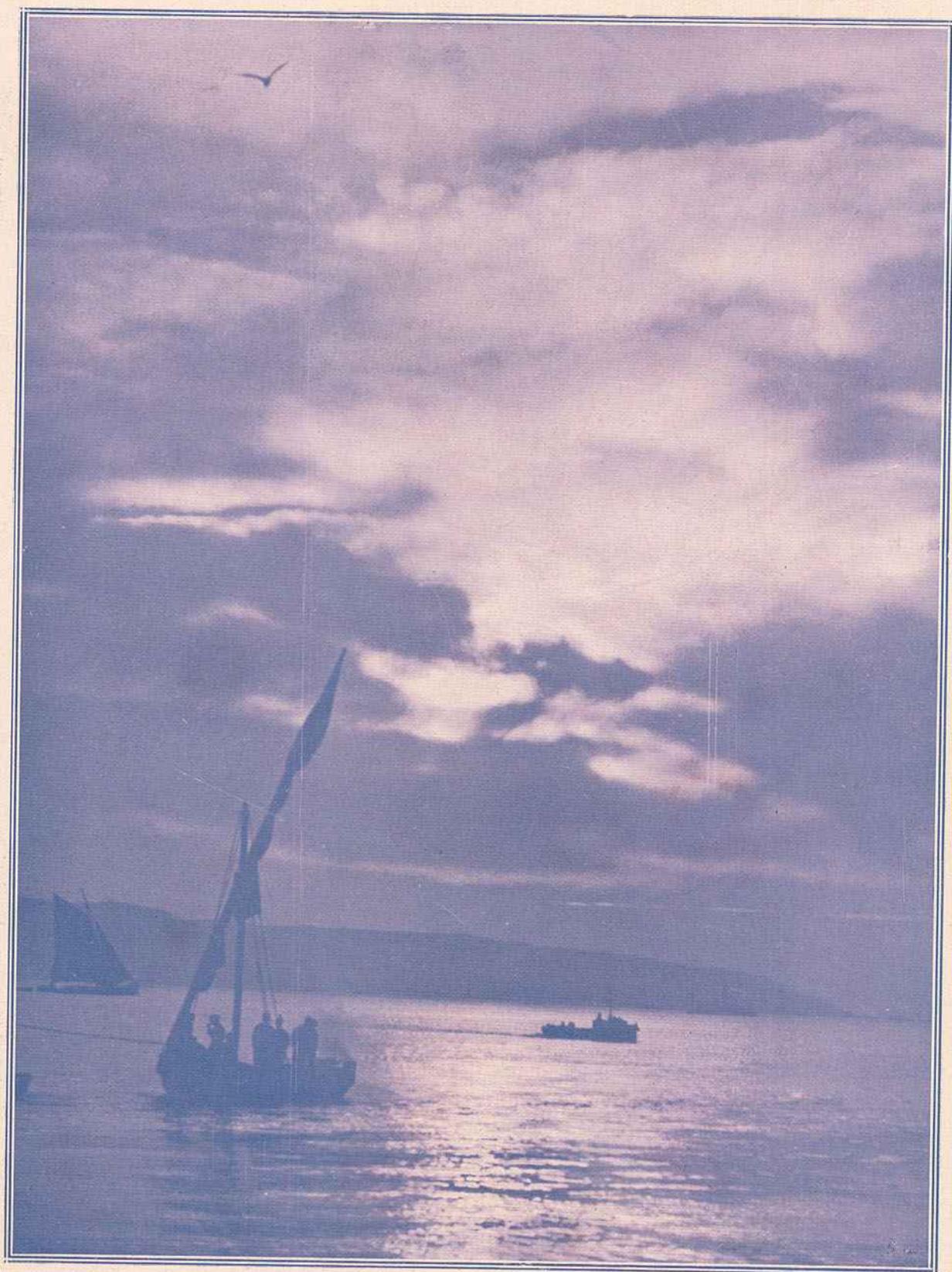
mulher portuguesa, ente de rara sensibilidade, de rara eleição, de elegância nata, duma especial distinção que, para honra nossa e nosso orgulho, é bem rara na maioria das estrangeiras. Com especiais faculdades de adaptação, que graça, que encanto tão particulares porá a mulher portuguesa ao usar os rossos figurinos!...

Eles são escolhidos a capricho e desde a camisa de noite, em que a coqueteria não exclui a castidade, até ao suntuoso vestido de grande soirée, todos são adaptáveis, pelo seu equilibrado e verdadeiro bom gosto à elegância particular da mulher portuguesa. E há entre êstes modelos formosíssimas criações de depurado chic.

MADAME CHIFFON.

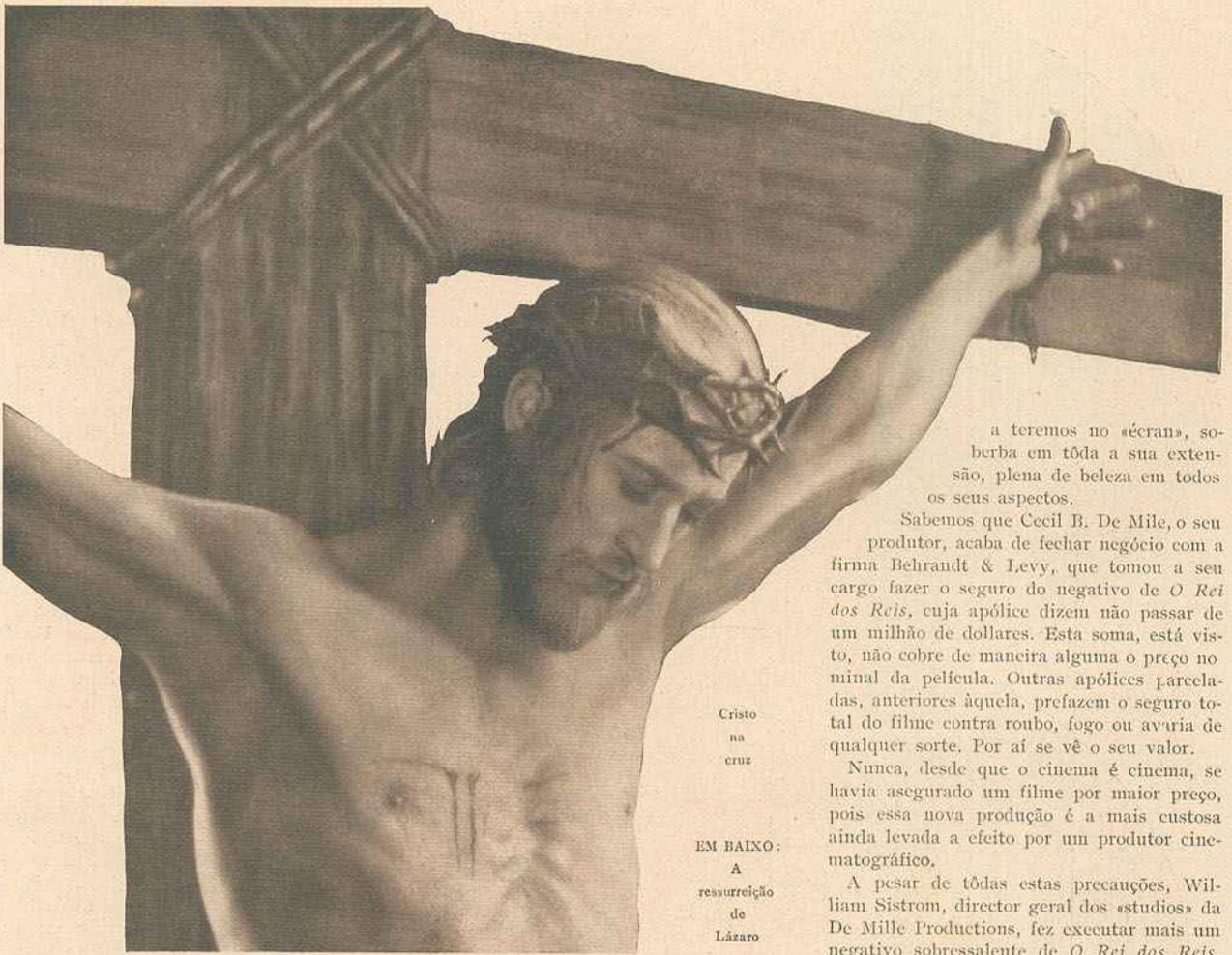


PORTUGAL — ARTE E PAISAGEM



CREPÚSCULO NO TEJO

(Cliché Mário de Novais)



Cristo
na
cruz

EM BAIXO:
A
ressurreição
de
Lázaro

a teremos no «écran», soberba em tôda a sua extensão, plena de beleza em todos os seus aspectos.

Sabemos que Cecil B. De Mille, o seu produtor, acaba de fechar negócio com a firma Behrandt & Levy, que tomou a seu cargo fazer o seguro do negativo de *O Rei dos Reis*, cuja apólice dizem não passar de um milhão de dollars. Esta soma, está visto, não cobre de maneira alguma o preço nominal da película. Outras apólices parceladas, anteriores àquela, prefazem o seguro total do filme contra roubo, fogo ou avária de qualquer sorte. Por aí se vê o seu valor.

Nunca, desde que o cinema é cinema, se havia assegurado um filme por maior preço, pois essa nova produção é a mais custosa ainda levada a efeito por um produtor cinematográfico.

A pesar de tôdas estas precauções, William Siström, director geral dos «studios» da De Mille Productions, fez executar mais um negativo sobresalente de *O Rei dos Reis*, salvaguardando-se, assim, de qualquer perigo ou acidente que possa correr o filme.

Na noite de 19 de Abril próximo passado teve lugar em Nova York a estreia da su-

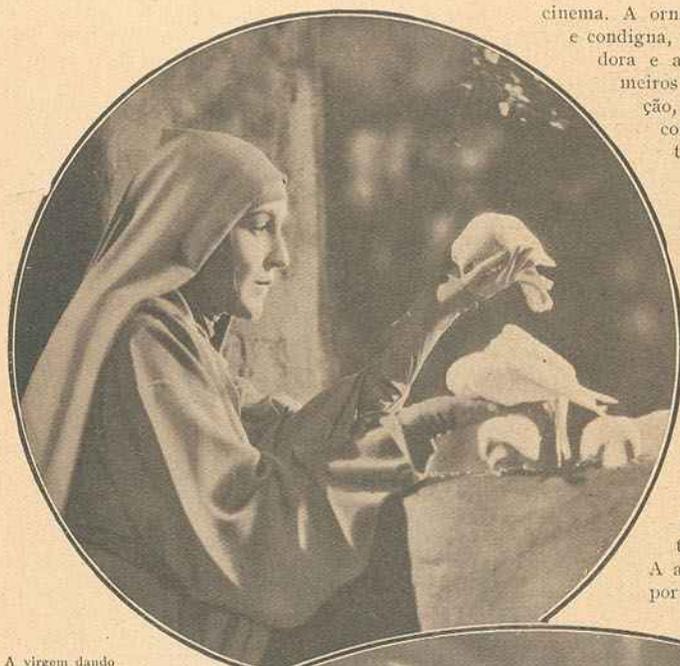
“O Rei dos Reis”

O CINEMA E OS ASSUNTOS RELIGIOSOS — A VIDA, PAIXÃO E MORTE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO É O MAIS BELO TEMA PARA A ARTE DO CINEMATÓGRAFO — O CINEMA DE ARTE

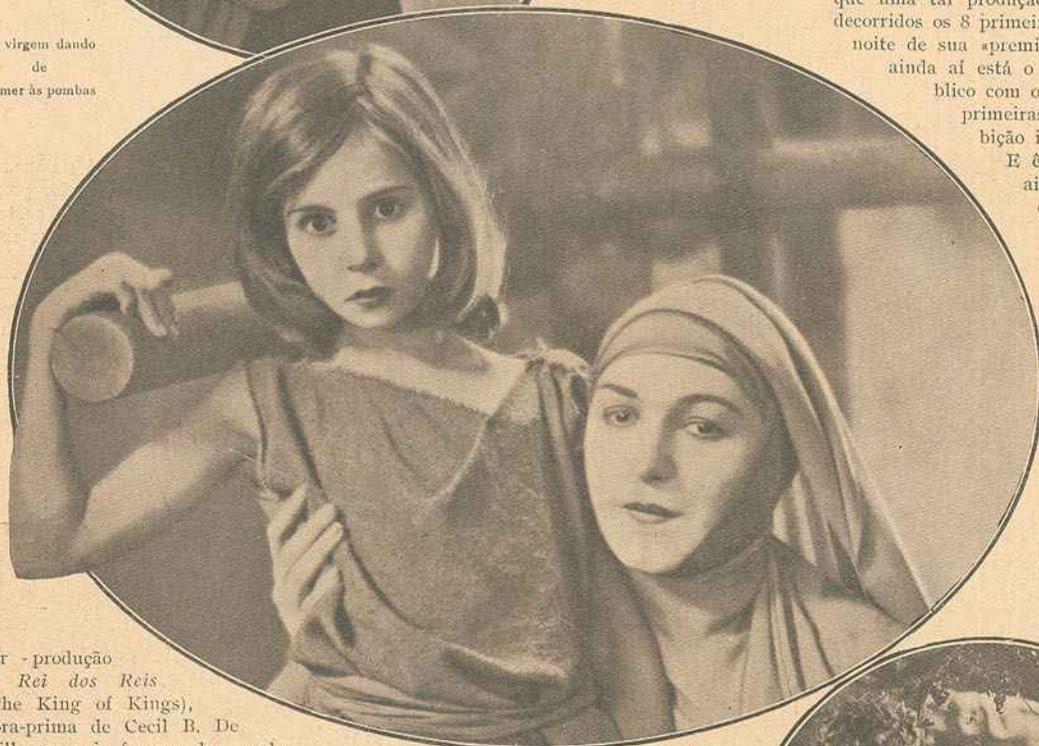
DESDE que a publicidade internacional anunciou que, mais uma vez, e desta com todos os espantosos recursos da cinematografia americana, se ia filmar o divino mistério da Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, notou-se uma grande ansiedade de pormenores sobre essa realização que se anunciava verdadeiramente sensacional. Logo que se anunciou que os trabalhos tinham sido começados, entrou de se notar a ansiedade de todos sobre quando viria à luz *O Rei dos Reis*, o filme que faz levantar, actualmente, comentários descontraídos e calorosos por todo o mundo.

A data precisa da estreia dessa obra colossal entre nós, não está ainda definitivamente assente, mas, concluído, como se acha, todo o trabalho de filmagens, retoque e titulação da película, cremos que por estes dias





A virgem dando de comer às pombas



per - produção
O Rei dos Reis
 (The King of Kings),
 obra-prima de Cecil B. De
 Mille, o mais famoso dos produ-
 tores cinematográficos não só da América
 como talvez de todo o mundo. Diante de
 uma assembleia numerosa e selecta, composta
 dos mais altos representantes de várias scitas
 religiosas, de personagens de distinção
 no meio cine-productivo, de representantes da
 imprensa e do governo, de delegados de as-
 sociações, centros artísticos, museus e tea-
 tros, teve início a projecção de *O Rei dos*
Reis, reconhecida como a mais faustosa, a
 mais soberba de tódas as pelliculas históricas.

O espectáculo de estreia do Gaiety Theatre,
 onde ainda se acha correndo a pellicula,
 foi um dos acontecimentos mais festivos de
 todos quantos se tem dado na história do

cinema. A ornamentação sóbria
 e condigna, a música inspira-
 dora e adequada, os pri-
 meiros *flashes* da exibi-
 ção, tudo enfim, con-
 corria para despertar
 no espectador
 uma atitude de
 respeito, de ve-
 neração, e so-
 bretudo pre-
 dispunha -o
 para rece-
 ber pela alma,
 mais ainda do
 que pelos
 olhos, a se-
 quência ma-
 jestosa da pe-
 licula que
 apenas come-
 çava a projec-
 tar-se.

A apresentação feita
 por Cecil B. De Mil-

cantes do filme, *O Rei dos Reis*, que é a
 mais artística e real história da vida de
 Cristo até agora realizada. H. B. Warner,
 que tem a seu cargo a interpretação do Re-
 demptor, mereceu os maiores elogios dos crí-
 ticos e abalizados apreciadores dos assuntos
 sacros. Em seguida vem Ernest Torrence, no
 papel de Simão Pedro; Joseph Schildkraut
 que toma a si a figura execranda de Judas
 Iscariote; Dorothy Cummings que faz o
 papel de Maria, mãe de Jesus; Jacqueline
 Logan na deslumbrante personificação da
 cortezã de Magdala. É Rudolph Schildkraut
 quem encarna o personagem de magna im-
 portância bíblica que é Caiphás, o príncipe
 dos sacerdotes. E quantos outros, num total
 de noventa e três personagens históricos,
 cada qual mais vibrante, cada qual mais
 convincente e humano!

Quem assistiu à apresentação, em Nova
 York, da nova versão da Vida de Cristo,
 obra colossal de Cecil B. De Mille, vibrando
 ao desenrolar das scenas da divina epopeia,
 certamente que logo previu o grande êxito
 que uma tal produção iria obter. E hoje,
 decorridos os 8 primeiros meses a contar da
 noite de sua «première», em Nova York,
 ainda al está o filme a atrair o pú-
 blico com o mesmo interesse das
 primeiras semanas de sua exi-
 bição inicial.

E este facto cresce mais
 ainda de importância
 quando se nota o nú-
 mero de pessoas de
 cultura que sôbre o
 filme se tem pron-
 unciado. O Rev.
 Dr. C a d m a n,
 grande erudito
 do púlpito pro-
 testante norte-
 americano, dis-
 se, numa de suas
 «causeries» rádio-
 telefónicas, que o
 filme *Rei dos Reis*
 era, sem dúvida al-
 guma, a melhor obra

A infância de Jesus.
 O menino Deus e a
 Virgem
 Maria



Jesus
 menino.

le, do Rabbi da Galiléa, é mais do
 que original — é surpreendente.
 O grande produtor revela-nos a
 radiante figura de Jesus Cristo
 surgindo, pouco a pouco, de
 dentro da pupila dos olhos de
 uma céguinha, à medida que esta
 recobrava a vista. Mesmo para
 quem descreia dos milagres mes-
 siânicos, o que com essa aparição
 realiza Cecil B. De Mille é de véras
 comovente, é, com efeito, estupendo,
 miraculoso!

Todos os jornais de Nova York foram
 unânimes em realçar os aspectos mais to-



Jesus e os discípulos amados

histórico-religiosa que havia presenciado. Tratando-se dos jornalistas e críticos cinematográficos, temos, por exemplo, Mordaunt Hall, que começou a sua apreciação no *New York Times*, com as seguintes palavras: «Cecil B. de Mille's new film, *The King of Kings*, is one of those rare pictures that stand the test of studying. It can be seen several times and always appreciated»—uma película que pode ser vista muitas vezes, sempre com um novo e vivo interesse.

Feita a estreia do filme, grande foi o número de cartas de pessoas de representação que recebem Cecil B. De Mille, versando cada uma dessas missivas sobre o desempenho conseguido na grande produção, que consta, como dissémos antes, de 93 figuras bíblicas, sem falar no enormíssimo número de «extras» que tomam parte na execução do filme, num total de muitos milhares.

Como se sabe, já três ou quatro películas foram feitas sobre a vida de Cristo. Todas, porém, datam dessa época em que o cinema era ainda pouco mais ou menos que uma mera experiência—sem direcção, sem o verdadeiro critério artístico, sem os recursos fotográficos surgidos de uns cinco anos a esta parte. Agora, juntam-se os recentes progressos artísticos à perícia de Cecil B. de Mille, com o seu grande critério na escolha dos per-



A ceia

ILUSTRAÇÃO

sonagens, disposição cronológica dos assuntos, recursos extremados de técnica fotográfica e de direcção, e então ter-se há uma ideia mais aproximada do que pode ser esta nova e definitiva versão da vida de Cristo.

O argumento de «O Rei dos Reis», conquanto mundialmente conhecido, terá nessa sua nova versão um aspecto todo especial, graças ao *savoir faire* do seu director, que, como ficou provado com a sua produção de «Os Dez Mandamentos», é indiscutivelmente a maior autoridade na filmagem destes grandes assuntos. Cecil B. de Mille é um artista de concepções heróicas, visualiza as páginas bíblicas com a inspiração de um novo evangelista que quisesse captar no celuloide todas as nuances que por ventura tivessem escapado aos rapsodos da cronologia cristã. É daí a riqueza de detalhes, o esplendor e precisão de sua grande obra. Cristo, interpretado por H. B. Warner, é uma mara-



Jesus ante Pilatos

vilha de compenetração artística revelada pela doçura do seu olhar, transmitida pela

piedade infinita de toda a sua expressão. Pela primeira vez tentamos dar aqui um quadro de alguns dos principais personagens do grande drama sacro. Dizemos alguns, porque embora publiquemos agora os nomes de trinta e seis personagens distintos, ainda nos restam mais de cinquenta, isto sem falar no número imenso de extras anônimos que aparecem no decorrer do filme.

Personagens principais: *Jesus Cristo*, o *Rei dos Reis*, H. B. Warner, *Maria*, mãe de *Jesus*, Dorothy Cummings. Os doze discípulos: *Pedro*, Ernest Torrence; *Judas Iscariotes*, Joseph Schildkraut; *Tiago*, filho de *Zebuedu*, James Neill; *João*, Joseph Striker; *Matheus*, Robert Edeson; *Tomé*, Sidney D'Albrook; *Filipe*, Charles Belcher; *André*, David Imboden; *Bartolomeu*, Clayton Packard; *Simão*, Robert Ellsworth; *Tiago*, Charles Requa; *Tadeu*, John T. Prince. Outros personagens: *Maria Madalena*, Jacque-



A coroa de espinhos



CALVÁRIO!

(Estudo fotográfico do filme *Rei dos Reis* de C. CH. B. MILLER)

Egipto e da Pérsia, soldados, sacerdotes, servos, escravos, gente do povo, guardas, etc., etc.

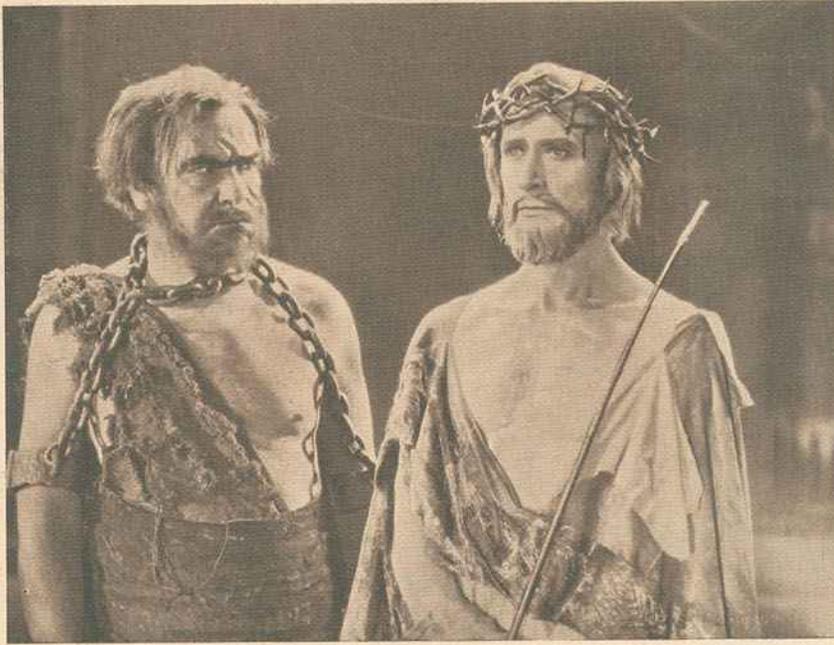
Este detalhe é por si mesmo bastante para dar uma ideia da magnitude e grandiosidade do primoroso filme cristão.

* * *

Recentemente, o eminente artista que realizou «O Rei dos Reis» foi chamado oficialmente à Universidade de Harvard para expôr aos alunos daquele célebre estabelecimento de ensino como concebera e executara a gigantesca tarefa de levar dignamente ao écran essa figura de maravilhosa elevação

que enche o mundo com a luz portentosa da sua divina beleza, êsse doce Jesus que nasceu humildemente em Belém, num mísero estábulo, humildemente morreu no doloroso Calvário e ilumina ainda hoje o Universo com o resplendor da sua pureza, da candura imaculada da sua alma.

Foi a consagração



Cristo em Barrabás?

line Logan; *Caifás*, Rudolph Schildkraut; *Pôncio Pilatos*, Victor Varconi; *Prócula, sua esposa*, Majel Coleman; *O centurião romano*, Montagu Love; *Simão Cireneu*, William Boyd; *O pequeno Marcos*, M. Mocre; *O escriba Anás*, Casson Ferguson; *Barrabás*, George Siegmann; *O capitão da guarda*, Theodore Kosloff; *Simão Fariseu*, Sam De Grasse; *Marta, irmã de Lázaro*, Julia Faye; *Maria, sua irmã*, Josephine Norman; *Lázaro*, Kenneth Thomson; *A adúltera*, Viola Louis; *Satanaz*, Alan Brooks; *Uma pobre viúva*, Gertrude Claire; *A ceguinha*, Muriel Mac Cormac; *O possesso*, Leon Holmes; *O carpinteiro*, Hector Sarno; *O bom ladrão*, Clarence Burton; *O mau ladrão*, James Mason.

Como figuração apresentam os realizadores nada menos do que os seguintes grupos:

Príncipes da casa de Herodes, ricos mercadores

res, centuriões, nobres romanos, escribas, fariseus, potentados da Judéa, príncipes do



O escárnio dos fariseus...

...Jesus Nazareno Rei dos Judeus

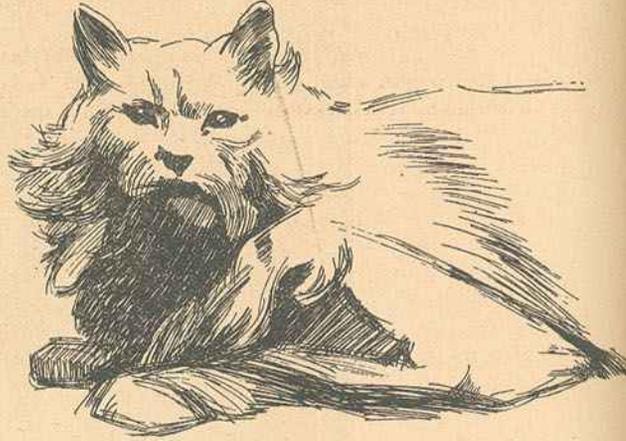
O S G A T O S

(PÁGINAS DO DIÁRIO DUM SOLTEIRÃO)

(AO DR. MARCELO CAETANO, AMIGO E CAMARADA)

*Eh bien! en vérité les sots aïront beau dire:
Quand on n'a pas d'argent, c'est amusant d'écrire.
Si c'est un passe-temps pour se désennuyer,
Il vaut bien la bouillotte; et si c'est un métier,
Peut-être qu'après tout ce n'en est pas un pire
Que fille entretenue, avocat ou portier.*

ALFREDO DE MUSSËT
(PREMIÈRES POÉSIES : *Namouna*, Canto II)



Esta minha paixão pelos gatos, principiou a arder — há quanto tempo isso lá vai, santo Deus! — por causa duma grande maroteira de Cupido... Como os senhores estão fartos de saber, não há solteirona alguma que, ao bater-lhe à porta o homem do talho, não surja pesadona e chineleira, escoltada por uma cohorte de gatos reboludos; ora eu, que pertenco ao sexo feio, sou infelizmente solteiro e dediquei portanto aos simpáticos bichanos a preciosa víscera aonde, aos vinte anos, se costuma dar casa, cama, mesa e roupa lavada às quimeras de olhos azues e cabelos de ouro!... Como fui sempre — Deus m'ò desconte nos meus pecados! — a mais feia e desageitada criatura que veio a este mundo, não houve sonho com o qual eu não teimasse em perspectivar, em fundos de ouro bisantino, a fria e triste mocidade que Nosso Senhor me deu; nem quimera azul que me não avoecasse pelo cérebro juvenil, ou rosas de paixão com as quais eu não persistisse em vencer as constantes desilusões do espírito, malaventuradamente enamorado... Quanto mais a Sorte me perseguia e me despedaçava a mísera cabeça nas esquinas da Realidade; quanto mais me desprezavam ou escorraçavam, tanto mais eu teimava em ser feliz, em ser amado, em ser belo — eu, que mais não era do que um pobre diabo tragalhadaças, um monte de ossos com grandes olhos seismadores e ares de entêrro de terceira classe!... Durante muitos anos eu fui um perfeito Mr. Joyeuse... Os senhores lembram-se do Imaginário, não é verdade? a sonhadora personagem do Daudet!...

Pois bem: aqui teem vossorias o dito Fala-só, e apenas com esta diferença: não sou viuvo porque nunca houve quem adre-

gasse, nem tenho quatro meninas, «a Aline, que tem vinte anos; a Elisa, de dezoito; a Henriqueta, de quatorze, e a Zázá, ou Iaia, que ainda não tem dôze, sr. Barão!...»

*
* *

...Mas, sem aquelas formosas meninas e sem o lugar na Caixa Territorial — 56, Boulevard Malesherbes, Paris — eu fui, repito, um perfeito Mr. Joyeuse... Sonhei, sonhei, sonhei sempre; acordado, a dormir ou estremunhado; as coisas mais belas e mais impossíveis, mais santas e mais ridículas. Contudo, af à roda dos vinte anos, dois grandes sonhos emparveceram ainda mais o meu espírito e tudo por via de certa Menina e Moça: quis ser tenente de cavalaria, — modo eficaz de encontrar porta aberta no coração daquela Moça e menina de cabelos de ouro tostado! — e quis também ser bacharel, única maneira que, ao depois, se me afigurou possível de prover ao sustento dela a-mai-la copiosa descendência que costumam sempre dar de si as quimeras dos vinte anos...

...Do último de tais projectos — o bacharelático — ficou-me apenas um canudo: aquele com que os senhores lentes costumam premiar o termo da peregrinação escolar... O tenente de cavalaria, êsse, mataram-no em mim, aos vinte e um anos, os senhores da inspecção militar e o estalão impiedoso de infantaria 5...

De modo que, certo dia, quando eu, novo Mr. Joyeuse, com o espírito povoado por moitões de rosas e de quimeras, me acercava da heráldica dama azul dos meus pensamentos e lhe insinuava, a medo, se não poderia-

mos, desde então, ir de braço dado pela vida fóra, vi — nem sei de nôjo como o conte, oh poetas da minha terra! — vi que ela dava o aludido braço mas era a um autêntico alferes de cavalaria (nem pela promoção quis esperar, senhores!) e voltando-se depois, me desflechava nas faces líricas a mais acerba risada escarninha que jámais um poeta ouviu!... Triste de mim, coitado, que mais não era do que *el príncipe que todo lo aprendió en los libros*, na frase de mestre Benavente!... Morto, para todo o sempre, aquele grande sonho, possuindo eu como única riqueza um canudo de bacharel e, como título único, a mais desengraçada e tosca figura — o que era também um grande canudo, vamos lá! — ofereci-me depois a outras quimeras suficientemente azues e sofrivelmente louras sem que o resultado fôsse melhor...

Daria grossos in-fólios a escrituração das minhas desilusões de amoroso!...

*
* *

Ora, em certa ocasião, quando eu com os pés sôbre a terra, persistia em trazer mais uma vez a cabeça pelo mundo dos astros, fui topar desgarradamente contra as esquinas duríssimas da Realidade e vi estrêlas com que não contava... Venceu-me então o desânimo e ainda hoje estou para saber como fui parar a um banco das Avenidas novas aonde dei por mim a chorar as estopinhas... Só lhes posso dizer que chorei, chorei, chorei amargamente, nem eu sei por quanto tempo, com aquela desesperança com que se chora, aos vinte anos, um grande sonho morto, ou, aos cinco, os brinquedos queridos que nos despedaçaram!... Para ali estive

tempos infinitos, o corpo sacudido por soluços, o rosto escondido nas mãos, o vulto amarfanhado como o dum boneco de trapos a que deram pontapés e atiraram para a vuleta... Vejo um cão, mano gémeo de outros que depois encontrei pela vida fóra, e merdeu-me nas canelas; surgiu depois um polícia e quis-me levar para a esquadra por eu, às suas perguntas, responder líricamente que chorava porque, a azul Quimera de cabelos de ouro havia desprezado o meu sonho eterno!... O cívico, — muito respeitável, senhores! — declarou imediatamente que eu estava mas era muito bêbedo... Fiquei varado, senhores: semelhante enxovalho a mim, um poeta tão celebrado no *Notícias de Évora!*... Bêbedo, estava-o sim, mas de desespêro, de solitária agonia!... E foi nessa ocasião que senti roçar-se-me qualquer coisa pelas canelas de sonhador... Abri os olhos para o mundo e olhei: era um gato, vindo não sei de onde, esportíssimo, terciopelado em negro, olhos amarelos e dando-me turras sobre turras, o rabito em arco dobrando-se por cima da espinha que se arqueava também contra as minhas fíbrias de poeta...

Olhei-o mais uma vez, fixamente, estarrecido de pasmo. Pois quê? haveria neste mundo — aonde a desproporção entre o real

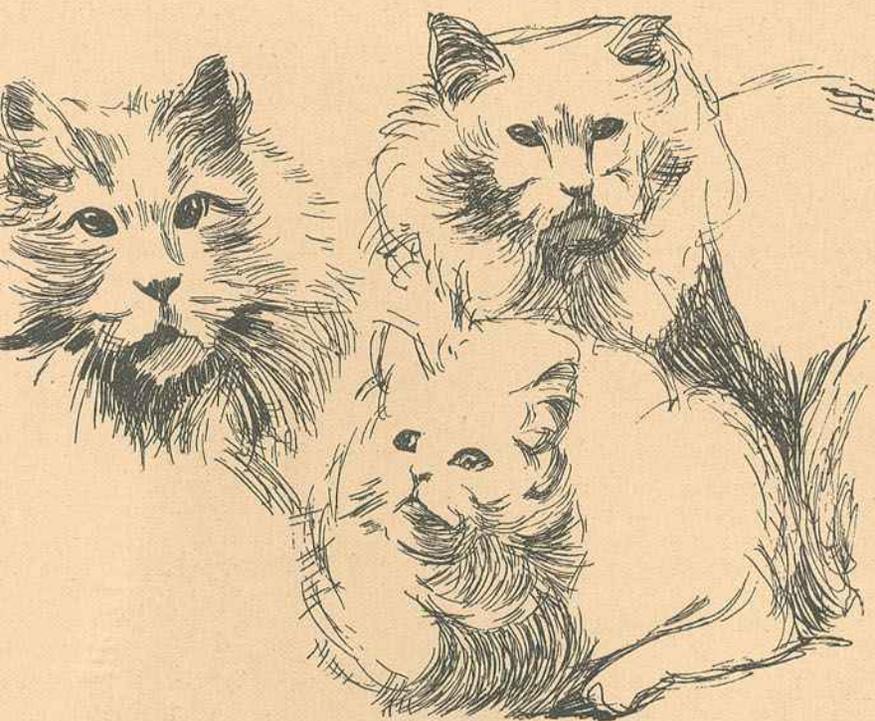
rica... Só o gato, o gato que tantos acusam de orgulhoso egoísta, compreendia a minha grande dôr!...

O bichano sentára-se nos quartos trazciros, olhando-me compassivamente... Mas, dali a pouquinho, depois de uma última demão na fatiota fornecida pelo Criador magnânimo, saltou-me para o colo e, tantas marradinhas me deu, tais e tantas mocanquices me fez, de rabo e espinha embandeiradas em arco e miando consolações de inédita e desinteressada ternura que eu, vencido, acabei por lhe abrir o coração enamorado: aonde estivera uma mulher passou a estar um gato. Ou antes: passaram a estar sete, porque eu agora tenho sete e transformei a desprezada víscera numa autêntica 1.ª Região Militar...

...Que havia de fazer um pobre sonhador, firmemente resolvido a ser solteiro... pela força maior das circunstâncias? Qual dos senhores não tem na sua consciência um gato?...

*
* *

Pois é verdade: sete gatos para servir a Vossorias... Ao chegar a casa não tenho duas lisas serpentes amoráveis de marfim,



regressar da quotidiana labuta, encontra no patamar uma boa meia dúzia de miudos garridos, lindíssimos, azougados, que se lhes dependuram do pescoço: vai daí, um dêles safase-se trôpegamente com o côco do papá enterrado até ao queixo; outro foge com uma bengala, para êle tão inútil como para mim o formidoloso montante de Nuno Alves... Eu não tenho disso, eu, ai de mim! não o pude conseguir!... Mas, se Mr. Joyeuse possuía quatro lindas meninas — «a Aline, que tem vinte anos; a Elisa, de dezoito; a Henriqueta, de quatorze, e a Zázá, ou Iaia, que ainda não tem dôze, sr. Barão!» — eu, louvado seja Deus, tenho a receber-me, festivamente, sete gatos... Os filhos, a mulher e a sogra substituí-os pelos bichanos, como todo o solteiro que se presa... E são lindos, lindos como os amores: o *Carôcho*, peninsular, gordo, enorme como o saudoso Chico Redondo, cantando a primor o grande Rondô do carapu, e preto como um credo político; o *Schahriar*, ângora atigrado, felpudo, meigo, indolente e magestoso; o *Rigoletto*, raçado de persa e com uma focinheira adorável, lembrando as máscaras japonesas, e brincando a todo o momento — engraçadíssimo, senhores! —; e mais quatro Rominagrobis, persas autênticos, de enormes gorjais de pêlo como golas de quadros flamengos, bigodeiras à mosqueteiro, caudas de raposa e todos êles enroupados em vestimentas próprias, de veludo, e de tão comprida e sumptuosa pelagem que não as vêjo melhores nas telas de Rúbens, ou de Tiepolo... São o *Cambyses*, de azul-cinza claro, senhor da minha muita consideração e que já me confessou a sua admiração pelas ditaduras, como directo descendente do arquilouco soberano que lhe deu o nome; o *Miramolim*, grande bola peluda de seda preta com dois faroes amarelo-ouro na cabeça; o *Ibrahim*, simetricamente raiado de laranja-escuro, grande partidário de Mustaphá Kemal e Mussolini; e o *Tarik*, novêlo imenso de neve que a gigante do Baudelaire ambicionaria para fazer as meias do papá...

...Para substituir aquela ingrata Menina e Moça arranjei sete bichanos, lindos como os amores... Confessem que não há melhor exemplo de dôr de cotovelo, senhores!...

*
* *

Como eu, infelizmente, não sou lá muito certo do juízo — salvo seja! — e tudo porque, na frase de D. Carôcho, «os poetas são uma corja de malucos», reuno sempre conselho antes de qualquer resolução grave. Nada, nada: eu tenho-me farto de bater com a cabeça pelas esquinas, por só por ela me determinar!... Em contraposição, nunca eu me dei mal com os conselhos dos meus sete

e o ideal é qualquer coisa de monstruoso! — haveria neste mundo criatura de Deus que me não desprezasse?... As mulheres riam-se de mim, os cães mordiam-me as canelas, a polícia ameaçava coroar de chanfahladas a minha cabeça, eminentemente li-

vivo e rosado, que se enrolem ao meu pescoço, amorosa e sequiosamente... Nem tão pouco uma Quimera de cabelos de ouro tostado vem desfolhar à minha chegada as pétalas escarlates do seu divino sorriso... Não: não tenho disso... Qualquer dos senhores, ao

cachicpansudos e magestosos ministros! Estiraço-me na minha biblioteca, sobre o tapete, fino sobre as mãos a queixada e reclamo o voto daqueles sábios Príncipes da Indolência: quantas asneiras eu tenho assim evitado, senhores!... Porque, desta mísera cabeça, nunca saíu coisa que se visse: daqui não saem senão lirismos, projectos, esperanças loucas, poeira doirada, bagatelas... Mas que tesouros de prudência, de profunda sabedoria, de tino governativo não irradiam, para meu proveito, do frequente claustro-pleno que celebro com os meus sete ministros! Que riqueza de conceitos, que ampla visão da existência e que filosofia, amigos! que filosofia!

* * *

— Miramolim: vi ontem os mais lindos olhos da minha terra!... Nem a Joaninha, do Garrett, era capaz...

— Tá, tá; não diga mais! Eram os de alguma gata!

— Não, meu Príncipe: eram os duma formosíssima rapariga!...

— É a mesma coisa: mulheres e gatas vai tudo pela mesma: os olhos ternos, as unhas escondidas, os meneios que partem corações, a voz cariciosa e aliciante que leva a tôdas as desgraças!... Entre uma gata que se roça pelo dono a pedir bofe, e uma esposa que, junto das montras, se põe a miar por um chapéu, não há diferença, e se a houver é a favor da gata! Por mim, só uma mulher se lambe com a minha admiração: é a do peixe. Todo eu estremeço ao ouvir a sua voz lindíssima! Para a ver melhor, salto à janela e raspo-me logo para a escada, a fim de a cheirar com delícia! E que perfume! e que perfume! até me está a crescer a água na boca, sr. doutor!...

— Que falta de poesia, amigo Miramolim!...

— É com a poesia que enche barriga, sr. doutor?...

* * *

Em certa e malaventurada ocasião — que Nosso Senhor m'o perdoe!... — tive dúvidas pungentes acerca da existência de Deus... Coisas do diabo, que se péla por almas de poetas!... Expuz a minha situação ao Cambyzes que a resolveu num rufo:

— É porque V. Ex.^a é parvo e isso, às vezes, não tem cura!... Já Voltaire dizia, a propósito da Criação, que, não concebia o relógio sem o relojoeiro: eu digo que não há gatinhos pequenos sem a cumplicidade de gato e gata já taludos. Ora, comece V. Ex.^a a folhear o livro genealógico da minha raça ilustre e lá chegará ao fundador da família... E esse, como conjunto de perfeições e de beleza que era, não se devia a si

próprio: houve certa mão extraordinariamente divina que do barro o tirou, lançando-o depois para o mundo! Data desde então o primeiro Rominagrobis, Dom Bichano de Barros por nome... E, se o sr. doutor assim não pensa, terá nesse caso de reconhecer que, o aludido e formosíssimo gato, não tendo pais, a qualquer coisa deveu a existência... Ao Acaso? Que sábio tão poderoso e artista que até foi capaz de fazer essa coisa linda, esse conjunto de perfeições que deveria ser o meu arqui-avô!

* * *

Ibrahim, com a sua vestimenta suntuosa cor de creme, toda sulcada por listões cor de laranja-escuro, muito nítidos, regulares e simétricos, é o exemplo vivo do político moderno, devoto propagandista das Ditaduras... É ele sempre que, em dois saltos elásticos de tigre perfeito, se entremete nas zaragatas dos companheiros e, dentada aqui, unhada acolá, restabelece a paz, a todos pondo de acôrdo... acerca da superioridade do Ditador.

Há dias fui dar com êle folheando convictamente, com as unhas de vidro, o *Manuel de Droit Constitutionnel*, de Léon Duguit. Se não acudo tão depressa, o patife lia-o todo por uma vez!... Increpei-o, indignado.

— Então isto faz-se, com um raio! Um livro tão sábio, tão bem deluzido, a obra prima do célebre catedrático de Bordéus!

— V. Ex.^a, sr. doutor, é incorrigível! Pois para que diabo quere o senhor êstes três cahamaços se tudo quanto dizem as suas duas mil páginas já meu centésimo avô lh'o teria ensinado, se vivesse? Quanto mais eu, dado o adiantamento da minha época!... A crítica ao tal Contrato Social, ao dogma da Bondade natural, portanto? Já se cá sabia: eu só quero que me diga quem é que, há bocado, restabeleceu a ordem entre os meus colegas gatos, desavindos por via da partilha da sua cama, sr. doutor... Fui eu, eu só, que sou o mais forte e que, está bem de ver, fiquei com a parte melhor!... E assim é que está certo... *O Estado*, — diz esse tal Duguit — não é senão o facto de a força dos mais fortes dominar a fraqueza dos mais fracos: Grande novidade! Esse conceito descobriu-o o primeiro gato e apli-co-o eu a cada passo. As directrizes das vontades de que depende a diferenciação política são os fins em vista: por isso cá em casa o Estado sou eu e não admito

questões de legitimidade! Enquanto eu tiver unhas e dentes, o Estado sou eu, isto é: o bofe é para mim!

— Mas isso pôde levar ao anarquismo, à revolta, Ibrahim!

— Que leve lá aonde quizer: aonde me não leva é a convicção de que... não sou um gato... e o mais forte!

* * *

Schahriar, na sua qualidade de Príncipe das Ilhas da Índia e da China, muito escarmentado pela perfidia das sultanas, diz-me que só conheceu uma mulher encantadora — a Scheherazade, infelizmente impraticável para mim. Rigoletto, êsse, melhor deveria chamar-se o Duque de Mântua, por tal forma é volúvel e pândego. Impossível trasladar para aqui os seus conceitos, cheios de cinismo e deixa-andar! Mas toda a sua filosofia se resume na frase com que êle sublinha a leitura dos volumes da minha biblioteca:

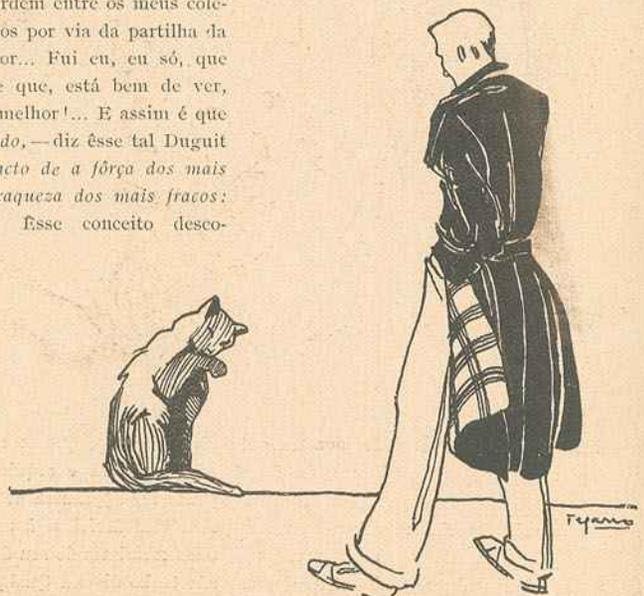
*Souvent chatte varie:
Bien fol qui s'y fie...*

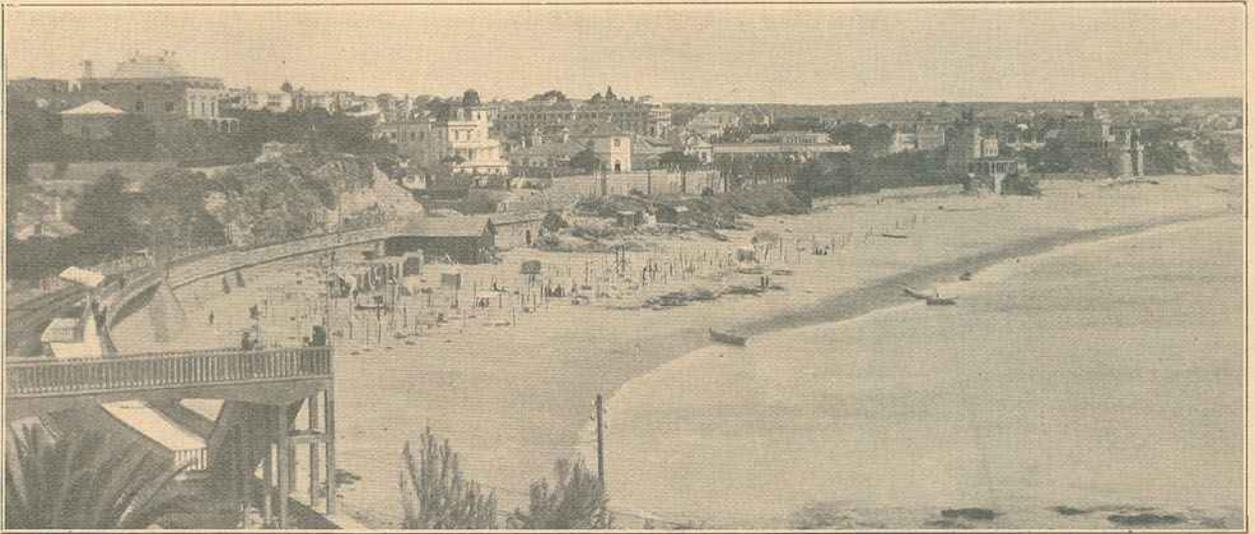
Mas o Carochó, português às directas e desdenhoso também das grandes idealidades, tem um bom senso extraordinário, um bom senso que faria a inveja de muitas mães de família ou de qualquer ventripotente chefe de secretaria... Há dias, puz o relógio no prego e fui ouvir a *Sexta Sinfonia*. Voltei para casa fóra de mim, doido de entusiasmo!

— Carochó: que pensas das nove sinfonias do Becthoven?

— Excelentes, acompanhadas a carapau!

ALVARO MAIA.





NO MONTE ESTORIL

A varanda folgada da *vila Catarina*, filha ao colo da mãe, está a meia encosta do Alto de Palmela—e a *vila* quasi à cabeça do «chalet» *Maria Pia*, um que se distingue pelo capuz de Pierot sobre telha em carne viva e veias tmidas de sangue azul. Olha de cara e considera de revéz o urbano e o rústico, o sólido e o líquido de copiosas milhas em redondo. E no tocante a vivendas, não se contam duas dúzias, desde as de fisionomia e hábitos mais ou menos portugueses, às que se embonecam e oxigenam à francesa no fito de espantar clero, nobreza e povo, que se lhe furtem à vigilante mirada. Porisso, donde está, ela vê o xadrez das manchas de telha de Marselha e de telha mourisca que escorrega dos cimos arborisados; e observa os maciços verde-bronze de pinheiros e palmeiras que saem dos interstícios do xadrez; e considera os successivos planos sobrepostos de habitações e jardins que das colinas daqui, e de além, descem às praias do contorno, e se ficam à beira da linha férrea, muito atentas, à certa a ouvir o mar.

Só não olha a ponte o gróssô da casaria de Cascais por lho negar à vista, dêste lado, o taciturno pinhal de Palmela,—derreada turba de réprobos do Senhor, fugindo ao nordeste no terror das caravanas do deserto batidas pelo Simum.

O mar, lá em baixo, nos braços da baía de Cascais, não é mar mediterrâneo. É antes pacífico mar doméstico, testada familiar de cada um e de todos os lugares circumvisinhos. Mas o mar solta-se da baía e arranca para o largo, na rota do ocidente, dobrando a ponta do farol de Santa Marta, do lado de cá, da outra banda desprendendo-se da lomba fluida do cabo Espichel. E então, na solitária castidade dos santos e dos heróis, toma o vulto e a nobreza peculiares aos da sua condição, dilata-se a perder de vista, espumoso e glauco, no esfumado nevoento das olheiras cansadas ao encontrar-se com o céu—o céu, no longe, também esfumado, quasi negro, róxo dorido, e no perto, sobre a visinha ondulação de águas e outeiros, dêsse azul fresco e virginal a que nem pupila de

Miss nem porcelana de raça pleiteiam competências.

A baía está tôda crespelada sob o látego do nordeste. Não é massa de água o que se inerespa no estuario—é *pochade* a óleo, nervosamente pintada a espátula. Tinta verde-garrafa em desvairado batuque com tinta azul celeste, vagas minúsculas pulando e não correndo, o dôrso das dançarinas empoeirado de espuma. E a tinta, azul ou verde ao perto, na distância, junto dos recuados e baços pendores de Caparica, adensa-se em faixas pardacentas, em borrões pretos, com laivos de saliva a diluirem-se na bruma.

Não há dúvida. E isto, agora, leva endereço às coisas notáveis do nascente. O mar, cativo da baía, marcha direito à foz do Tejo, a bôca salgada na sede das águas doces que veem das remotas Espanhas. Na marcha acelerada, cego de cubiça e de ansiedade, êle cede terreno à arremetida das escarpadas envolventes. Cede-o aos calvos e ásperos espinhosos da Costa de Caparica, os que o apertam do sul. Da banda de cá, do norte, são os penhascos elegantes dos Estoris, o do Montê, o de S. João, com a ponta dourada da Parede a ajudá-los na pendência, ufanando-se de vencedores. As vanguardas das duas margens, lá adiante, oprimem-no tanto, que por pouco não jogam as turras. O mar cede terreno, mas arranca sempre, no alvoroço dos seios pojadados que já derramam perto as cubiçadas delícias. E quando sófregamente as atinge, vai tão apertado de corpo que parece o gargalo de garraão ainda meio de água por obra e graça da rôlha do farol do Bugio.

Mas o que aí vem de praias, santo Deus! tôdas vestidinhas de lavado, casas francesas e casas lusas na marcação dos logradouros comuns, para o compensar das perdas sofridas na avançada! Podemos contá-las, do lado norte, a partir da Parede, pela colorida floreação das vivendas plantadas nos altos—pois os pendores adustos de calcáreo ciosamente as guardam dos olhos profanos. Seguem tôdas de mãos dadas, às arreguas,

tôdas de cara ao mar, seu pai e seu senhor.

Primeiro a da Parede, assinalada pela polícromia dos prédios cimeiros. Logo para cá é a de Cai-Água, fechada a sete chaves pelo forte de S. João, Otêlo erigido de belicosas atalaias e ameias enferrujadas. Depois a de S. João, esta oculta de gregos e troianos pelo hercúleo cotovêlo da do Estoril—a que publica, em frente da via-férrea, o sonho monumental dos opulentos casinos, e balneários, e parques, e hotéis. É esta a primeira a desnudar-se à curiosidade das visinhas, o áureo corpo de ninfa com sentinelas à vista—as tôrres e as ameias dos dois scenográficos «chalets» que lhe plantaram nas extremidades. E é tão airoso o porte do seu corpo carnal, que a própria vaga a favor dêle se sente atraída—dia e noite emergindo à tona de água, espreitando com enlêvo, nadando com galhardia, correndo aos seus encantos, enfeitada de espuma, em graças e coleios de criatura sensível à beleza.

O corpo flexuoso da irmã, irmã gémea até na áurea nudês, o mar a oferecer-lhe rendas alvissimas, requebra-se sensualmente no agasalho dos rochedos sobranceiros, o seu nome feminino ligado ao nome masculino do Monte. Assim, a praia do Monte Estoril, lá em baixo, assentando a cabeça na almofada das penhas do Estoril, descansa os pés no flanco dos tôrros penhascos do limite de Cascais—família de ciclôpicos cachorros, corroidos pela carie dos tempos e dos temporaes, onde desafiam a eternidade, à moda dos sarcófagos históricos, os muros da vila, as muralhas da Cidadela, o farol de Santa Marta.

E de fociinho ao mar largo, no estuário da baía, a dizerem não e sim com a onda e com a espuma, vogam numerosas *mulêtas* de pesca, dum e dois mastros, levando à mestra, agarrados às saías, os pequeninos *buques* que andam no *a b c* do officio—a deitar os aparelhos, a alar os cabos, a colher o peixe.

no
x x v i i

a ronda dos cegos

O velho que via pouco, e, era já cheio de invernos e de males, perdera completamente a vista, quando lhe nascera um bisneto: o Paulo. Não pôde mais sair, porque não caminhava sem guia. Como a família fôsse pobre e numerosa, ficava junto do berço, enquanto as mulheres se alugavam para os labores domésticos e os homens trabalhavam nas fábricas incessantes. E tropeçando nos móveis, com as mãos descarnadas roçando a cal das paredes, ia, da criança à meza onde estava o leite frio, e, quando a sabia dormindo, assentava-se sobre a soleira, na poeira dos carros que passavam pela estrada, e, ouvindo-os rodar, parecia-lhe ver os caminhos que eles percorriam. E o Paulo foi crescendo, habituado com o velho que era sempre capaz de lhe dominar o choro caprichento que à noite a todos incomodava.

Um dia, quando a criança tinha quasi dois anos, o velho começou sendo conduzido por ela. Fizeram ambos alguns passos; êle apoiava-se aos muros, medroso e alegre. A criança indicava-lhe os motivos do seu interesse, como tôdas as crianças da sua idade, numa linguagem confusa: os cães, os cavalos, o comboio... E olhava para o avô com os seus olhos límpidos e deslumbrados, querendo que vissem ambos. E o velho, que olhava sempre para o céu, como alguns cegos, instintivamente, pela noção de que a luz de lá vem, abaixava-se. E o neto batia-lhe no rosto,

estendia o bracito para o lado do seu interesse; e êle, virava o rosto e sorria, como se visse, porque a criança se contentava e certamente choraria se o soubesse cego.

Ora um dia, a criança viu um cão que passava, tristonho, necessitante, vagabundo, e, malhado de preto e branco, com um pedaço de corda pendendo-lhe do pescoço magro. A sua excitação foi costumada, e, olhando o cego e o animal, gritou: «Totó!... Totó!...» E o velho, como era seu hábito, para fingir que via, agachou-se, e, para dar mais verdade ao seu gesto, chamou o cão: «Coitadinho! Coitadinho! Vem cá; vem cá!» E o cão deteve a sua corrida sem destino; olhou os dois com essa espontânea ternura que tem os cães famintos, e, aproximou a cabeça terna dos dois desconhecidos que o acariciaram. E quando o velho retomou o caminho de casa, tateando medrosamente o rumo familiar, era êle quem conduzia a criança, que a custo avançava, porque olhava o animal que os seguia já, fácil e esperançadamente. E o velho meteu a chave à porta e entrou com a criança e com o cão, na casa vazia. E como o animal os não deixasse, foi buscar pão e deu-lho, mas, espantou-o logo, como se êle fôsse infesto, porque sabia que era a hora da chegada dos seus. Sabia, porque houvera tateado a ombreira da porta, conhecendo pelo calor a altura do sol.

Era no estio. Os crepúsculos prolongavam-se e as noites vinham quentes. O velho, depois da ceia, enquanto o Paulo dormia, quis assentar-se à porta. Deixaram-no; êle foi, e, assim que tal fez, o cão veio logo lambê-lhe as mãos, se bem que êle nada tivesse para lhe dar. E a noite descia. O velho presentia, pelos rumores que abrandavam, e, pela temperatura que se alterava, que ela aquietava mais uma vez a Terra. Ao seu paladar vinha a pureza do ar, que os homens, meio dormentes, permitiam que êle respirasse, por não revolucionarem o pó dos caminhos. Ao seu ouvido chegava inofensivamente, o parolar sonolento dos viandantes que se rareavam, para ser dominado pelo gemer dos pinheiros, pelo zumbir das cigarras, e, sobretudo, pelo eco, que é a voz da noite, o que demonstra quanto ela é grande e solene. O choro duma criança, o grito dum infeliz ou a cantilena dum êbrio, prolongam-se e retumbam com a mesma intensidade; com o mesmo domínio, pela treva solene e aguardante. E ouvindo os silêncios da noite e antevedendo a treva, o velho ia acariciando, maquinalmente, o lombo amigo do animal. E os olhos do cão continham uma doçura que o velho não via mas sentia, agora que era parecente a tôdas as desditas; agora que os menores bens lhe pareciam impossíveis! O que havia sido para êle a presença fácil dos cães, entre as desventuras e a solidão dos homens? Sômente uma presença danmiosa, porque come e não produz. Nunca as suas mãos haviam, durante a sua longa vida, acariciado os seus dorsos amigos. Nunca os seus olhos se haviam deitado nêsse olhar límpido e leal que êles sem permuta oferecem à humanidade, e, que contém uma nobreza e uma bondade de que os homens bons são incapazes. Quantas vezes o velho, quando os seus olhos viam, dêles se não servira, para perseguir e espancar êsses amigos perfeitos! E agora que a sua indignação o tornava um obstáculo dependente; agora que desgraçado e timorato não tinha a quem dizer as suas penas, um ente, um corpo quente, que a êle se cingia, sem passado e sem exigências, ofertava-lhe uma ternura que o estremecia de remorsos. E o velho abraçado ao cão, parecia querer remir-se das suas injustiças, acariciando-o; embalando-o com palavras brandas. Depois, uma voz disse, cansadamente, da casa onde alguns dormiam já: «Então! Fica aí tôda a noite? Que manias são essas agora?!» E o velho entrou e a porta fechou-se; e o cão ficou na rua, olhando-a ternamente.

«Porque o não deixavam entrar? Êle só

queria ser bom; sofrer com os homens; repousar com eles!»

E olhou a casa e o espaço, triste e inteligentemente. E depois, como querendo dar ao amigo um pouco do seu calor faminto, enroscou-se bem contra a porta, e, assim, ficou algum tempo. Mas, durante a noite longa, o seu sono foi irrequieto. E levantava-se; olhava o céu sem esperança e sem acolho, e, uivava lúgubremente. Essa voz macabra que para os homens omina catástrofes, parecia dizer ao velho desperto: «Oh! pobres amigos meus que vós sois todos! Oh! desdita humana e minha, porque sem vós não posso viver; porque não posso, aos outros animais, dar a dedicação que só para vós eu tenho! E vós viveis rodeados de trações, e, eu só posso ser-vos fiel! Assim as vossas injustiças, não são mais do que a miséria imutável da vossa condição! Vós vêdes tão pouco!! E vós seréis, oh! homens, brevemente, apenas um esqueleto, cinza; um nome que baila um instante, nos lábios daqueles que vos sobrevivem! Oh! homens insensatos, que os vossos carinhos dedicais à infâmia que vos rodeia! E vós nutris a falsidade! E, recebeis nos vossos leitos, as esposas indignas que, contudo, embalarão os vossos filhos! E sois vítimas dos amores que vos tolhem, vos corrompem e vos aniquilam, sem verdes, que é tão impossível serdes correspondidos, como se amásseis um instante, a ave fúgace que voa no espaço e se perde na distância! E eu passo esfomeado e perseguido, perto da vossa indigência, e, não posso dar-vos o auxílio, a defesa, a companhia, o perdão, a humildade e o silêncio!» E de manhã, como o cão entrasse em casa, olhando para todos festivamente, bateram-lhe, gritando: «Este maldito cão é azia-go». Mas depois de saírem, o velho foi com o Paulo para a porta, e disse à criança: «Chama o cão, meu filho». E ambos vieram para a rua, o velho telemente e a criança indiferente.

Mas o cão já lá estava, porque os esperava.

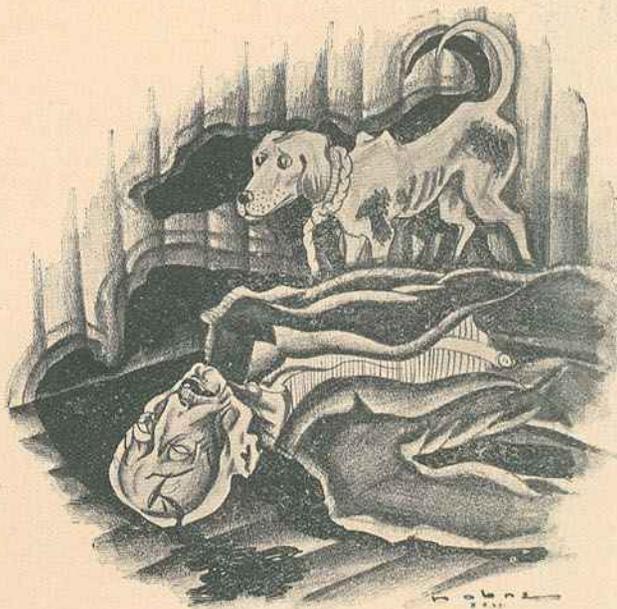
Desde então não abandonou a casa, mas, sabia ocultar-se dos olhos de todos que não fossem os do velho, que o não viam, e os da criança, que o não percebiam. O velho pôde mesmo, guiado por ele, prolongar os seus passeios. Foi até à alameda aspirar o ar sadio, vindo do mar próximo, segurando-se à corda que ainda lhe pendia do pescoço. E ele, que tão amigo era do Paulo, desejava que o seu falar lhe viesse lentamente, timorato de que a criança revelasse aos outros a sua ventura discreta e proibida. Contudo, os dias decorriam-lhe mais risonhos. O cão não era para ele um bem renunciável. Diariamente sonhejava os pedaços de pão que eram guardados numa caixa de lata, que fora de bolachas. Mas ao fim duma semana, ralharam-lhe: «Então, deus agora em guloso. Leva o dia a comer! Olhe que o pão custa a ganhar!... Todos nós trabalhamos. O pai não faz nada!» E o velho não voltou a roubar. Mas, em vez de comer o seu quinhão, guardava parte dele, quando se assentava a

e, o cão não voltava. O velho vivia penosamente. Até ele, o cão, esse que lhe fora amigo, o abandonava! Enterrecêra-se sem razão; era um vadio!

Voltou, levado por um visinho, à alameda de engomar, onde lhe punham a ceia. Porém, a mãe do Paulo, viu-o meter no bôlso o que não comia, e, despejada, zangou-se: «Coma tudo que tenha na vontade, mas à hora da comida! Que costumes são esses agora! Deu em ser guloso! Ora o guloso!!» E depois, o velho, escarnido e segredeiro, vinha, quando o deixavam, para a porta, e, afagando o cão, pensava no passado. E por vezes rolava-lhe uma lágrima, que o animal via deslisar-se pela sua face macerada e rugosa.

Quando durante a noite, na casa, sufocante dos muitos hálitos e perturbada pelo roncar dos dormentes, ele não ouvia o cão ladrar, uivar ou raspar na porta, gemendo meigamente, sentia o medo de que ele o tivesse abandonado.

E duas, três; muitas noites prepassaram,



da, com a creança nos braços. Havia um ajuntamento, rodeando um sujo tapete. Sobre ele, e, amarrado a um caixote, por uma longa corda, estava o cão; o mesmo! Dolorido; recapturado pelos seus donos: dois saltimbancos, e, que vestidos miseravelmente, faziam habilidades. Era o momento em que o cão devia, mandado por uma mulher trapenta e pintada, percorrer a assistência, com uma bandeja ferrugenta nos dentes. E o cão, ameaçado pela mulher, ia já obedecer-lhe, quando entre os curiosos, viu o seu velho amigo e a criança. Então, jubiloso e retesando a corda que o retinha, quiz avançar para eles. Os seus latidos misturavam-se ao seu ganir aflitivo. A mulher espancava-o, mas ele não obedecia. Não estavam ali os seus amigos?!

Mas o velho nada soubera; nada ouvira, porque o tráfico era ruidoso sobre a calçada; afastara-se com a criança que nada percebera, e, se distraía, olhando outros motivos de interesse; tantos! O visinho?! Não conhecia o cão. Um cão!...

Mas o velho esperava sempre. Oh! mas quanto sofria no luto da sua cegueira constante e abandonada!

Ora uma das muitas noites em que o velho o não sentira, não podendo dormir, torturado pela possível perda do único carinho que possuía na vida, levantou-se, sob o medo duplo de incorrer numa punição e de constatar uma desdita. E, o seu medo justificava-se. Qual era a presença capaz de embalar o seu infortúnio? Capaz de sentir o medo da sua acção? Capaz de sentir o júbilo de poder dizer, para si sómente, como se fosse um crime: «Coitadinho; ele não fugiu, o meu pobre cão!» E pé ante pé, tembroso; trambulhando aqui e acolá, dolorido pelos seus movimentos, com o seu velho coração vibrando penosamente, conseguiu chegar à porta, abria-la mansamente, sair, chamar, chamar... Fora havia a treva dos seus próprios olhos. A sua figura afilada não se via, encostada à parede, porque a casa não era, havia muito, caiada e as árvores a enegreciam. E o velho, chamava sempre, mas em vão. Em vão! Então aproximou-se da porta, levando na alma o maior dos infortúnios, porque perdia a sua última ventura. E assim desesperado, não cuidou dos outros desesperos, o que é sempre natural aos infelizes que sabem perdem a sua derradeira dita. E os seus soluços aproximaram-se da porta, que rangeu e depois se abriu com fragor, porque ele se desequilibrou. E os homens despertaram na casa quieta, e, saíram numa ronda alarmada. E na noite escura eram todos tão cegos como o velho, o qual, cheio de medo e com uma sufocação cardíaca, nada pôde dizer, mas apenas soltar ronquidos. E um dos homens que se armara dum machado, fendeu-lhe o crâneo. E depois entraram; trancaram bem a porta. E quando comentavam o acontecimento, ouviu-se no silêncio um galope e depois latidos. E o cão aproxima-

se do cadáver e, aflito, quis reanimá-lo, lambendo-lhe o rosto e a ferida mortal e sangrenta, tão carinhosamente como as cadelas cuidando dos filhos. E assim continuou, ofegante e sofrendo, até que percebeu a morte. E, o velho amigo esfriava pouco a pouco. Pós-se a uivar na escuridão. E os homens saíram novamente à estrada, mas com uma luz. E viram o cadáver enquanto o cão, como um criminoso, fugia. E o homem que fora assassino, disse terrificado «Maldito cão; foi ele que teve a culpa!» E todos os outros disseram o mesmo, cerrando os punhos. E, de muito longe já sob a luzenda da alva que começava, ouviam o mesmo nivar sinistro e ecoante. E esse grito, sob a luz duma nova aurora, parecia o rebramo terno e doloroso dos cães selvagens, quando nas épocas antigas, através as valuras desertas e lúgubres e as florestas folhentas e calmas, se comunicavam, por estarem longe ainda do convívio dos homens inteligentes.

VARANDA DE PILATOS

EXCERPTO DO ROMANCE DE
VITORINO NEMÉSIO
UM DOS MAIORES SUCESSOS
LITERÁRIOS DESTA ANO :

A minha admissão no *Grupo Vingador* estava marcada para um sábado. Encontrar-me-ia com o Bastos nas escadinhas das Relvas, onde a estrada poeirenta que circunvala a Prainha descreve uma volta caprichosa. E durante uma semana inteira vivi açodado, suspenso, na perspectiva daquela hora suprema para o meu destino de homem. Ia, enfim, penetrar nos segredos revés do anarquismo. Custára!

Foi numa tarde de domingo, cheia de sol dourado e da lentidão repleta dos burocratas ociosos, que Abílio Bastos, com o sorriso heróico de Polieuta ante Félix, me aliciou para as catacumbas. O *Grupo Vingador* era uma sociedade secreta de fins sociais e políticos, onde cabiam, à maneira maçônica, os liberais mais caldeados. Sucederá a uma loja filiada no Grémio de Lisboa, que desempenhára, segundo o Bastos, um papel eminentemente entravante da reacção local. Chamava-se *Paz e Amor*; mas um cônego da Sé, que exercia cargo graúdo no seio dela, provocara-lhe a dissolução com incidentes odiosos. Então, alguns antigos sócios, mais pertinazes, resolveram fundar o *Grupo Vingador*, sobre alicerces novos. Constituído por republicanos descentralistas e façanhudos, ficava subtraído à regulamentar opressão do grão-mestrado maçônico; não suportaria em seu núcleo palacianos nem pápa-hóstias; e, enfim, embrenhando-se em sendas sociais que novas aragens batiam (mais tolerantes, mais compreensivas em face do marxismo e outros ideais modernos), conseguiria agrupar em volta dum só lábaro toda a família avançada.

Creio que foram estas ou parecidas (reporto-me sempre ao Bastos), as expressões do avulso clandestino que preparou o ambiente para a formação do grupo.

Passado, porém, o período efervescente em que os *Vingadores* se ligaram, contou-me o Bastos que uma cavilosa política começara a entortar tão rectas intenções. Consumiam-se as noites em disputas estérteis sobre questões ridículas; os mais influentes haviam selado um pacto para o manejo de empregos; a dissidência, enfim, como na *Paz e Amor*, de mil maneiras lavrou com proporções de incêndio em campo de restólho.

— Sucede, porém — disse o Bastos, — que entraram agora no grupo uns três ou quatro rapazes que não têm poeira nos olhos. Anarquistas na boa acepção da palavra, só eu, diga-se de passagem. No entanto, os outros têm vontade, têm chama... E é o que basta, é o melhor...

— E como queres tu que eu faça parte disso? Não me acharão ainda tenro? — perguntei.

— Eu não manobro nas nuvens! Que é que pensas? Se te falo no caso, cá tenho as minhas razões.

E miudamente referiu o plano, com entusiasmo crescente.

— O caso é simples — começou por dizer

relanceando o caminho que vagarosamente seguíamos. — A muito custo, usando de certa lúbia que o nosso fim justifica, eu e os parceiros conseguimos arrancar uma resolução ao grupo. Suámos as estopinhas; mas é uma coisa assente, um passo formidável para atingir a reforma daquela fanfarrinha de gebos. Vais saber. Como podes supor, nos *Vingadores* só devem ter entrada homens já feitos, maduros; e é notório que se não consegue nada com semelhantes ginjas. Puxam todos para trás; cuidam todos possuir a última palavra sobre a liberdade humana, todos se julgam avançadíssimos, quando em regra não passam de verdadeiros pancrácios a rebentar de preconceito. Falta-lhes tudo: livre pensamento, instrução, espírito revolucionário e desassombro. Uns...!

E Bastos pronunciou o que não vem para aqui.

— Ora — continuou, um pouco mais flegmático; — a única maneira de contraminar tais entraves (pensei eu, e os meus parceiros não foram longe disso) é criar uma secção juvenil dentro do nosso grupo. Estás a vêr: organizada ela (e, como te disse há pouco, é coisa resolvida), desde logo contamos com um processo eficaz de recrutar bons adeptos. Inclino-te no número dos caras unhascas. Valeu?

Observei-lhe então que não hesitaria um momento.

— Bem me queria parecer — tornou o Bastos, com um clarão de triunfo nos olhos muito vivos. — Podemos, pois, contar absolutamente contigo? Mas olha lá...

Conteve-se um momento para falar com clareza:

— Tu és um bocado para sustos. Vá... Um bocadinho menino da mamã, às vezes...

Terás coragem para te submeteres a provas um tanto ou quanto encravantes?... Quero dizer, a certas cerimónias complicadas, que das em precipícios... Não valem nada, no fundo, mas não se dispensam.

— Quedas em quê? Como é isso? — interroguei, ofegante.

— Homem, não é razão para que tornes atrás. Os precipícios são de estôpa; colções de fôlha!

Então resolutamente condicionei o meu caso. Que ouvira falar em valentes punhadas, brandidas de vontade ao atravessar das portas. Constava que, para se ser iniciado numa sociedade daquelas, se suportavam inclemências, assinaturas de comprometimento lavradas com o próprio sangue. E não queria! Não, lá por esse processo era melhor desistir.

— Cobarde! — insultou o Bastos com indignação profunda. — Desistir dum grupo como o nosso, nas circunstâncias que te expus, é uma traição aos princípios. E dizes-te anarquista! Mais de vagar com afirmações dessa ordem. Anarquista?! Era bom!... O que tu és, é medroso. E não tens vergonha na cara? Não pestanejas? Mas o simplório fui eu, que te peguei na palavra. Enfim, no melhor pano cá a nódoa... Enganei-me! Contava com um elemento fixe, um futuro ornamento dos arraiais libertários, saís-me um chochinhas qualquer! Mas fica-me de emenda!

E a sua cólera ainda rugiu longo tempo. Então, com uma voz humilhada que o comoveu seriamente, expliquei-lhe os meus receios. Ele devia saber que eu não mudava de ideias como quem muda de roupa. Isso não. Compenetrara-me da verdade anarquista, da podridão reinante nos serventuários do Estado e da Igreja, da miséria que devastava inúmeras famílias de operários dignos, e estava disposto a contribuir com uma acheda para a grande obra libertadora. Se o *Grupo Vingador* era o que o Bastos dizia, também ali estava, sim, para o que fosse preciso. O que me custava, era sujeitar-me às tropelias, aos meios brutais da admissão.

— Que queres?... — abreviei, com desconfiança. — Tenho um feitio tímido, sou nervoso...

— Bem, bem... Veremos o que se arranja. Como és o primeiro a entrar para a secção juvenil, pode ser que se consiga a supressão das cerimónias. Vou vêr... O que não dou, é a certeza...

Abracei o Bastos com alegria doida:

— Sempre me tiráste um péso das costas, homem! Que eu só receava os abismos, o sangue...

— Papões!... — declarou o Bastos encolhendo os ombros com tédio. — Ligar importância a uma coisa que não vale dez réis furados!

Depois, mais calmo, e trabalhando no íntimo pela curiosidade crescente, perguntei:

— Não é a essa história das provas que chamam as forças claudinas?

— Caudinas, — emendou Bastos; divertido com a pergunta patúsca. — É o desfiliado por onde os samnitas obrigaram a passar as legiões romanas. Estás cada vez mais bruto!

Desembocávamos então no pátio da Barreira, muito frequentado a essa hora, e, por prudência, Bastos baixou a voz, de novo me aplicando:

— Descansa. Vais ver que a admissão se faz sem novidade. Eu falarei... Aquilo, de resto, é muito divertido, muito pândego. E, desde que se tenha a hombridade de não dar com a língua nos dentes, tudo nos corre bem. É, é... Dispõe-te a trabalhar para a reforma do grupo e não faças caso do resto. São sobrevivências ridículas, praxes estúpidas. É... Mas vai-se transigindo, modificando... Adeus!

ATLANTIDA

ROMANCE

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do Magazine Bertrand e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)



A proporção que êle com tanta amabilidade falava, eu sentia uma alegria enorme ao ver dissipar-se todos os meus receios. Não obstante, teimeei em mostrar certa reserva por se ter permitido dispor lá de longe da minha companhia, sem me dizer nada.

—Agradeço-lhe extremamente as suas lisongueiras palavras, capitão. Quando quer partir de Ouargla?

E êle com o maior desinteresse :

—Oh! Quando quizer. Amanhã, esta tarde. Atrazei-o; certamente já há muito que esta pronto...

Voltavam-se as minhas palavras contra mim, que só tencionava partir na semana seguinte :

—Amanhã, meu capitão? Mas... as suas bagagens?

Ele sorriu.

—Eu cuidava que se devia trazer o menos possível. Alguma roupa, papel, o meu dromedário, trouxe tudo e sem custo. O mais que fôr preciso dir-mo-há o meu camarada, e deve havê-lo aqui.

Eu já nada podia objectar. E já me sentia extraordinariamente atraído por tanta franqueza de espírito e de maneiras.

—E então! — disseram-me os camaradas quando nos juntámos à hora do aperitivo. — O teu capitão é imensamente simpático!

—Isso é.

— Vocês devem entender-se. Tem apenas cuidado em que êle não puxe para si todo o proveito.

—Vamos trabalhar em campo diverso — respondi eu evasivamente.

* * *

Era alto, de rosto cheio e côrado, e tinha uns olhos azuis risonhos, o cabelo preto, e os cabelos quási brancos.

—Tenho que pedir-lhe mil desculpas, camarada — disse-me logo com uma franqueza que só nêlo observci. — Deve estar muito pouco contente com o importuno que lhe veio estragar os projectos e atrazar a partida.

—De modo nenhum, meu capitão — respondi com frieza.

—Olhe a culpa, até certo ponto, foi sua. Foi o grande conhecimento dos caminhos do Sul, tão celebrado em Paris, que me suscitou o desejo de o ter por iniciador, quando os ministros da Instrução e do Comércio e a Sociedade de Geografia me encarregaram de vir estudar o antigo itinerário das caravanas que desde o século IX traficavam entre Tunís e o Sudão, por Tozeur, Ouargla, Es-Souk e a curva de Bourroum, e verificar se será possível restituir a êste trajecto o antigo esplendor. Ao mesmo tempo tive conhecimento, no Serviço Geográfico, da viagem que o senhor ia executar. De Ouargla a Shikh-Salah, os nossos itinerários são comuns. Ora eu devo confessar-lhe que é a primeira viagem dêste género que eu empreendo. Ora eu seria capaz de estar uma hora a dissertar sobre a literatura árabe, no anfiteatro da Escola das Línguas orientais, mas creio que, no meio do deserto, me veria tão embaraçado que havia de perguntar se teria de ir para a direita ou para a esquerda. Oferecia-se-me uma ocasião única de me iniciar, e devendo a iniciação a um companheiro muito agradável. Peço-lhe que me não leve a mal tê-la aproveitado. Uma coisa tenho ainda a acrescentar. Eu vou numa missão de carácter puramente civil; o meu camarada vai investido pelo ministério da Guerra. Até o instante em que, chegados a Shikh-alah, nos separarmos, o senhor para se dirigir ao Tuat, eu para fazer rumo ao Niger, todos os seus conselhos, tôdas as suas ordens serão escrupulosamente seguidas por um subalterno e, assim o espero, por um amigo.

Juro que estava apenas pensativo. Já não me sentia aborrecido com Morhange. Mas o meu silêncio persuadiu-os de que lhe guardava rancor. E todos, todos disseram depois, quando começaram a correr suspeitas :

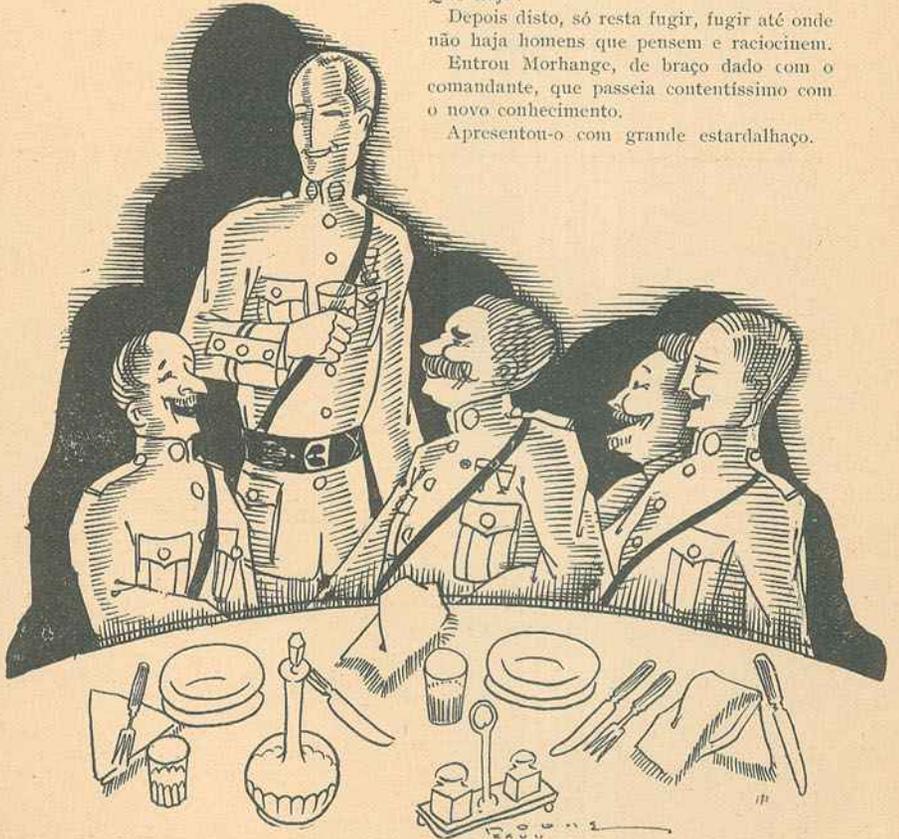
—Culpado, com certeza. Nós que os vimos partir juntos, podemos affirmá-lo.

Sim, sou culpado... Mas por inveja?!... Que nojo!

Depois disto, só resta fugir, fugir até onde não haja homens que pensem e raciocinem.

Entrou Morhange, de braço dado com o comandante, que passava contentíssimo com o novo conhecimento.

Apresentou-o com grande estardalhaço.



—O capitão Morhange, meus senhores. Palavra que é um oficial da velha escola a respeito de alegria! Quer-se ir amanhã embora, mas nós vamos fazer-lhe uma tal recepção que dentro de duas horas perca essa ideia. Não é verdade que vai ficar oito dias conosco?

—Estou à disposição do tenente de Santo-Avito,—disse êle sorrindo.

Todos falavam; os copos tiniam. Os camaradas torciam-se de riso com as histórias que contava o recém-chegado. E eu nunca, nunca me havia sentido tão triste.

Fomos jantar.

—A minha direita, capitão!—gritou o comandante cada vez mais alegre.—E espero que continui a contá-las boas lá de Paris. Aqui não chega nada, bem sabe.

—As suas ordens, comandante—disse Morhange.

—Sentem-se, senhores.

Os oficiais obedeceram, arrastando as cadeiras com grande rumor.

Morhange ficou em pé. Eu segui-o com o olhar.

—Meu comandante, meus senhores, dão-me licença—disse êle.

E antes de sentar-se àquela mesa em que devia mostrar-se o mais alegre de todos, Morhange recolheu-se e de olhos baixos, a meia voz, disse o *Benedicite*.

CAPÍTULO IV

A VINTE E CINCO GRAUS

Dizia-me o capitão Morhange, quinze dias depois:—Afinal o senhor conhece os antigos caminhos do Saará muito melhor do que me deixou entrever, pois que até conhece a existência das duas Tadekkas. Essa de que acaba de falar é a Tadekka de Ibn-Batoutah que êste historiador coloca a setenta dias do Tuat, e que Schirmer situa, com razão, no país dos Aouelimiden. Era por ela que passavam, no século IX inexplorado, as caravanas sonhais que iam ao Egipto uma vez por ano.

A Tadekka a que me refiro é a outra, a capital dos homens *velados*, situada a vinte dias ao Sul de Ouargla por Ibn-Zhaldoun, e e trinta por El-Bekri, que lhe chama Tadmekka. É para esta Tadmekka que eu me dirijo. É esta Tadmekka que devemos reconhecer nas ruínas de Es-Souh. Era por Es-Souh que passava a estrada comercial que no século IX ligava o Djerid da Tunísia ao cotovelo que faz o Níger em Bourroum. Foi para estudar a possibilidade de se tornar a utilizar êste antigo trajecto que os ministros me encarregaram da missão a que devo o prazer da sua companhia.

—Há de ter desilusões—murmurei eu.—

Tudo me diz que o comércio que se faz por êsse caminho é hoje insignificante.

—Vamos a ver, responderen êle sossegadamente.

*
* *

Iamos ao longo de uma lagôa salgada de margens uniformes, cujo azul pálido brilhava ao sol nascente. As largas passadas dos nossos cinco dromedários projectavam nêles as suas sombras movediças de um azul mais escuro. Uma ave, espécie de garça real, único habitante destas solidões, elevou-se e ficou pairando no ar, como suspensa de um fio, para tornar a descer à terra assim que nós passámos.

Eu ia adiante, ocupando-me do itinerário. Seguia-se Morhange. Embrulhado num imenso albornoz branco, com o turbante dos cipais, e, ao pescoço, um terço enorme feito de grandes contas pretas e brancas, terminado por uma cruz, realizava perfeitamente o tipo dos padres brancos do cardeal Lavigerie.

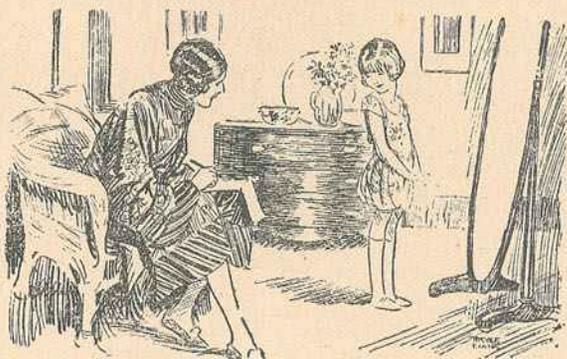
Depois de uma paragem de dois dias em Temassinin tínhamos acabado de deixar o itinerário de Flatters, para obliquar para Sudoeste.

(Continua)





Passatempo



Luizinha: — A mamã deve ter sido muito bonita, dantes.
A mãe: — Porque pensas isso, meu amor?
Luizinha: — Por ter assim uma filha tão linda!

O pai: — Então o que viste tu na matiné?

A filha: — Vi o chapéu novo da Ermelinda, vi a noiva do Ricardo Silva e vi um casaco de peles que era mesmo um encanto.

■ ■

O médico (para o doente, já convalescente, que faz objecções ao tamanho da conta): — Então, lembre-se que lhe fiz uma quantidade enorme de visitas.

O doente: — Pois sim; mas lembre-se que fui eu que peguei a moléstia à vizinhança toda!

■ ■

ILUSÃO OPTICA



Se alguma das nossas leitoras quiser parecer mais alta ou mais baixa do que realmente é, pode consegui-lo até certo ponto, vestindo-se com uma fazenda de riscas. Se estas forem colocadas no sentido horizontal, a leitora parecerá mais alta; pondo-as, ao contrário, no sentido vertical, parecerá de menor estatura. Há nisto um

efeito de ilusão optica, que se observa mas que se não sabe explicar. Por exemplo, nas duas figuras aqui juntas, — as quais representam dois quadrados formados por linhas paralelas — embora os lados desses quadrados sejam na realidade perfeitamente iguais, julgar-se-ia poder afirmar que a figura em que as linhas são verticais é mais larga do que alta, enquanto que se dá o contrário para aquela em que as linhas são horizontais.

COISA SÉRIA

— Soubeste daquele grande violinista que morreu? Tinha tanto amor ao seu violino que quis que o enterrassem com êle.

— Sério? Olha que ainda foi bom êle não ser pianista.

■ ■

No colégio.

O professor: — Há aqui algum aluno que monte em bicicleta?

Um discípulo: — Eu, sr. professor.

Professor: — Quantos qui-

lómetros anda por hora?

Discípulo: — Dezesete.

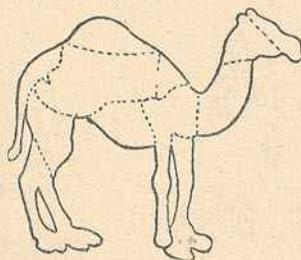
Professor: — Bem; diga-me então quanto tempo precisava para chegar à lua, que dista 384:000 quilómetros da terra?

Discípulo: — Não sei. Isso dependia do estado das estradas.

■ ■

O PESA-PAPÉIS PARTIDO

(Solução)



Aqui está o pesa-papéis concertado como se pedia.

O LABIRINTO DO PERU



Passar por todas as sete casas do labirinto, desde o peru no ovo até ao peru no prato.

■ ■

Num exame de cirurgia:

— A pessoa a que aludimos tem uma perna mais curta que outra e, portanto, coxeia. Que faria o senhor neste caso?

— Eu... creio que coxearia também.

■ ■

— Luisa, disseram-me que fizeste as pazes com a Joana?

— É verdade. Encontrei-a tão feia que não tive outro remédio...

■ ■

— Que espécie de marido me aconselhas tu que arranje?

— Arranja um homem solteiro e deixa lá os maridos em paz.

■ ■

O passageiro (chegando a correr, esbafoado, à estação, para o empregado): — Ainda poderei apanhar o comboio das dez e vinte?

O empregado: — Talvez; êle partiu há cinco minutos, apenas.



Pelo meio desta creançada anda um velhote e o polícia de serviço. Lá estão êles.

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

LÉON DAUDET

SECÇÃO FRANCESA

LITTERATURA

ROMANCES, CONTOS E NOVELAS

ADAM (JEANNE) — *L'Offrande*. 9 fr.
 AGUETANT (PIERRE) — *Les Amours incertaines*. 10 fr.
 ARNOUX (ALEXANDRE) — *Huon de Bordeaux*. 7 fr. 50.
 AUBRY (OCTAVE) — *Brelan de Femmes*. 12 fr.
 BAZIN (RENÉ) — *Le blé qui lève*. 15 fr.
 BOUTET (FRÉDÉRIC) — *L'Homme qui épouse sa femme*. 12 fr.
 BÉDIER (JOSEPH) — *La Châtelaine de Vergy*. Conto do XVIII.º séc.º. 20 fr.
 CAMI — *Camivoyageur*. 12 fr.
 CARELLE (ANDRÉ) — *Le Secret de Madame de Labordé*. 12 fr.
 CASTAGNOU (ANDRÉ) — *Diana*. 12 fr.
 CHAMPSAUR (FÉLICIE) — *La faule des roses*. 15 fr.
 CHAMSON (ANDRÉ) — *Les Hommes de la route*. 12 fr.
 CHARDONNE (JACQUES) — *Le Chant du bienheureux*. 12 fr.
 CHARPENTIER (JOHN) — *Les deux visages de l'amour*. 12 fr.
 CIOCI (ALBERTO) — *Moccoco, l'ami de Lumignon*. Trad. do ital. pela Condessa de Gencé. 12 fr.
 CONSTANTIN-WEYER (M.) — *Cavaller de la Salle*. 12 fr.
 CREVEL (RENÉ) — *Babylone*. 13 fr. 50.
 DELAMARE (GEORGE) — *Le Feu de joie*. 12 fr.
 DUTHIEL (HENRI) — *Les Puils empoisonnés*. 12 fr.
 DUVERNOIS (HENRI) — *Les voyages de Monsieur Pinperneau*. 12 fr.
 DYVONNE — *Cinderella married*. Col. inglesa. 12 fr.
 FOREST (FRANCIS) — *Sur un air américain*. 12 fr.
 FORSTER (E. M.) — *Roule des Indes*. Trad. do inglês por C. Mauron. 15 fr.
 GAST (RENÉ) — *Lolita*. Romance de Argélia. 12 fr.
 GUIREK (JEAN) — *Une femme de seize ans*. 10 fr.
 GYP — *My friend Pierrot*. 12 fr.
 HARRY (MYRIAM) — *Petites épouses*. 12 fr.
 HERMANT (ABEL) — *Camille aux cheveux courts*. 12 fr.
 HERMANT (ABEL) — *Monsieur Rabosson (L'Éducation universitaire)*. 12 fr.
 JEAN-JEVAL (LILY) — *L'Inquiète*. 12 fr.
 LAPORTE (RENÉ) — *Le Dîner chez Olga*. 12 fr.
 LICHTENBERGER (A.) — *Nané au Maroc*. 11 fr. 50.
 MACHARD (ALFRED) — *Le Clown et sa chimère*. 10 fr.
 MARDRUS (DR. J.-C.) — *Histoire charmante de l'adolescente Sucre d'amour*. 12 fr.
 MARGERITTE (EVE-PAUL) — *Les Sainte-Cathérine*. 10 fr.
 MARTINON (SUZANNE) — *L'Orgueilleuse*. 12 fr.
 MANDELSTAMM (VALENTIN) — *Le Crack*. 9 fr.
 MARLITT (E.) — *Ma seconde femme*. Trad. do alemão por E. B. Lang. 12 fr.
 MERIC (VICTOR) — *Le crime des vieux*. 12 fr.
 MERLET (J. F. LOUIS) — «13.004», roman d'un forçat. 9 fr.



Herdeiro de um nome insigne nas letras francesas, Léon Daudet não tem malbaralado a herança; é hoje um dos mais notáveis escritores da sua língua. Romancista de estilo limpo e arguta observação, crítico penetrante e polemista do extraordinário espirito combalivo, tem dividido a sua actividade pela literatura e pela pollicia. Há pouco tempo ainda Léon Daudet esteve em foco, em virtude duma campanha jornalística que intentou e o conduziu à prisão, donde, por traça engenhosa dos seus adeptos, não lardou em evadir-se. Professa ideias monárquicas e é católico militante, circunstância que o não isentou de, com Maurras, sofrer a excomunição papal. Somam mais de sessenta as suas obras publicadas, de entre as quais salientamos as seguintes: *Dans la lumière*; *Le Bonheur d'être riche*; *La Lutte romances*; *Une Campagne d'Action Française*; *L'Avant-Guerre, livro que se pode dizer profético*; *Le Stupide XIX.º siècle, obra discutidissima*; *L'Héredo*; *L'Astre Noir*; *Les Morticoles*; *Les Primaires*.

MIOMANDRE (FRANCIS DE) — *Pierre Pons, pafin de feutre*. 7 fr. 50.
 NAVERY (RAGUL DE) — *Les Naufrageurs*. 7 fr. 50.
 NODIER (CHARLES) — *Contes*. 18 fr.
 NORMAND (SUZANNE) — *Cinq femmes sur une galère*. 10 fr.
 O'NOLL (FLORENCE) — *Fils de Maître*. 9 fr.
 OSTROGOC (COMTESSA) — *Pierre Lol à Constantinople*. 10 fr.
 PECHARD (CHARLES) — *Les zigzags de l'amour*. 10 fr.
 POITRAU (EMILE) — *Le père Terroir*. 10 fr.
 PRAVIEL (ARMAND) — *La Seconde Marie-Anloinette*. 12 fr.
 PREVOST (MARCEL) — *Les Don Juanes*. 12 fr.

PUJOL (RENÉ) — *Lévy-Durand, banquier*. 9 fr.
 QUIROGA (HORACIO) — *Contes de la Forêt vierge*. Trad. de Francis de Miomandre. 10 fr.
 RAMOS (GERMAINE) — *Nos Amants*. 10 fr.
 RAVENNES (JEAN) — *L'Aventurine*. 12 fr.
 RAMBAU (JEAN) — *Les aventures d'un poète*. 12 fr.
 RIVET (CHARLES) — *Le Triomphe de Léline*. 12 fr.
 ROUFF (MARCEL) — *Les Étranglés*. 12 fr.
 RAVENNES (JEAN) — *La Jeunesse des Dieux*. 12 fr.
 ROSTAND (MAURICE) — *Le Second Werther*. 12 fr.
 RIVOLLET (ANDRÉ) — *Ballement de cœur*. 25 fr.
 ROMILLY (ÉDOUARD) — *Les Amants de Cléopâtre*. 12 fr.
 SOY (EMMANUEL) — *Mariage d'exception*. 8 fr. 50.
 SVEVO (ITALO) — *Zéno*. Trad. do ital. por Paul Henri Michel. 15 fr.
 SANGLE (CHARLES) — *Les Dilettantes de l'amour*. 12 fr.
 SÉGUR (NICOLAS) — *Le rideau rouge*. 12 fr.
 SOUPAULT (PHILIPPE) — *Le Nègre (Celui qui a conquis l'Europe)*. 13 fr. 50.
 STROWSKA (SUZANNE) — *Légendes polonaises*. 11 fr.
 SILVESTRE (CHARLES) — *Amour sauvé*. 12 fr.
 SEFOULINA (LYDIA) — *Virineya*. Trad. do russo por Hélène Iswolsky. 12 fr.
 STREMAN (ANDRÉ) — *Histoires belges*. 9 fr.
 STEVENSON (ROBERT-LOUIS) — *Aventures de David Balfour*. 12 fr.
 TCHEKHOV (ANTONE) — *Voisins*. Trad. do russo. 12 fr.
 TRILBY (T.) — *Bouboule ou Une Cure à Vichy*. 12 fr.
 TILLIER (CLAUDE) — *Mon oncle Benjamin*. 12 fr.
 TRILBY (T.) — *The pretty mistake*. Col. inglesa. 12 fr.
 VALMIKI — *La légende de Râma et Shâ*. Extractos do Ramayana. Trad. do sânscrito com uma introdução e notas por Gaston Courtillier. 36 fr.
 WELLS (H. G.) — *La Perle de l'amour*. Trad. do inglês por Odette Keun. 60 fr.
 WELLS (H. G.) — *Un rêve... une vie...*. Trad. do inglês por Louis Labat. 12 fr.
 WILD (HERBERT) — *Le Colosse endormi*. 12 fr.
 YVER (COLETTE) — *Haudouin de Lyon*. 9 fr.
 ZANTA (LÉONTINE) — *Le Pari du jeu*. 12 fr.

ENSAYOS E CRÍTICAS

ARNAOUTOVITCH (ALEXANDRE) — *Henri Becque*. I — *Sa biographie, Son observation, Sa philosophie*. II — *La forme, L'Originalité*. III — *Devant ses contemporains et devant la postérité*. 100 fr.
 BAINVILLE (JACQUES) — *Au seuil du siècle*. 20 fr.
 BOREL (PIERRE) e PETIT BLEU — *Le Destin tragique de Guy de Maupassant*. 25 fr.
 CHESTERTON (G. K.) — *Dickens*. Trad. do inglês por A. Laurent e L. Martin-Dupont. 12 fr.
 DRIEU LA ROCHELLE — *Le Jeune Européen*. 12 fr.
 DERMINGHEM (EMILE) — *Thomas Morus et les Utopistes de la Renaissance*. 12 fr.
 DUHAMEL (GEORGES) — *Mémorial de Canchois*. 30 fr.
 FERRERO (CUGLIELMO) — *L'Unité du monde*. 11 fr.

As livrarias ALLAUD e BERTRAND dão gratuitamente todas as informações às consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Annual		Semestre	Annual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados.. .. .	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL... ..		49\$00	96\$00	BRASIL... ..	52\$00	102\$00
Registados.. .. .		53\$80	105\$60	Registados	61\$60	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO... ..	63\$00	124\$00
Registados.. .. .		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

NÚMERO AVULSO 4300